UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

LUHEMA SANTOS UETI

O léxico da cultura brasileira no livro didático “Português Via Brasil: um curso avançado para estrangeiros”

Versão corrigida

São Paulo
2012

LUHEMA SANTOS UETI

O léxico da cultura brasileira no livro didático “Português Via Brasil: um curso avançado para estrangeiros”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção de título de mestre em Letras.

Orientadora: Profª. Drª. Beatriz Daruj Gil

Versão corrigida

“De acordo”

Profa. Dra. Beatriz Daruj Gil

São Paulo

2012

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

U22l UETI, Luhema Santos.

O léxico da Cultura brasileira no livro didático "Português via Brasil: um curso avançado para estrangeiros/Luhema Santos Ueti. São Paulo, 2012.

152f. : il.

Aos meus pais, familiares, amigos, professores e alunos que deram o apoio necessário para que este sonho se tornasse realidade.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida e pelas oportunidades dadas.

À Profª. Drª. Beatriz Daruj Gil pela confiança, infinita paciência e excepcional dedicação durante todos os momentos de orientação deste trabalho.

Às Professoras Doutoras Rosane de Sá Amado e Maria Helena da Nóbrega pelas valiosas observações e conselhos.

À banca examinadora pelas ricas contribuições.

À Professora Doutora e amiga Mariangela Garcia Lunardelli por ter me introduzido na área de PFOL e por toda ajuda e motivação.

À Neide Tomiko Takahashi pelo ombro amigo, conversas e conselhos.

À Vera Lucia Consoni pelas explicações, indagações e revisões.

Aos colegas de pesquisa com quem partilho a trajetória acadêmica.

A todos os meus professores e aos colegas de trabalho que colaboraram para que eu me tornasse a profissional e pesquisadora que sou hoje.

Aos profissionais que responderam ao questionário.

À minha família, que pacientemente me apoiou durante todo o caminho.

Cada sociedade (e cada ser humano) apenas se utiliza de um número limitado de “coisas” (e de experiências) para construir-se como algo único, maravilhoso, divino e “legal”...

Roberto DaMatta

UETI, Luhema Santos. **O léxico da cultura brasileira no livro didático "Português Via Brasil: um curso avançado para estrangeiros"**. 2012. 152f. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

RESUMO

O presente trabalho objetiva realizar um levantamento do léxico da seção "Cotidiano Brasileiro" do livro didático "*Português Via Brasil*: um curso avançado para estrangeiros", identificar os campos léxico-semânticos para, com isso, verificar como é apresentada a cultura brasileira aos alunos estrangeiros que querem aprendê-la. Ao se pensar em ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira, sabe-se que não é possível dissociar o ensino/aprendizagem de língua e cultura da nação que a tem como oficial, tendo em vista que, para se compreender a estrutura de uma língua, é necessário, também, que se entenda a cultura dos falantes dessa língua. Por ser o léxico a parte da língua que veicula dados culturais e contribui para a compreensão da visão de mundo do falante, optou-se por realizar um levantamento e estudo das escolhas lexicais (lexias) do *corpus*, a fim de poder identificar como a cultura brasileira é apresentada no LD selecionado.

Palavras-chave: Português para Falantes de Outras Línguas, Cultura, Livro didático, Léxico.

UETI, Luhema Santos. **The lexicon of the Brazilian culture in the textbook "Português Via Brasil: um curso avançado para estrangeiros"**. 2012. 152f. Dissertation (Master in Philology and Portuguese Language) – FFLCH. Universidade de São Paulo (University of São Paulo), São Paulo, 2012.

ABSTRACT

This paper aims to make a survey on the lexicon in "Cotidiano Brasileiro" from the textbook "Português Via Brasil: um curso avançado para estrangeiros", to identify the lexical-semantic fields, and to check how Brazilian culture is presented to foreigner students who want to learn it. When thinking about teaching/learning a foreign language, it is known that it is not possible to separate teaching/learning of the language and culture of a nation, having in mind that in order to understand the structure of a language it is also necessary to understand the culture of the speakers of that language. The lexicon is the part of the language that conveys cultural information and contributes to the understanding of the world around us, and being so it has been decided to lead a survey and a study of the lexical choices of the *corpus* so that it can be identified how the Brazilian culture is shown on the selected textbook and as well as analyzed and presented through the lexicon for foreign students.

Keywords: Portuguese for Speakers of Other Languages, Culture, Textbooks, Lexicon.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

1 A LINGUÍSTICA APLICADA E O ENSINO DE LÍNGUAS 12

1.1 HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA APLICADA 12

1.2 O ENSINO DE LÍNGUAS NO BRASIL.....13

1.3 O ENSINO DE PFOL NO MUNDO E NO BRASIL 15

2 CULTURA: ENSINAR E APRENDER 18

2.1 CONCEITOS.....18

2.2 ENSINO DE CULTURA NAS AULAS DE LÍNGUA ESTRANGEIRA.....20

3 A HISTÓRIA DO LIVRO DIDÁTICO.....22

3.1 O SURGIMENTO DO LIVRO 22

3.2 O LIVRO DIDÁTICO NO BRASIL.....24

3.3 O LIVRO DIDÁTICO DE PFOL.....25

4 LÉXICO E DISCURSO 29

4.1 CAMPOS LÉXICO-SEMÂNTICOS.... 31

4.2 LÉXICO NA PERSPECTIVA DISCURSIVA 32

4.3 O GÊNERO DISCURSIVO NA SEÇÃO “COTIDIANO BRASILEIRO”.....33

5 CONSTITUIÇÃO E APRESENTAÇÃO DO *CORPUS* 36

5.1 O LIVRO DIDÁTICO “PORTUGUÊS VIA BRASIL: UM CURSO AVANÇADO PARA ESTRANGEIROS” 41

6 COMPOSIÇÂO DO *CORPUS* 48

7 ANÁLISE DOS CAMPOS LÉXICO-SEMÂNTICOS.....56

7.1 FESTAS POPULARES 56
7.2 PONTOS TURÍSTICOS 60
7.3 VEGETAÇÃO 64
7.4 FAUNA 66
7.5 PESSOAS IMPORTANTES NO DESENVOLVIMENTO DO PAÍS 68
7.6 RELIGIOSIDADE 70
7.7 RECURSOS MINERAIS 73
7.8 DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA 75
7.9 RECURSOS HÍDRICOS.....77
7.10 CORPO DOS BRASILEIROS 78

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....80

REFERÊNCIAS.....83
APÊNDICES 90
APÊNDICE A – Resposta 1 da Ficha de pesquisa sobre de livros didáticos PFOL 91
APÊNDICE B – Resposta 2 da Ficha de pesquisa sobre de livros didáticos PFOL 93
APÊNDICE C – Resposta 3 da Ficha de pesquisa sobre de livros didáticos PFOL 95
APÊNDICE D – Resposta 4 da Ficha de pesquisa sobre de livros didáticos PFOL 97
APÊNDICE E – Resposta 5 da Ficha de pesquisa sobre de livros didáticos PFOL.....99
APÊNDICE F – Resposta 6 da Ficha de pesquisa sobre de livros didáticos PFOL.....101
APÊNDICE G – Resposta 7 da Ficha de pesquisa sobre de livros didáticos PFOL 103
APÊNDICE H – Resposta 8 da Ficha de pesquisa sobre de livros didáticos PFOL 105
APÊNDICE I – Resposta 9 da Ficha de pesquisa sobre de livros didáticos PFOL.....107
APÊNDICE J – Resposta 10 da Ficha de pesquisa sobre de livros didáticos PFOL 109
ANEXOS.....111
ANEXOS A - Prefácio da edição de 2010 112
ANEXOS B - Texto: Cena Paulistana: Árvores paulistanas 113
ANEXOS C - Texto: Cena brasileira: O Negro – O Preconceito racial.....114

ANEXOS D - Texto: Cena Pernambucana: Festas juninas 115

ANEXOS E - Texto: Cena brasiliense: Brasília e o Quadrilátero Cruls 116

ANEXOS F - Texto: Cena do Pantanal Mato-Grossense 118

ANEXOS G - Texto: Cena amazonense 119

ANEXOS H - Texto: Cena mineira: As riquezas do Brasil mineiro – das montanhas rumo ao mar 121

ANEXOS I - Texto: Cena catarinense: O Caminho dos Tropeiros 122

ANEXOS J - Texto: Cena carioca: Ano-novo: festa na praia 123

ANEXOS K - Texto: Cena de verão 124

ANEXOS L - Prefácio da edição de 1990 125

ANEXOS M - Texto: Cena paulistana: Numa carroça, Santino vende seus sorvetes 126

ANEXOS N – Texto: Cena brasileira: O Negro – 13 de maio de 1888 – Abolição da Escravatura no Brasil 128

ANEXOS O - Texto: Cena pernambucana: Festas juninas 130

ANEXOS P - Texto: Cena brasiliense: Brasília no pau-de-arara 133

ANEXOS Q - Texto: Cena do Pantanal Mato-grossense: Onça-pintada ataca cavalos no Pantanal 136

ANEXOS R - Texto: Cena amazonense (1) Passeando de barco pelas cercanias de Manaus 138

ANEXOS S - Texto: Cena amazonense (2) O outro lado da moeda 139

ANEXOS T - Texto: Cena baiana: Romeiros sem medo de perder a vida 142

ANEXOS U - Texto: Cena carioca: Ano novo: festa na praia 144

ANEXOS V - Texto: Cena de Verão: A celebração do corpo no verão das academias 145

INTRODUÇÃO

O ensino de português para falantes de outras línguas (doravante PFOL)[1], que se iniciou no Brasil no século XVI, quando começou a ser ministrado aos índios, esteve sempre em segundo plano, comparado ao ensino de português como língua materna (ALMEIDA FILHO, 1992). Por mais que o ensino de PFOL aos índios e também, após alguns séculos, aos imigrantes europeus e asiáticos, fosse frequente, pesquisas não foram realizadas, materiais didáticos não foram produzidos e nem houve cursos para a formação de professores na área até a década de 1950, quando os primeiros livros didáticos (LDs) de PFOL são publicados no Brasil e, até meados da década de 1980, quando aparecem as primeiras pesquisas (FURTOSO, 2001).

De 2006 a 2011, o número de vistos de trabalho para estrangeiros cresceu mais de 140% (CAVALINI, 2011). No terceiro trimestre de 2012, houve aumento de 5% no número de vistos de trabalho concedidos aos estrangeiros com relação ao mesmo período de 2010 (MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO, 2012). Ao viver em um país diferente do seu, o indivíduo entra em contato com a cultura e a língua locais, tornando-se necessário aprendê-las para se adaptar e sentir-se integrado ao grupo.

Não é só pela vivência que o estrangeiro é colocado em contato com a língua e cultura do país, é possível consegui-lo por meio do LD, pois este é um recurso muito utilizado pelos professores e reflete as ideologias de um determinado contexto. Sendo o LD um meio pelo qual os alunos estrangeiros estão em contato com a língua e cultura brasileira, questiona-se se os LDs de PFOL apresentam curiosidades da nossa língua/cultura ou se propiciam ao aluno o entendimento das relações, situações e fatos ocorridos, a partir da sua cultura e da língua/cultura-alvo.

Por isso, para identificar como é abordada a cultura nos LDs de PFOL, apoiando-se nos conceitos de cultura apresentados por Kramsch (1998) e Hadley[2] (1993, *apud* LIMA, 2000) analisa-se o léxico de uma seção de um dos LDs mais utilizados nas aulas

---

[1] Há diferentes termos utilizados, como: PLE (Português Língua Estrangeira), PL2 (Português como Segunda Língua), PBE (Português do Brasil para Estrangeiros), entre outros. Mas desde 2001, com a dissertação de Furtoso (2001), escolhe-se utilizar o termo PFOL, que se refere tanto aos aprendizes de L2 (indivíduos que aprendem a língua em contexto de imersão), como aos aprendizes de LE (indivíduos que aprendem a língua como estrangeira, em um país em que ela não é oficial).

[2] Hadley, A. O. **Teaching language in context**. Boston: Heinle, 1993.

PFOL, de acordo com o resultado da pesquisa realizada em escolas que oferecem o curso de PFOL na cidade de São Paulo.

Inicialmente, foi enviado um questionário a quinze escolas da capital paulista que oferecem cursos de PFOL. Concentrou-se, em seguida, nas respostas da questão sobre LDs mais utilizados, das quais se depreendeu a obra utilizada para o estágio avançado **Português Via Brasil: um curso avançado para estrangeiros**. Para este trabalho, selecionou-se então uma seção dessa obra, intitulada "Cotidiano Brasileiro", que é apresentada pelas autoras como seção referente à cultura brasileira.

Com a definição do objeto de estudo, foi possível compor o *corpus* deste trabalho com dez textos que, segundos as autoras do LD, têm como tema a cultura brasileira. Sendo o léxico a parte da língua que veicula dados culturais e que pode contribuir para o entendimento da visão de mundo dos indivíduos, optou-se por realizar um levantamento e estudo das escolhas lexicais (lexias) do *corpus*, a fim de poder identificar como a cultura brasileira é apresentada no LD selecionado. O léxico do *corpus* será organizado em campos semânticos e analisado com base na Lexicologia e na Análise Crítica do Discurso (ACD), pela vertente sociocognitiva de Van Dijk (1997).

Para entender as múltiplas formas de apresentar a cultura brasileira para alunos estrangeiros, iniciou-se o Capítulo 1 com o embasamento teórico da Linguística Aplicada ao ensino de línguas estrangeiras, englobando o histórico do ensino de línguas no Brasil e o ensino de PFOL através dos tempos e em diferentes contextos.

O Capítulo 2 estrutura-se no desenvolvimento do conceito de cultura, nos diferentes conceitos de cultura propostos por Kramsch (1998) e Hadley (1993) e nas abordagens de ensino de cultura apresentadas por Gimenez (2002).

O Capítulo 3 baseia-se na evolução do objeto livro, seu surgimento com Gutenberg, as diversas leis sobre o uso do LD nas escolas brasileiras e o LD nas aulas de PFOL.

O Capítulo 4 refere-se à delimitação dos conceitos relacionados à lexicologia como: lexia e suas divisões, campos léxico-semânticos, e ao estudo do léxico pelo viés discursivo.

No Capítulo 5, é apresentado o c*orpus* desta pesquisa: as tabulações das respostas ao questionário e a análise do LD mais utilizado pelas escolas de PFOL.

No Capítulo 6, encontram-se os dez campos léxico-semânticos e as análises deles. E no Capítulo 7, são apresentadas as considerações finais.

1 A LINGUÍSTICA APLICADA E O ENSINO DE LÍNGUAS

1.1 HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA APLICADA

A Linguística Aplicada (doravante LA) é um campo de que participam diversas disciplinas, como, por exemplo, a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia, e que tem como principal objetivo estudar a linguagem como prática social, seus contextos e a importância de seu uso.

Estudos apontam que seu surgimento deu-se na década de 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, quando linguistas, como Lado, Bloomfield e Fries aplicaram algumas teorias linguísticas ao ensino de línguas, tanto estrangeiras como segundas línguas. Juntamente com essas pesquisas, aliados aos estudos laboratoriais, Skinner e Pavlov, criaram o termo "Linguística Aplicada" (MACKEY[3], 1966/1973 apud SOARES, 2008).

Apesar de as primeiras pesquisas em LA focarem-se no ensino/aprendizagem de línguas, hoje há, pelo menos, três diferentes áreas em que a disciplina se envolve, conforme Menezes (2009, p.2) são elas:

> [...] ensino e aprendizagem (ex. trabalhos sobre estratégias de aprendizagem de língua estrangeira), aplicação de lingüística (ex. investigações sobre os princípios e parâmetros da gramática gerativa na interlíngua de aprendizes de língua estrangeira) e investigações aplicadas sobre estudos de linguagem como prática social (ex. estudos sobre identidade).

No Brasil, as pesquisas na área começaram na década de 1970 com os programas de pós-graduação e a criação das associações de professores, mas foi somente em meados dos anos 1990 que os estudos sobre línguas estrangeiras tornaram-se mais frequentes (CAVALCANTI, 1986). Mesmo não sabendo com exatidão quando a LA surgiu no país, sabe-se que as pesquisas dessa disciplina são relevantes, uma vez que produzem, em muitos casos, respostas para os problemas e dificuldades que os professores encontram nas aulas de línguas.

Nos dias de hoje, Celani (2000, p.19-20) aponta que:

> A LA como área de conhecimento é vista hoje como articuladora de múltiplos domínios do saber, em diálogo constante com vários campos que têm preocupação

[3] MACKEY, W. F. Applied Linguistics. In: *The Edinburgh Course in Applied Linguistics.* London: OUP, 1973. 247-255. [artigo originalmente publicado em *English language teaching*, vol. xx, n.1, 197-206.1966]

> com a linguagem. Tendo em vista que a linguagem permeia todos os setores de nossa vida social, política, educacional e econômica, uma vez que é construída pelo contexto social e desempenha o papel instrumental na construção dos contextos sociais nos quais vivemos, está implícita a importância da LA no equacionamento de problemas de ordem educacional, social, política e até econômica.

A partir disso, é possível compreender que a LA deixou de ser apenas a aplicação da teoria, e passou a ser uma área "mestiça" na qual o pesquisador utiliza o conhecimento de diversas disciplinas para entender como ocorrem alguns processos, como o de ensino/aprendizagem de línguas (MOITA LOPES, 2006). Assim, as investigações desta pesquisa têm como base a LA, uma vez que é por meio dela que é possível descobrir e compreender as diferentes etapas que os alunos percorrem durante o ensino/aprendizagem de PFOL. Também é mediante seu estudo que é possível analisar os LDs e refletir sobre a utilização desse recurso nas aulas de línguas.

1.2 O ENSINO DE LÍNGUAS NO BRASIL

Almeida Filho (2005) e Leffa (1999) apresentam sínteses da trajetória do ensino de línguas no Brasil, que caminha há mais de quinhentos anos. Leffa (1999, p.13) aponta que, no Brasil, o ensino de línguas desenvolve-se a passos lentos:

> O que aconteceu com o ensino de línguas no Brasil tem sido um eco do que aconteceu em outros países, geralmente com um retardo de alguns decênios, tanto em termos de conteúdo (línguas escolhidas) como de metodologia (método da tradução, método direto, etc.).

Fazendo uma síntese do que o autor apresenta sobre a história do ensino de línguas, principalmente no âmbito escolar, essa trajetória começa com os jesuítas ensinando o português como língua estrangeira aos índios. Durante o império, as línguas estrangeiras ensinadas eram as clássicas (grego e latim) e as modernas (francês, inglês, alemão e italiano), aquelas preferencialmente, e a abordagem utilizada para o ensino de línguas, tanto clássicas quanto modernas, era a da gramática-tradução, o "ensino da segunda língua pela primeira língua", com ênfase na tradução e nas regras gramaticais da língua-alvo (LEFFA, 1988, p.215).

Leffa (1999) ainda aponta os principais acontecimentos na história do ensino de línguas, resumidos a seguir:

- Era Vargas: aplicação da reforma de 1931, na qual o método direto para o ensino de línguas estrangeiras foi introduzido pelo professor Carneiro Leão. Além disso, o ensino das línguas clássicas decai e o das modernas é propagado;
- Décadas de 1940 e 1950: aplicação da reforma Capanema, na qual o ensino de línguas é implementado desde o ginásio até o ensino médio, e também há a possibilidade de se estudar diferentes línguas como o francês, o italiano e o espanhol. O uso de recursos audiovisuais pelo professores é incentivado;
- Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1961: retirada do latim e do francês do currículo das escolas;
- LDB de 1971: restrição da oferta de ensino de línguas estrangeiras, que, em muitos casos passou a não ser apresentado em nenhum ano da vida escolar dos alunos;
- LDB de 1996: obrigatoriedade do ensino de língua estrangeira para o ensino fundamental e ensino médio. Já não há a preferência por uma abordagem específica, mas sim por diversas concepções metodológicas;
- Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de 1997: proposta de ensino com base na abordagem sociointeracionista.

Almeida Filho (2005) também descreve a história do ensino de línguas no Brasil, explanando sobre as metodologias e abordagens utilizadas no decorrer dos anos. Além dos fatos históricos marcantes para o ensino de línguas no país, durante o Império e a República Velha, o autor menciona que é na década de 1930 que as primeiras universidades brasileiras são criadas, e somente após mais de trinta anos, que a preocupação com os métodos de ensino e abordagens surge.

É durante essa mesma época que as abordagens gramática-tradução e audiolingual (uso de exercícios repetitivos e descontextualizados para o ensino da fala, e depois de certa intimidade com a língua, a escrita começa a ser ensinada) são apresentadas aos professores (LEFFA, 1988).

Já no decorrer dos anos 1980, surgem novas teorias que definem o aprendiz como o centro do processo de ensino/aprendizagem, teorias como a do “filtro afetivo” de Krashen (1987), que se baseia na existência de uma barreira para a aquisição da língua alvo

em todos os aprendizes, relacionada à autoconfiança, à motivação, à ansiedade do aprendiz e que pode tornar esse filtro fraco ou forte. Quanto mais fraco esse bloqueio, mais forte será a aquisição da língua alvo.

Mas somente nas décadas 1990 e 2000 que a abordagem comunicativa começa a caminhar com mais firmeza, e a pluralidade de métodos e abordagens na aula de línguas começa a ser aceita.

1.3 O ENSINO DE PFOL NO MUNDO E NO BRASIL

No Japão, o ensino da língua portuguesa como L2 começou no século XVI, quando os portugueses missionários chegaram ao país. Depois da expulsão dos portugueses no século XVII, a língua portuguesa só retornou e começou a ser ensinada nas universidades japonesas em 1918. É na Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio que o primeiro curso universitário de língua e cultura portuguesa se iniciou, com o professor João Abranches Pinto (ARAÚJO, 2008).

Nos Estados Unidos, embora o português do Brasil tenha sido ensinado já em 1658, numa sinagoga em Nova Iorque, por professores imigrantes judeus que haviam morado no Brasil, é só no fim do século XIX que surgem os primeiros cursos de PFOL em universidades, como em Columbia, Harvard e Virginia (TESSER, 2004).

Na Europa, os primeiros leitorados, programas de divulgação da língua e da cultura brasileira em universidades estrangeiras, foram criados na década de 1920, na França, Alemanha, Reino Unido e Itália (VIEIRA, 2010). Nessa mesma década, no ano de 1929, em Portugal, foi criado o Instituto Camões, órgão responsável por organizar, divulgar e elaborar políticas públicas para o ensino da língua portuguesa, ainda que o ensino de PFOL nas universidades de Portugal tenha começado apenas em 1934, na Universidade de Lisboa.

No Brasil, já se sabe que o começo do ensino de PFOL deu-se com a chegada dos portugueses ao Brasil e com a catequização dos índios. Mas é somente na década de 1950 que a disciplina dá seus primeiros passos. Na época, havia pouca oferta de cursos da língua e o material utilizado era publicado no exterior. No ano de 1954, foi publicado o livro *Português para Estrangeiros*, de Mercedes Marchant, considerados por muitos pesquisadores como o primeiro LD de PFOL brasileiro. Na década de 1960, começam a surgir interesses em pesquisas e ofertas de cursos de PFOL por parte de alguns países, como os Estados Unidos.

Em 1966, alguns pesquisadores brasileiros e norte-americanos juntaram-se para elaborar um material publicado em 1971, denominado *Modern Portuguese* (MATOS, 1997).

Somente nas décadas de 1980 e 1990 é que os estudos na área começaram a ser divulgados. As primeiras dissertações de mestrado sobre PFOL são de Arai (1985), com o título *Fluência na aquisição do português como língua estrangeira* e Moura (1986), com o título *Uso de conceitos psico-sócio-linguísticos para avaliação de conteúdo em livros didáticos de português para estrangeiros*, na PUC/SP e na UFPE, respectivamente. Não obstante, o primeiro livro, organizado por Almeida Filho e Lombello (1989), foi lançado em 1989, e reunia artigos sobre ensino de PFOL – *O Ensino de Português para Estrangeiros: pressupostos para o planejamento de cursos e elaboração de materiais* (FURTOSO, 2001, p.25).

Com relação à formação de professores, a Universidade de Brasília foi pioneira com a implantação de uma disciplina para a formação de professores de PFOL, em 1988, e a criação, em 1990, do Programa de Ensino de Pesquisa em Português para Falantes de Outras Línguas (PEPPFOL) (FURTOSO, 2001, p.23).

É, também, em meados de 1990 e na década seguinte que a publicação de livros didáticos e artigos torna-se significativa. Nessa mesma época, são criados os Leitorados[4], os Centros de Estudos Brasileiros e os Institutos Culturais, que têm o objetivo de divulgar a cultura e língua brasileira por todo o mundo. Além disso, é criado em 1993 a comissão que elaborou o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros, o CELPE-Bras, exame oficial do Ministério da Educação, composto por tarefas que visam a avaliar a compreensão e a produção oral e escrita dos candidatos inscritos. O CELPE-Bras foi aplicado pela primeira vez em 1998 e é requisitado por algumas universidades para ingresso nos programas de graduação e pós-graduação e também por algumas entidades, para a validação de diplomas de profissionais estrangeiros que trabalham no país.

Em 1991, o Tratado do Paraguai abriu as fronteiras econômicas com a criação do Mercosul e foi um marco para a institucionalização do português como língua estrangeira e como "língua transnacional" (ZOPPI-FONTANA, 2009, p.16). Assim, a procura por aulas de português para estrangeiros cresceu. No ano seguinte ocorre, no Brasil também, a fundação da Sociedade Internacional Português Língua Estrangeira (SIPLE), que reúne pesquisadores, professores, linguistas e estudantes, cujos interesses em comum são os de divulgar, estudar e colaborar para o ensino/aprendizagem de PFOL.

[4] Função regulamentada pela CAPES/MEC e MRE em 1999.

Durante esse período, a demanda pelo ensino de PFOL cresceu, assim como a economia do país, o que provocou certa mudança no público-alvo dessa disciplina, que passou a ser formado também por executivos de multinacionais e intercambistas. Para essa demanda, surgem os cursos da língua em centros de línguas de universidades brasileiras, além das ofertas dos cursos da língua pelas escolas de idiomas. A demanda por professores de PFOL também cresce, e a profissão começa a ser vista com mais seriedade. Para isso, mais cursos de formação específica de professores são criados, assim como cursos de graduação e também programas de mestrado e doutorado, em algumas universidades brasileiras.

2 CULTURA: ENSINAR E APRENDER

2.1 CONCEITOS

A cultura caminha com a humanidade desde os primórdios dos tempos e está presente em todas as civilizações, mas o termo cultura, durante muitos anos, referiu-se apenas ao cultivo da terra, à plantação. No século XVIII, utilizavam-se dois conceitos de cultura: *Kultur*, "as realizações materiais de um povo" e *Civilization*, "todos os aspectos espirituais de uma comunidade" (LARAIA, 2001, p.25).

O conceito de cultura semelhante ao da atualidade foi apresentado pela primeira vez no livro intitulado *Primitive Culture*, de Tylor[5] (1871 *apud* LARAIA, 2001, p.25), como "todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade", similar ao que aparece nos dicionários, como se vê, por exemplo, em: "conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes, etc que distinguem um grupo social" (HOUAISS, 2009).

Laraia (2001, p.48) apresenta a ampliação do conceito de cultura pelos estudos do antropólogo Alfred Kroeber (1876-1960), que assim podem ser resumidos:

> 1. A cultura, mais do que a herança genética, determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações. 2. O homem age de acordo com os seus padrões culturais. [...] 3. A cultura é o meio de adaptação aos diferentes ambientes ecológicos. [...] 5. Adquirindo cultura, o homem passou a depender muito mais do aprendizado do que a agir através de atitudes geneticamente determinadas. 6. Como já era do conhecimento da humanidade, desde o Iluminismo, é este processo de aprendizagem (socialização ou endoculturação, não importa o termo) que determina o seu comportamento e a sua capacidade artística ou profissional. [...] 7. A cultura é um processo cumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo. [...]

É possível observar que a partir dos escritos de Kroeber, o comportamento que antes se acreditava ser determinado pelo fator biológico, agora é determinado pela cultura, pois ela influencia as atitudes e a visão de mundo de um indivíduo e da sociedade em que este indivíduo está inserido.

---

[5] TYLOR, Edward. **Primitive Culture.** Londres: John Mursay & Co, 1871.

A linguagem também é fator determinante e extremamente ligado à cultura, uma vez que "a comunicação é um processo cultural. A linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral" (LARAIA, 2001, p.52). Assim acredita-se também que não existe língua sem cultura.

Sendo a cultura inseparável da língua, Hadley[6] (1993 *apud* LIMA, 2000, p.30) subdivide-a em: *cultura* e *Cultura* (*little c* e *Big C culture*), a primeira está relacionada aos comportamentos cotidianos "(formas de saudação, hábitos e condutas nos horários das refeições, aniversários, casamentos, compras na mercearia etc.)", já a segunda é um "recorte mais amplo", enfoca, por exemplo, "informações veiculadas em TV e Internet (típicas da cultura de massas), na literatura nacional, museus, ou eventos culturais (englobando itens tanto da cultura erudita, quanto da popular".

Kramsch (1998) também apresenta dois modos de ver a cultura: a cultura do cotidiano e a cultura compartilhada histórica e tradicionalmente. Por referir-se aos comportamentos cotidianos de uma mesma comunidade discursiva, o conceito de cultura do cotidiano relaciona-se ao conceito de *cultura* (Hadley, 1993). Mas não há uma relação tão similar com o conceito de cultura compartilhada histórica e tradicionalmente (Kramsch, 1998) e de *Cultura* (Hadley, 1993), mesmo assim, os diferentes modos de ver a cultura se completam.

Os conceitos propostos por Kramsch (1998) e Hadley (1993) se relacionam, pois é através dessa diacronia da cultura que se observa como um determinado grupo discursivo representa a si mesmo e aos outros por meio dos materiais produzidos ao longo do tempo, como um povo representa a si mesmo e aos outros através da *Cultura*. A cultura do cotidiano só existe mediante as experiências culturais obtidas e transmitidas através dos tempos, do mesmo modo em que a *Cultura* só existe de acordo com o comportamento, pensamento e agir cotidiano.

Ao referir-se à língua, Kramsch (1998, p.8) observa que "Language is not a culture-free code, distinct from the way people think and behave, but, rather, it plays a major role in the perpetuation of culture, particularly in its printed form"[7], o que justifica a investigação das diferentes abordagens de cultura no ensino de línguas.

---

[6] Hadley, A. O.. **Teaching language in context**. Boston: Heinle, 1993.

[7] "A língua não é um código livre de cultura, que distingue o modo como as pessoas pensam e agem, mas ela tem o papel maior na perpetuação da cultura, particularmente na escrita." (KRAMSCH, 1998, p.8).

2.2 ENSINO DE CULTURA NAS AULAS DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

As diferentes abordagens de ensino de cultura nas aulas de línguas estrangeiras estão relacionadas à visão de cultura de cada contexto sócio-histórico. Para compreender como a cultura foi e está sendo ensinada e aprendida, será feita uma revisão das três abordagens de ensino de cultura nas aulas de línguas estrangeiras apontadas por Gimenez (2002) a saber: "a tradicional, a cultura como prática social e a intercultural".

Na *abordagem tradicional*, a cultura é vista como um produto cultural (artes, literatura, música). Língua e cultura são dissociadas, uma vez que a língua também é entendida como produto cultural. O ensino de cultura está ligado ao ensino/aprendizagem de fatos e curiosidades sobre o país da língua-alvo, conhecer ou não esses fatos influencia o bom desempenho do falante. Na visão tradicional, ensinar a cultura brasileira a um aluno estrangeiro seria, por exemplo, ensinar as datas comemorativas e o folclore brasileiro.

Na *abordagem da cultura como prática social*, a cultura é entendida como o modo de pensar e agir de um grupo tendo como meio a linguagem, sendo assim, a língua está ligada à cultura. Nessa visão, ensinar cultura brasileira a estrangeiros seria, por exemplo, ensinar, por meio da redação de um e-mail, como se dão as relações hierárquicas.

E por fim, na *abordagem intercultural*, a cultura é entendida como o modo de ver o mundo, considerando que cultura é língua e língua é cultura. É ver sua própria cultura através da língua/cultura-alvo, explorando o espaço entre as culturas e ultrapassando as barreiras culturais. Nessa visão, ensinar cultura brasileira aos estrangeiros seria ensinar a aceitar as particularidades da cultura brasileira e de outras culturas e ter uma visão crítica das diferentes culturas.

Gimenez (2002) apresenta, no quadro 1, o comparativo das três abordagens.

ASPECTO	ABORDAGEM TRADICIONAL	CULTURA COMO PRÁTICA SOCIAL	ABORDAGEM INTERCULTURAL
Cultura	Produtos culturais, e.g. literatura, artes, música	Modo de agir coletivo através da linguagem	Modo de ver o mundo
Língua	Desvinculada de cultura	Estreitamente ligada à cultura	Língua é cultura
Ensino	Aprendizagem sobre fatos	Aprendizagem sobre modos de pensar e agir do Outro	Exploração de um espaço intermediário, pelo contraste entre a linguacultura própria e linguacultura-alvo.

Quadro 1 – Abordagens no ensino de cultura

A abordagem intercultural norteia a análise que esta pesquisa se propõe a fazer. Os textos serão investigados com base no que deveria ser ensinado como cultura tendo como princípio a interculturalidade. Zanatta (2009, p.166) postula que a orientação "intercultural consciente e fundamentada pode impedir que a aprendizagem de uma língua estrangeira reforce estereótipos e dificulte a verdadeira compreensão entre as culturas".

Ensinar interculturalmente é ultrapassar as barreiras estereotipadas, oferecendo aos alunos o aprendizado da língua portuguesa do Brasil associada à cultura e a compreensão de em que a cultura brasileira difere das outras, e por que cada uma das culturas é importante no mundo. É reconhecer a sua cultura e a cultura do outro com consciência crítica.

3 A HISTÓRIA DO LIVRO DIDÁTICO

3.1 O SURGIMENTO DO LIVRO

Ao utilizar o LD como *corpus* para esta pesquisa, torna-se necessário fazer uma retrospectiva sobre seu surgimento e o desenvolvimento de sua produção, para que se compreenda seu papel no ensino/aprendizado de línguas. A história do LD tem como base a história do livro de leitura, e Barbier (2008) apresenta um levantamento histórico, desde a invenção da escrita e dos papiros até o surgimento das novas tecnologias e dos livros digitais, em um panorama que aqui será sintetizado.

A história do livro está relacionada à da escrita, especialmente a alfabética, que aparece a partir do II milênio a.C. Acredita-se que o *volumen*, primeira forma de livro, tenha surgido no Egito no início do III milênio a.C. Era feito de tiras do caule do papiro - planta encontrada às margens do Rio Nilo. Como o papiro ao ser dobrado quebrava-se, o livro era enrolado e consequentemente o texto era escrito em um só lado, dividido em duas colunas sucessivas e perpendiculares.

Em Roma, o papiro era empregado desde o século III a.C. e era muito utilizado para difundir as ideias dos intelectuais da época. Com o desenvolvimento da escrita cursiva, entre os séculos I a.C. e VI d.C., o *volumen* perdeu espaço para o *codex*: livro em pergaminho (pele de carneiro preparada), dobrado e encadernado. A pele de carneiro era preparada para receber a escrita, depois era dobrada algumas vezes, formando assim um caderno que podia ser costurado a outros cadernos. Com esse novo formato de livro, usava-se os dois lados do suporte e podia-se consultar e tomar notas, privilegiando o estudo individual e silencioso.

A Igreja Católica também está intimamente ligada ao desenvolvimento dos livros, pois as escrituras e ensinamentos bíblicos eram copiados e escritos para que se pudesse propagar a fé cristã. Até o século XI, a fabricação dos livros desenvolveu-se nos monastérios, os monges foram os responsáveis por ampliar as técnicas de preparação da pele de pergaminho, de paginação e encadernação.

Nesse mesmo século, o livro ganhou um universo fora do mundo religioso. Com o surgimento das universidades, a escrita e o livro passam a servir à ampliação do conhecimento científico e intelectual. Surgem também livrarias comerciais, espaços

especializados na venda de materiais para a escrita, bibliotecas particulares, fora dos monastérios. Nesse período, o livro também passou a ser um objeto de recreação, os burgueses cultivavam o hábito de ler como uma forma de diversão.

Para atender a um número maior de indivíduos letrados, a produção de livros cresceu e se desenvolveu, juntamente com suas técnicas. Por volta do século XI, o papel chegou à Europa, trazido pelos árabes da China e tornou-se material mais utilizado em pouco tempo, devido ao seu baixo custo e mais rápida produção se comparado ao pergaminho.

Por volta de 1455, em Maiença, na Alemanha, Gutenberg publica a *Bíblia de 42 linhas* ou *Bíblia de Gutenberg*, livro que marca o início do desenvolvimento da tipografia. Antes disso, por volta de 1454, foram publicadas, também por Gutenberg, algumas edições de um manual de ensino de latim, provavelmente o primeiro livro didático impresso com técnicas tipográficas.

Com a criação da imprensa, as técnicas de produção dos livros são modificadas, fazendo com que o mercado que gira em torno do livro também se modifique. São criadas novas profissões, materiais e máquinas que modernizaram o processo de impressão. A técnica tipográfica espalha-se, primeiramente, pela Europa, e depois pelo mundo todo.

A tipografia se moderniza, utilizando-se de caracteres móveis, e com isso os livros têm seu formato e preço reduzidos, tornando-se acessíveis a mais indivíduos. A cultura da leitura também se modifica, passando a ser silenciosa e mais rápida, além de estar presente no cotidiano de grande parte da população. Com as ideias Iluministas, o conteúdo impresso deixa de ser apenas religioso e passa a estar relacionado também às ciências humanas.

No século XIX, a produção de livros torna-se industrial, o número de gráficas aumenta, são criadas novas profissões relacionadas à impressão dos livros e o papel também é produzido em larga escala, diminuindo assim o custo do produto. A demanda se intensifica, começa a ser implementado o uso do livro didático nas escolas. O “consumo” de livros cresce e consequentemente as publicações também.

Hoje, com a modernização da fabricação de papel e da impressão do livro, assiste-se a uma produção em massa e, com o desenvolvimento dos meios de comunicação e informação, o livro adquire um formato digital, podendo ser lido na tela do computador, o chamado *e-book*, ou ouvido no aparelho de som, o *audio-book*.

Nota-se que o desenvolvimento desse recurso didático está ligado ao aumento do acesso à educação pela população e à modernização e criação de novos suportes.

Além disso, a retrospectiva histórica sobre o livro, apresentado por Barbier (2008) descreve o processo de produção do livro na Europa, berço do objeto, que teve grande influência na produção mundial, inclusive na brasileira.

3.2 O LIVRO DIDÁTICO NO BRASIL

Apesar dos LDs terem sido trazidos para o Brasil pelos portugueses para a catequização dos índios, o marco histórico do livro didático no país é 1929, com a fundação do Instituto Nacional do Livro (INL), que ficou responsável pela divulgação, produção e distribuição de livros. Depois disso, várias foram as leis que regulamentaram o LD e os programas responsáveis por levá-lo às escolas. Em 1938, foi criada a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD) responsável pela publicação da primeira lei sobre a produção e circulação do LD (FREITAS; RODRIGUES, 2009).

No ano de 1966, foi criada a Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático (COLTED) pelo MEC, em parceria com a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional. O COLTED era responsável por coordenar a produção, edição e distribuição de 51 milhões de LDs em três anos. Poucas foram as mudanças ocorridas entre as décadas de 1960 e 1970, mas no ano de 1983, os professores começaram a participar na escolha do LD, que até esta data, era feita pelo Estado. Em 1985, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) entrou em vigor, substituindo o PLIDEF (Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental).

Em 1996, foi implementada a avaliação didática dos LDs. Após o ano 2000, foram criados Programas Nacionais do Livro Didático tanto para o Ensino Médio (PNLEM), quanto para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA), em 2004 e 2007 respectivamente. Também em 2007 iniciou-se a distribuição de livros, cartilhas, e dicionários em braille, além de *CD-ROMs*, cartilhas e livros em LIBRAS.

3.3 O LIVRO DIDÁTICO DE PFOL

O LD de PFOL não trilha o mesmo caminho dos LDs utilizados pelas escolas de ensino regulares do Brasil. Pode-se perceber que a produção de LDs de PFOL era, muitas vezes, independente, feita com poucos recursos e direcionada a um público-alvo muito específico. Segundo Almeida (2012, p.70):

> Os imigrantes tiveram papel de grande relevância como autores e editores de obras didáticas voltadas para o ensino da língua portuguesa e da cultura brasileira desde o século XIX. Essas obras destinavam-se, sobretudo, aos imigrantes e aos filhos de imigrantes matriculados, na maior parte das vezes, nas escolas localizadas nas inúmeras colônias que se formaram em nosso território.

Pacheco (2006, p.69) faz uma análise da produção editorial de PFOL e percebe que houve "um grande investimento em sua qualidade estética, combinado a uma propalada renovação constante, tendo em vista o potencial mercadológico e a concorrência crescente nos últimos anos".

Entende-se que houve investimento e desenvolvimento nos LDs de PFOL desde o começo do século XIX até os dias atuais, entretanto, diferentemente do apresentado por Pacheco (2006), observa-se que, uma vez que a produção de LDs de PFOL se faz em menor escala, se comparado à produção de LDs de português como língua materna, a qualidade, principalmente estética, do material era e, em muitos casos ainda é, inferior ao do LD de outras disciplinas que se comprova pela monocromia utilizada na impressão de diversos LDs de PFOL, inclusive do que é analisado nesta pesquisa, e a predominância de desenhos em vez de fotos.

Para Pacheco (2006), o primeiro LD de PFOL é datado no ano de 1901, produzido por uma escola de alemães, intitulado *Manual de língua portuguesa*, já para Morita (1993) e Takahashi (2008), o primeiro LD é o de Mercedes Marchant, publicado em 1954, intitulado *Português para estrangeiros*, por não se restringir a um número específico de aprendizes como o de 1901. Ressalta-se que o levantamento histórico de publicações de LDs de PFOL feito por Pacheco (2006) contabiliza apenas os livros escritos no país por serem mais acessíveis pelos alunos e escolas de PFOL no Brasil.

Além dos livros de 1901 e 1954, muitos outros foram produzidos, para atender a um contingente grande de imigrantes, originários de países europeus e asiáticos, que

chegou ao Brasil após a abolição da escravatura. A maioria desses imigrantes preocupava-se com o ensino da língua aos seus filhos, que frequentavam escolas particulares instaladas nas próprias colônias, onde havia a produção de materiais didáticos que se perderam no tempo.

Em 1931, decretou-se uma lei que trouxe grandes prejuízos para o desenvolvimento e publicação de LDs de PFOL. Essa lei determinava que o ensino de português para estrangeiros devesse ser como o ensino de língua materna, caso em que brasileiros e imigrantes aprendiam português igualmente. Com isso, escolas públicas foram construídas dentro das colônias de imigrantes, o ensino de português como língua estrangeira foi proibido a menores de quatorze anos e não foi permitida a circulação de textos, livros e revistas em língua estrangeira (LUNA[8], 2000 *apud* PACHECO, 2006, p.71).

É possível observar no quadro 2, o aumento de publicações de LDs de PFOL ao longo do tempo.

1901- *Manual de língua portuguesa* - Rudolf Damm.
1954 – *Português para Estrangeiros, 1° Livro*, Mercedes Marchant, Porto Alegre: Sulina.
1973 – *Português: conversação e gramática.* Haydée Magro & Paulo de Paula. São Paulo: Brazilian American Cultural Institute / Livraria Pioneira Editora.
1974 - *Português para Estrangeiros*, 2° Livro, Mercedes Marchant, Porto Alegre: Sulina.
1978- *Português do Brasil para estrangeiros*. Vol. 1. S. BIAZOLI & Francisco G. MATOS. São Paulo: Difusão Nacional do Livro.
1978 – *Português para estrangeiros I e II: conversação cultura e criatividade.* S BIAZOLI & Francisco G. MATOS. São Paulo: Difusão Nacional do Livro Editora e Importadora Ltda.
1978 - *Português do Brasil para estrangeiros Vol. 2*. S. BIAZOLI & Francisco G. MATOS. São Paulo: Difusão Nacional do Livro.
1980 – *Falando, lendo, escrevendo português: Um Curso para Estrangeiros*, Emma Eberlein O. F. Lima& Samira A. Iunes, São Paulo: Ed. EPU (Editora Pedagógica e Universitária).
1983 – *Português para falantes de espanhol.* Leonor Cantareiro Lombello e Marisa de Andrade Baleeiro. Campinas, SP: UNICAMP/FUNCAMP/MEC.
1984 – *Tudo Bem 1: Português do Brasil*. Raquel Ramalhete, Rio de Janeiro: Ed. Ao Livro Técnico S/A, Indústria e Comércio.
1985 – *Tudo Bem 2: Português do Brasil*. Raquel Ramalhete, Rio de Janeiro, Ed. Ao Livro Técnico S/A.
1989 – *Fala Brasil, Português para Estrangeiros*. Elizabeth Fontão do Patrocínio e Pierre Coudry, São Paulo, Campinas, Pontes Editores Ltda.
1989 – *Muito Prazer! Curso de Português do Brasil para Estrangeiros.* Ana Maria Flores. Volumes I e II. Rio de Janeiro: Ed. Agir.33
1990 – *Português Via Brasil: Um Curso Avançado para Estrangeiros*. Emma Eberlein O. F. Lima & Samira A. Iunes. São Paulo: Ed. EPU.
1990 - *Português como Segunda Língua.* ALMEIDA, M. & GUIMARÃES, L. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
1991 – *Avenida Brasil 1: Curso Básico de Português para Estrangeiros*. Emma Eberlein O.F. Lima, Lutz Rohrmann,Tokiko Ishihara, Cristián González Bergweiler & Samira Abirad Iunes. São Paulo: Ed. EPU.
1992 – *Aprendendo Português do Brasil*. Maria Nazaré de Carvalho Laroca, Nadine Bara & Sonia Maria da Cunha. Campinas, São Paulo: Pontes Editores Ltda.
1994 – *Português para estrangeiros: infanto-juvenil.* Mercedes Marchand. Porto Alegre: Age.
1995- *Avenida Brasil II*. Emma E. Lima, Cristián Gonzaléz & Tokiko Ishihara. São Paulo: EPU.
1997 – *Português para estrangeiros: nível avançado.* Mercedes Marchand. Porto Alegre: Age.

[8] LUNA, José Marcelo Freitas de. A política governamental para o ensino de Português a imigrantes alemães no Brasil: Geradora e destruidora da experiência da escola teutobrasileira. In: **Revista da ANPOLL**, nº. 8, 2000, p.61-70.

1998- *Português para estrangeiros I e II.* MEYER, R. M et alii. Rio de Janeiro: PUCRio. (Edição experimental). **1999 –** *Falar, Ler e Escrever Português: Um Curso para Estrangeiros.* (reelaboração de Falando, Lendo, Escrevendo Português) de Emma E. O.F. Lima e Samira A I. São Paulo: Ed. EPU. **1999** – *Bem-vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação.* Maria Harumi Otuki de Ponce; Silvia R.B. Andrade Burin & Susanna Florissi. São Paulo, Editora SBS. **2000 –** *Sempre Amigos: Fala Brasil para Jovens.* Elizabeth Fontão do Patrocínio & Pierre Coudry. Campinas, SP: Pontes. **2000** - *Sempre Amigos: De professor para professor.* Elizabeth Fontão do Patrocínio & Pierre Coudry. Campinas, SP: Pontes. **2001 –** *Tudo Bem? Português para Nova Geração.* Volume 2. Maria Harumi Otuki de Ponce, Silvia Regina. B. Andrade Burim & Susana Florissi. São Paulo: Ed. SBS. **2001** – *Interagindo em Português.* Eunice Ribeiro Henriques & Danielle Marcelle Granier. Brasília: Thesaurus. **2002 –** *Passagens: Português do Brasil para Estrangeiros* com *Guia de Respostas Sugeridas* . Rosine Celli. Campinas, SP: Pontes. **2003 -** *Diálogo Brasil: Curso Intensivo de Português para Estrangeiros.* Emma Eberlein O. F. Lima, Samira Abirad Iunes & Marina Ribeiro Leite. São Paulo: Ed. EPU. **2004** – *Aquarela do Brasil: Curso de Português para falantes de espanhol.* Edileise Mendes Oliveira Santos (MD proposto em sua Tese de Doutoramento, apresentada na UNICAMP, em 2004). **2005** – *Estação Brasil: Português para estrangeiros.* BIZON, A C. Campinas, SP: Ed. Átomo.

Quadro 2 – Cronologia dos LDs de PFOL[9]

Fonte: PACHECO (2006, p.81-83)

2006 –*Panorama Brasil. Ensino do Português do mundo dos negócios*. PONCE, M. H. O.; BURIM, S. R. B. A.& FLORISSI, S. São Paulo, SP: SBS. **2009** –*Muito Prazer – fale o português do Brasil*. FERNANDES, G. R. R.; FERREIRA, T. L. S.B & RAMOS, V. L. São Paulo, SP: Disal.

Quadro 3 – Atualização da Cronologia dos LDs de PFOL

Fonte: Dados da pesquisa

Após a publicação da obra de Mercedes Marchant, houve um intervalo de quase vinte anos para que outra fosse publicada. Nesse período, houve publicações de LDs de PFOL no exterior, a exemplo das lançadas nos Estados Unidos: *Spoken Brazilian Portuguese*, produzido na década de 1950 por Vicenzo Cioffari, e *Modern Portuguese* (1966), desenvolvido por um grupo de pesquisadores brasileiros e americanos da Modern Language Association of America (MATOS, 1997, p.11). No decorrer das décadas de 1960 e 1970 Cleá Rameh e Maria Isabel Abreu escrevem os dois volumes de *Português Contemporâneo* (MORITA, 1998, p.67).

Em razão da escassez de publicações de LDs de PFOL no país, na década de 1970, algumas escolas de idiomas começam a produzir seus próprios materiais, como o

[9] O quadro apresentado foi copiado conforme o original, não havendo correções de normas.

Instituto Yázigi com *Português do Brasil para Estrangeiros, Conversação, Cultura e Criatividade*, em 1978, e a Berlitz com *Português I* (1992) (MATOS, 1997, p.12).

Com o passar das décadas, o número de publicações nacionais aumentou significantemente, de um LD, na década de 1950, para dez, na de 1990. Esse aumento continua, pois do ano 2000 até 2012, ano em que se encerra esta pesquisa, foram publicados oito livros.

Na Figura 1, é possível visualizar o crescimento da quantidade de publicações de LDs de PFOL no Brasil.

Figura 1 - Quantidade de publicações de LDs de PFOL no Brasil.
Fonte: Dados da pesquisa

Ao analisar a trajetória do LD de PFOL nos quadros 1 e 2, pode-se notar que também houve o desenvolvimento de livros com objetivos específicos, dentre eles destacam-se os LDs de PFOL voltados para executivos - *Diálogo Brasil* e *Panorama Brasil;* adolescentes – *Português para estrangeiros: infanto-juvenil*, *Sempre Amigos: Fala Brasil para Jovens* e *Tudo Bem? Português para Nova Geração*; alunos em estágio avançado – *Português Via Brasil: Um Curso Avançado para Estrangeiros* e *Português para estrangeiros: nível avançado* e para falantes de espanhol – *Português para falantes de espanhol* e *Aquarela do Brasil: Curso de Português para falantes de espanhol*.

4 LÉXICO E DISCURSO

Biderman (2001, p.99) relata que, “desde os gregos, a palavra foi considerada como a unidade significativa de articulação do discurso”. Não há discurso sem palavra e também não existe palavra sem discurso. Isoladas, não agem e não têm sentido.

As marcas culturais de uma sociedade são refletidas em todo o sistema linguístico, inclusive no léxico. Essas marcas indicam como a realidade é vista pelos indivíduos e também pela sua língua (BIDERMAN, 2001, p.109).

Como o sistema léxico pode modificar-se, retraindo-se e expandindo-se de acordo com a atribuição de significados que os falantes de uma língua dão às palavras, não é possível que um indivíduo possa aprender ou conhecer todas as palavras de sua língua. Além disso, é pelas escolhas lexicais que se entende como é feita a defesa ou imposição de uma ideologia e um discurso.

Para Gonçalves (1978, p.18), o léxico “segundo a definição tradicional, é o conjunto de palavras de uma língua”. Já Vilela (1979, p.9) afirma que:

> Por léxico duma língua poder-se-á entender o dicionário no duplo sentido de conjunto de palavras dessa língua e a sua inventariação (dicionarística ou lexicográfica), a competência lexical do falante/ouvinte nativo duma língua e, na perspectiva resultante da função representativa da linguagem, o conjunto de unidades léxicas (= as unidades que representam a realidade extralinguística) duma língua. O léxico é, em primeiro lugar, entendido como o conjunto de unidades linguísticas básicas (morfemas, palavras e locuções) próprias duma língua [...]

Observa-se que Vilela (1979, p.9) aponta três conceitos para *léxico*. O primeiro define léxico como “conjunto de palavras dessa língua e sua inventariação (dicionarística ou lexicográfica)”, conceito que se relaciona ao de Gonçalves (1978), apresentado acima. No segundo conceito, o léxico é definido como “competência lexical do falante/ouvinte” e faz referência ao que Chomsky (1975) aponta como competência lexical – conhecimento e uso do vocabulário.

No último conceito proposto por Vilela (1979), o léxico é entendido como “um conjunto de unidades linguísticas básicas (morfemas, palavras e locuções) próprias duma língua”.

Por representar as experiências e as práticas culturais de uma comunidade, os sistemas léxicos de cada língua não são similares e carregam a carga cultural da sociedade

falante da determinada língua. As unidades lexicais podem ser entendidas de diferentes maneiras e nos parágrafos a seguir apresentam-se algumas delas.

Lexema é a "palavra léxica" que ainda não está em uso, mas "fundamenta as possíveis formas do discurso e todos os possíveis significados (sentidos ou variantes do discurso) da palavra." (VILELA, 1979, p.20). Gil (2009, p.80) define lexemas como "unidades virtuais do léxico porque ainda não se atualizaram discursivamente." Assim sendo, os *lexemas* são unidades léxicas que ainda não foram atualizadas no discurso e que em acervo formam o léxico de uma língua.

O *vocábulo*, segundo Gil (2009, p.80) "é a unidade léxica atualizada repetidamente em um vocabulário de um grupo, pertence ao nível da norma – conjunto de realizações tradicionais e de uso comum do grupo linguístico". Diferentemente do *lexema*, ele pertence a uma comunidade e seu conjunto forma o *vocabulário*, que é um conjunto de *lexias* encontradas no discurso de uma comunidade (BIDERMAN, 2001. p.170).

A *lexia* é a "palavra-ocorrência", a "unidade lexical atualizada em um discurso particular, como resultado de uma escolha feita pelo enunciador de acordo com as necessidades da situação de enunciação, que é singular e única." (GIL, 2009, p.80).

Pottier (1975, p.268) apresenta a categorização das lexias, a saber: *lexia simples*, que corresponde à "palavra tradicional", como por exemplo "paraíso"; *lexia composta*, que decorre da manifestação formal da integração semântica, como em "Ano-Novo", *lexia complexa*, que é formada por "sequências em vias de lexicalização e possui graus diferenciados", como em "a céu aberto"; e *lexia textual*, que são *lexias complexas* que atingem "o nível de enunciado ou texto", como em hinos, provérbios, como em "sem mais nem menos".[10]

Neste trabalho será estudado o léxico a partir de um levantamento das lexias encontradas nos textos da seção "Cotidiano Brasileiro" do livro **Português Via Brasil: um curso avançado para estrangeiros**, ou seja, o levantamento lexical será feito em discursos, na atualização do léxico.

[10]Os exemplos dados fazem parte do *corpus* desta pesquisa.

4.1 CAMPOS LÉXICO-SEMÂNTICOS

Com base em vários conceitos de campo semântico de Ullman (1964), Coseriu (1977), Vilela (1979) e Biderman (2001), entende-se que ele compreende um agrupamento de palavras relacionadas entre si pelos seus significados comuns em determinados contextos. Decidiu-se adotar o termo *campos léxico-semânticos*, proposto por Gil (2004, p.729):

> O estabelecimento de campos léxico-semânticos contribui para o conhecimento das possibilidades de renovação da linguagem. A revisão das formas da linguagem, assim como a revisão do significado lexical se dá na medida em que o léxico, por meio de suas unidades, permite-nos ver como faces da experiência humana organizam-se, renovam-se e geram mudanças significativas na vida humana.[...] Os campos léxico-semânticos, como uma possível sistematização do léxico, devem refletir traços do seu dinamismo, e, particularmente, os elementos do pensamento humano, marcas de diferentes culturas e maneiras de o homem pensar o mundo nele (léxico) impressas.

É por meio da análise dos campos léxico-semânticos que se observa o desenvolvimento da linguagem e também os novos sentidos que as palavras ganham. Além disso, a visão de mundo e dados culturais constituídos pelos indivíduos falantes da língua são expressos tanto nos lexemas quanto nos campos léxico-semânticos. Ullman (1964, p.511) aponta que o campo léxico-semântico "difere de uma língua para outra e muitas vezes de um período para outro na história do mesmo idioma; [...] a estrutura dos campos semânticos incorpora uma filosofia específica e uma escala de valores".

Gil (2004, p.730) afirma que "pertencer ou não a um determinado campo léxico-semântico depende do contexto e dos novos sentidos que as lexias vão ganhando", a autora acrescenta ainda:

> O estabelecimento do campo léxico-semântico, que se configura como uma seção de vocabulário que traduz um determinado conteúdo, condiz, quiçá, à definição, por exemplo, das influências que realiza e que sofre o homem por meio da linguagem, dos sentidos novos impressos nas palavras pela própria evolução humana, assim como das imposições e realizações de desejos refletidas naquele conjunto.

Para analisar os significados desses campos há, segundo Biderman (2001, p.199), dois modelos: o onomasiológico e o semasiológico. Onomasiologicamente, analisam-se todas as lexias que compreendem um significado; contrapondo-se a isso, semasiologicamente, analisam-se todos os significados possíveis a uma lexia. Baldinger (1966, p.30) ainda postula que:

> A estrutura onomasiológica é baseada na sinonímica, a estrutura semasiológica é baseada na polissemia. A onomasiologia visualiza os problemas sob o ângulo do que fala, daquele que deve escolher dentre os diferentes meios de expressão. A semasiologia focaliza os problemas sob o ângulo do que ouve, do interlocutor que deve determinar a significação da palavra que ele entende dentre todas as significações possíveis.

Sendo a semasiologia responsável pela análise "do que ouve, do interlocutor", esta pesquisa segue esse modelo, uma vez que não será analisado como o texto foi produzido, mas os sentidos que esse texto, suas lexias e campos léxico-semânticos podem ter para o interlocutor.

4.2 LÉXICO NA PERSPECTIVA DISCURSIVA

São depositados na palavra os valores, crenças e marcas culturais de uma comunidade. É na escolha da palavra que o discurso se constrói e é manifestado. Portanto, para analisar um discurso, é necessário analisar sua unidade básica, a palavra.

Para Bakhtin (1981, p.225), "discurso não reflete uma situação, ele é uma situação. Ele é uma enunciação que torna possível considerar a performance da voz que o anuncia e o contexto social em que é anunciado." Sendo assim, discurso é a exteriorização dos pensamentos, a voz dada à enunciação entendida como um grupo de ideias que produzem o discurso. A enunciação é a interação verbal formulada por um enunciador que compõe seu discurso também por unidades significativas, as palavras.

A palavra tem seu sentido determinado pelo contexto em que foi enunciada, mas não está sujeita a ele, não se multiplica de acordo com a quantidade de contextos, pelo contrário, são os significados que se subordinam e se encaixam nela, assim torna-se múltipla e una ao mesmo tempo (BAKHTIN, 2002).

A escolha lexical é uma das atualizações linguísticas em que são constituídas as visões de mundo, ideologia e crenças que os falantes de determinada língua têm. Analisando as escolhas lexicais, é possível compreender como ocorre o processo de construção de uma ideologia, uma vez que este deriva da atualização das lexias. Por isso, neste trabalho, analisa-se, por meio da observação das escolhas lexicais, a apresentação da cultura brasileira no LD de PFOL.

Van Dijk (1997) faz um estudo com base na ACD e apresenta conceitos importantes, como o triângulo "discurso, cognição e sociedade". No entendimento do autor,

discurso é entendido como a língua, o uso linguístico, a interação verbal e a comunicação. A cognição relaciona-se ao pensamento, à emoção e à memória dos processos mentais. Sociedade é entendida como as situações e interações sociais, incluindo também a cultura e a política (VAN DIJK, 1997, p.68).

O autor aponta que é no discurso que a ideologia se apresenta, ela é um meio pelo qual os indivíduos representam a si e a todos os valores compartilhados socialmente. Por meio da análise cognitiva, dos processos mentais, das crenças é possível identificar a visão de mundo de determinado grupo (VAN DIJK, 1997, p.68).

Van Dijk (1997, p.70) observa também que o discurso didático-pedagógico é uma forma de persuadir os participantes e propagar uma ideologia:

> [...] se centrarán (también) en representaciones sociales de carácter general: pretenden enseñar saberes o persuadir a la gente formando o cambiando sus actitudes sociales. Mientras lo típico del discurso basado en un modelo es que presente los deícticos y otros elementos léxicos de las experiencias personales y de situaciones específicas, otro tipo de discurso presentará expresiones genéricas que traducen representaciones sociales.

O LD faz parte do discurso didático-pedagógico, além ser um dos principais recursos utilizados pelos professores nas aulas, nele são depositadas crenças e experiências trazidas na memória da sociedade e por isso também é meio pelo qual é possível transmitir ideologias. O LD carrega as escolhas lexicais feitas por seus autores para apresentar os conteúdos. Através da análise desse discurso, acredita-se que é possível identificar as representações sociais e os valores de uma cultura.

4.3 O GÊNERO DISCURSIVO NA SEÇÃO “COTIDIANO BRASILEIRO”

Há diversas formas de utilizar a língua, que variam de acordo com as inúmeras esferas da atividade humana e que se concretizam em enunciados orais ou escritos, constituídos por conteúdo temático, estilo e estrutura composicional. Os gêneros discursivos são, então, tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados em cada esfera de utilização da língua. Dividem-se em primários (orais e pertencentes à comunicação mais simples) e secundários (escritos e pertencentes à comunicação mais complexa), são inúmeros, uma vez que se renovam ou se modificam de acordo com a sua utilização (BAKHTIN, 1992, p.279).

Acredita-se que, para que o ensino/aprendizagem de uma língua seja mais significativo e próximo do real, é necessário expor o aprendiz aos diversos gêneros discursivos presentes na esfera/cultura em questão, pois é através deles que ordenamos as estruturas e componentes linguísticos. De acordo com Bakhtin (1992, p.302),

> Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, menos ainda, é óbvio, por palavras isoladas). Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais (sintáticas). Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o inicio, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações.

Os aspectos referentes ao ensino/aprendizagem dos gêneros são relevantes também para o ensino de língua estrangeira, uma vez que os gêneros discursivos podem variar de acordo com a cultura/língua, uma esfera da comunicação humana. Uma forma de se aprender o léxico, a gramática, e também de se descobrir a visão de mundo dos falantes da língua é através dos gêneros, pois "a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua" (BAKHTIN, 1992, p.282).

O LD é um gênero discursivo que agrupa outros gêneros, apropriando-se deles para fins didáticos, ademais, muitos textos, na maioria das vezes, são reescritos, editados ou reconfigurados para que exerçam o papel que lhes é dado na situação decorrente, o de ser o meio pelo qual o aluno aprenderá gramática, vocabulário, cultura.

A partir do momento em que um texto é reconfigurado ou editado para constituir um LD, ele deixa de ser objeto de comunicação e passa a ser um objeto para o ensino/aprendizado da língua. Acredita-se que a edição do texto é feita com base nos objetivos que se tem para aquele texto. Se o objetivo for aprender vocabulário, será necessário acrescentar ou trocar palavras, se o objetivo for aprender estruturas gramaticais, será necessário acrescentar ou trocar as estruturas, perdendo, assim, suas características situacionais.

Identificou-se que os textos do *corpus* desta pesquisa sofreram edição e adaptação desde sua primeira seleção, para se adequar ao suporte (LD). Constatou-se que, na primeira edição do livro, alguns textos traziam a referência de qual meio da esfera jornalística

o texto tinha sido retirado[11], além disso, em alguns casos, havia a indicação de que tinha sido feita uma adaptação do texto original. As mudanças também ocorreram ao ser feita a revisão e ampliação da versão atual, para se ajustar aos objetivos da seção, que haviam sido mudados. Na última edição, não há referências sobre as fontes desses textos, além disso, seis deles são provenientes da primeira edição do livro, que eram, em sua maioria, textos do campo jornalístico já adaptados. Na versão atual, observou-se que os textos passaram por novas adaptações, que fizeram com que perdessem suas características discursivas.

Com essas mudanças, não se pode identificar os gêneros discursivos dos textos analisados, por isso, constatou-se que o objetivo do LD analisado não é o de apresentar língua e cultura por meio de diferentes gêneros discursivos, já que, apesar de utilizar os textos para propiciar ao aluno o contato com a língua e cultura alvo, não há preocupação com a diversidade dos gêneros, mas sim com a temática dos textos.

[11] No prefácio da edição do livro de 1990, as autoras descrevem que os textos da seção "Cotidiano Brasileiro" são "textos de imprensa retratando cenas do cotidiano" selecionados para promover debates de assuntos polêmicos (LIMA ; IUNES, 1990, p.5).

5 CONSTITUIÇÃO E APRESENTAÇÃO DO CORPUS

Para escolher um LD de PFOL entre os mais utilizados na cidade de São Paulo, foi feito, inicialmente, contato com vinte escolas de línguas que oferecem o curso de PFOL, a fim de identificar quais tinham interesse em participar da pesquisa. As quinze escolas interessadas receberam, por e-mail, um questionário (Figura 2) que deveria ser respondido pelos responsáveis pela escolha dos LDs utilizados (coordenadores, professores, diretores). Dez responderam ao questionário e uma registrou que as respostas poderiam ser obtidas pelas informações presentes no site institucional.[12]

Ficha de Pesquisa Sobre Livros Didáticos de PFOL

Profissão: _____

Formação acadêmica: _____

Tempo de atuação como professor de PFOL: _____

Nome da escola ou empresa em que trabalha: _____

Quais materiais didáticos você utiliza nas aulas de PFOL?

(_____) Livros didáticos

(_____) Flashcards

(_____) Filmes

(_____) Outros: _____

Se você utiliza livros didáticos de PFOL, assinale qual ou quais utiliza:

(_____) *Português para Estrangeiros* - Mercedes Marchant.
(_____) *Português do Brasil para estrangeiros* - S. BIAZOLI & Francisco G. MATOS.
(_____) *Português para estrangeiros I e II: conversação cultura e criatividade*.- S BIAZOLI & Francisco G. MATOS.
(_____) *Português para falantes de espanhol* - Leonor Cantareiro Lombello e Marisa de Andrade Baleeiro.
(_____) *Tudo Bem : Português do Brasil* - Raquel Ramalhete.
(_____) *Fala Brasil, Português para Estrangeiros* - Elizabeth Fontão do Patrocinio e Pierre Coudry.
(_____) *Muito Prazer! Curso de Português do Brasil para Estrangeiros* - Ana Maria Flores.
(_____) *Portugues Via Brasil: Um Curso Avançado para Estrangeiros* - Emma Eberlein O. F. Lima, Lutz Rohrman, Tokiko Ishihara, Cristián Gonzalez Bergweiler & Samira A. Iunes.
(_____) *Avenida Brasil: Curso Básico de Português para Estrangeiros* – Emma Eberlein O.F. Lima, Lutz Rohrmann, Tokiko Ishihara, Cristián González Bergweiler & Samira Abirad Iunes.
(_____) *Aprendendo Português do Brasil* - Maria Nazaré de Carvalho Laroca, Nadine Bara & Sonia Maria da Cunha.

[12] As informações encontradas no site da escola referiam-se somente aos livros didáticos, por isso constam apenas na análise da segunda parte do questionário

(_____) *Português para estrangeiros: nível avançado* - Mercedes Marchand.
(_____) *Português para estrangeiros I e II* - MEYER
(_____) *Falar, Ler e Escrever Português: Um Curso para Estrangeiros* - Emma E. O.F. Lima e Samira A I
(_____) *Bem-vindo!* - Maria Harumi Otuki de Ponce; Silvia R.B. Andrade Burin & Susanna Florissi.
(_____) *Sempre Amigos: Fala Brasil para Jovens* - Elizabeth Fontão do Patrocínio & Pierre Coudry.
(_____) *Interagindo em Português* - Eunice Ribeiro Henriques & Danielle Marcelle Granier.
(_____) *Passagens: Português do Brasil para Estrangeiros* - Rosine Celli.
(_____) *Diálogo Brasil*- Emma Eberlein O. F. Lima, Samira Abirad Iunes & Marina Ribeiro Leite.
(_____) *Aquarela do Brasil: Curso de Português para falantes de espanhol* - Edileise Mendes Oliveira Santos
(_____) *Estação Brasil: Português para estrangeiro* -. BIZON.
(_____) Panorama Brasil: Ensino do Português do Mundo dos Negócios - Harumi de Ponce, Silvia Burim, Susanna Florissi.
(_____) Muito Prazer: Fale o português do Brasil - Glaucia Roberta R. Fernandes, Telma de Lurdes S. B. Ferreira, Vera Lúcia Ramos.
(_____) Outros: _____

_____

Quais os critérios foram utilizados para a escolha dos livros didáticos:

(_____) Idade do aluno;
(_____) Sexo do aluno;
(_____) Nível do aluno em relação a língua portuguesa;
(_____) Objetivo do aluno;
(_____) Regra da escola/ empresa;
(_____) Profissão do aluno;
(_____) Língua materna do aluno;
(_____) Preço do livro;
(_____) Editora ou autor do livro;
(_____) Data de publicação do livro;
(_____) Outros: _____

Agradeço a colaboração
Luhema Ueti

Figura 2 – Questionário para definição do LD de PFOL mais utilizado em São Paulo
Fonte: Dados da pesquisa

Como visto acima, o questionário é formado por duas partes: a primeira, em que são solicitados dados do responsável pelas escolhas, como a formação acadêmica, o tempo de atuação na profissão e identificação da escola; e a segunda que é formada por perguntas objetivas sobre os LDs utilizados. As análises dos questionários são apresentadas (APÊNDICES p.88), enfatizando a análise da segunda parte, pelo fato de ser a determinante do *corpus* desta pesquisa.

Observando as informações da primeira parte do questionário, constatou-se que a maioria dos informantes é professor de PFOL, apenas um informante é diretor e proprietário da escola. Além disso, metade dos informantes possui graduação em Letras e a outra metade divide-se entre: um mestre em Filologia e Língua Portuguesa, dois jornalistas e dois com curso superior incompleto.

Quanto ao tempo de atuação na área de PFOL, a maioria deles atua há um longo período: quatro deles estão trabalhando por mais de dez anos e dois trabalham há seis anos. Os outros informantes desenvolvem atividades há menos de cinco anos (três anos, dois anos e meio e um ano e meio).

Ao analisar a segunda parte do questionário, obteve-se a Figura 2 em relação às respostas da pergunta "Quais materiais didáticos você utiliza nas aulas de PFOL?":

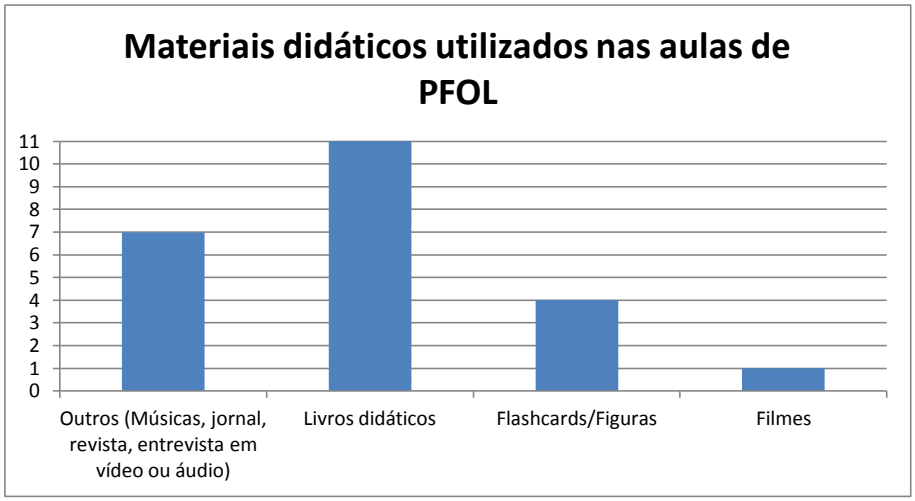


Figura 2 – Materiais didáticos utilizados nas aulas de PFOL

Fonte: Dados da pesquisa

É possível observar que as onze escolas utilizam livro didático, além disso, quatro delas também utilizam *flashcards* (figuras) durante as aulas. Já a utilização de filmes em sala de aula é menor, apenas uma escola apontou fazer uso desse material didático. Em sete das onze escolas, outros recursos didáticos são utilizados nas aulas, como: músicas, artigos de revistas e jornais, entrevistas em áudio e/ou vídeo.[13]

Na figura 3 encontram-se as respostas da pergunta "Quais critérios foram utilizados para a escolha do livro didático?".[14]

[13] Os exemplos apresentados foram citados pelos informantes.

[14] Embora que a lista de critérios tenha sido apresentada no questionário para tornar a pesquisa mais objetiva, o informante poderia citar outro critério utilizado a partir do critério "Outros".

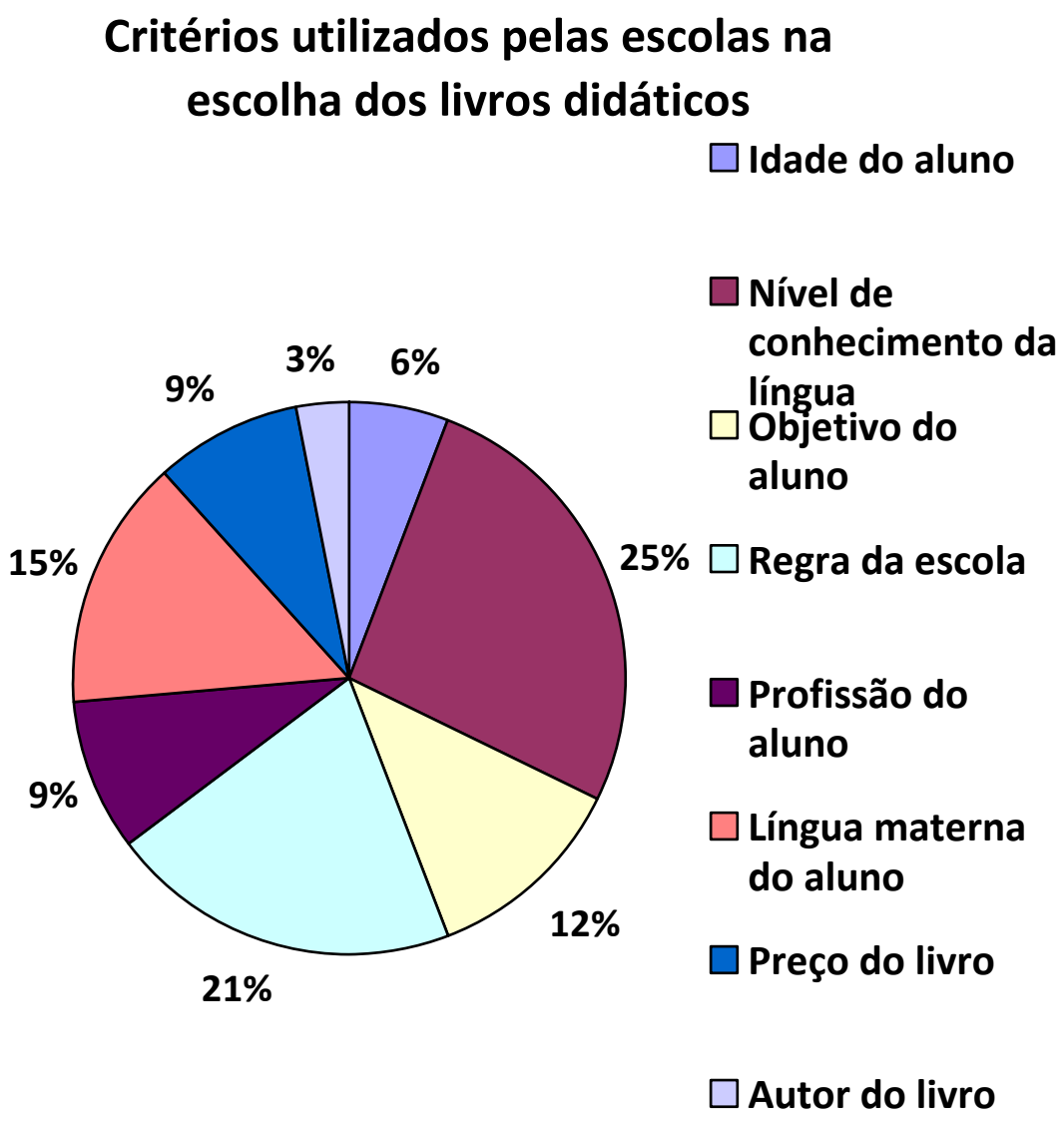


Figura 3 – Critérios utilizados pelas escolas na escolha dos livros didáticos

Fonte: Dados da pesquisa

Nota-se que o critério mais mencionado ao se escolher um LD para o aluno é o nível de proficiência que ele tem da língua, seguido pela determinação da própria escola na escolha do LD. A língua materna do aluno também é fator determinante na seleção do livro, aparecendo em terceiro lugar. O objetivo do aprendiz também é levado em consideração, sendo que, atualmente, já existem LDs com diferentes objetivos específicos (português para negócios e português para conversação, por exemplo).

A profissão do aluno também é um dos aspectos observados, pois também estão disponíveis no mercado livros de português para negócios. O preço do material e a idade do aluno também foram apontados como aspectos considerados na seleção, pois a maioria dos

LDs de PFOL tem um custo elevado se comparado aos LDs nacionais de outras línguas, como inglesa e espanhola. E há livros para diferentes idades: adolescentes e adultos. O autor do livro também é observado ao escolher o material, mas foi mencionado com menos frequência. Gênero, editora do livro e data da publicação não foram critérios determinantes para a escolha.

Com as respostas da pergunta "Qual livro didático de PFOL é utilizado nas aulas?", foi possível elaborar a Figura 4.

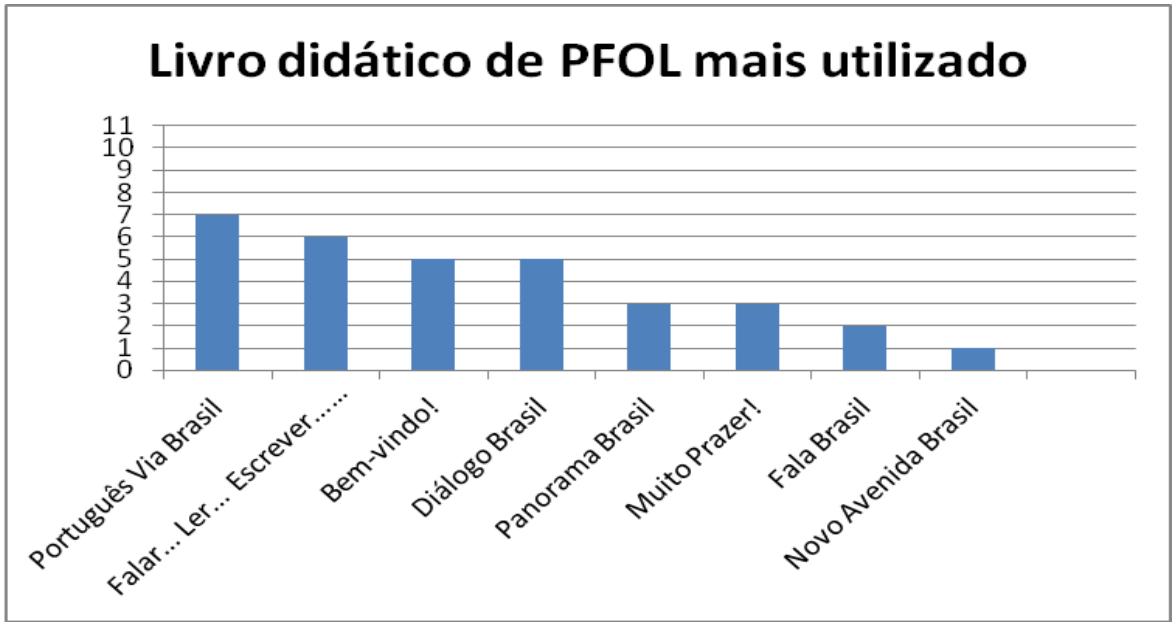


Figura 4 – Livro didático de PFOL mais utilizado
Fonte: Dados da pesquisa

O livro mais utilizado é **Português Via Brasil: um curso avançado para estrangeiros**, sendo que sete das onze escolas participantes utilizam esse livro. Na segunda posição, está o livro *Falar... Ler... Escrever... Português*, utilizado por seis escolas. Nas terceira e quarta posições houve empate dos livros: *Bem-vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação* e *Diálogo Brasil: curso intensivo de português para estrangeiros*, utilizados por cinco escolas cada um.

Com base no levantamento histórico dos LDs de PFOL, sabe-se que há poucos LDs voltados para o público do nível avançado: *Português Via Brasil: um curso avançado para estrangeiros*, *Panorama Brasil: ensino de português no mundo dos negócios* e *Português para estrangeiros – avançado*, já para o público dos níveis básico e intermediário há uma quantidade maior, o que justificaria a distribuição da preferência.

5.1 O LIVRO DIDÁTICO **PORTUGUÊS VIA BRASIL: UM CURSO AVANÇADO PARA ESTRANGEIROS**

O livro teve sua primeira publicação datada no ano de 1990, foi editado, atualizado e ampliado em 2005, e, em 2010, foi reimpresso de acordo com o Novo Acordo Ortográfico. Serão analisados os textos da edição de 2010, visto que esta edição encontra-se disponível nas livrarias e é utilizada pelas escolas e alunos.

Analisam-se aqui as modificações pelas quais o livro passou ao longo do tempo, observando duas edições, a primeira, de 1990 e a última, de 2010. Não será analisada a edição de 2005, uma vez que a única diferença entre as duas edições, de 2005 e 2010, é a atualização ortográfica. A seção "Cotidiano Brasileiro" também será analisada nas diferentes edições, pois nela é que são encontrados os textos que comporão o *corpus* desta pesquisa.

As primeiras mudanças nas diferentes edições estão relacionadas ao formato e à impressão dos livros. A primeira versão do livro tem formato menor (14 cm por 21 cm) do que a atual (21 cm por 28 cm), o número de páginas sofreu considerável variação, passando de 272 páginas na primeira versão para 219 páginas na versão de 2010.

A capa do livro segue um padrão. Na edição antiga, era verde e retratava a sombra de uma planta (Figura 5). Na atual, é verde e azul, as cores se misturam em degradê na parte verde há plantas e na parte azul há um lago (Figura 6).

Na capa da primeira versão, sugere-se que a forma como o aluno irá aprender o português avançado será via Brasil, pois a expressão "Via Brasil" está escrita separada do título do livro, como se fosse carimbada no lado esquerdo superior e em diagonal. Na capa da versão atual, a expressão "Via Brasil" encontra-se logo abaixo da palavra "Português" e juntamente com o título do livro, destacando-se em relação aos demais elementos, por estar em amarelo. Ainda são encontradas mais duas expressões - "Com a nova ortografia" e "Edição Revista e Ampliada" – que imprimem à obra caráter atual.

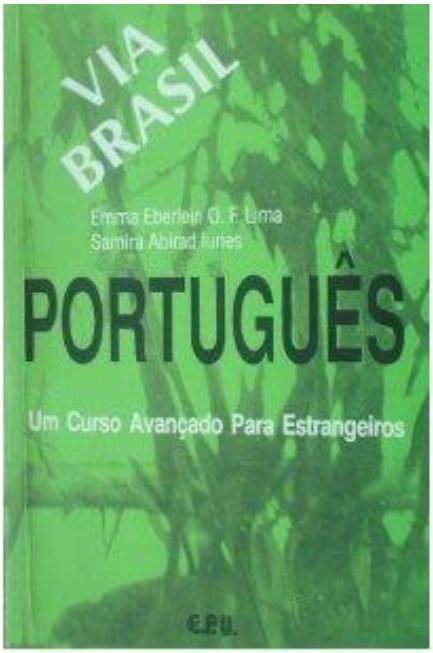


Figura 5 – Capa do livro (1990)

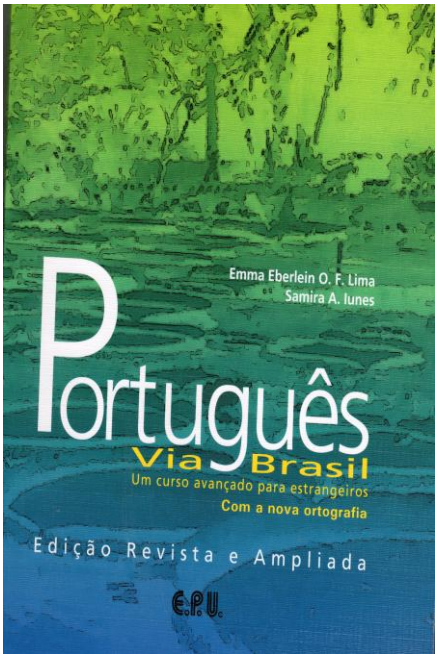


Figura 6 – Capa do livro (2010, versão atual)

Desde a primeira edição, o livro é dividido em dez unidades sendo que, no interior delas, na versão atual de 2010, algumas seções foram incluídas e algumas tiveram modificados seu nome ou a ordem em que aparecem, conforme quadro 4.

Seções do livro (edição de 1990)	Seções do livro (edição de 2010)
• Texto inicial • Gramática • Linguagem coloquial • Cotidiano brasileiro • Gramática • Ponto de vista • Linguagem formal	• Texto inicial • Gramática em revisão • Cotidiano brasileiro • Linguagem coloquial • Gramática nova (I) • Pausa • Gramática nova (II) • Ponto de vista • Linguagem formal

Quadro 4 – Comparativo das seções das edições de 1990 e 2010 do livro **Português Via Brasil: um curso avançado para estrangeiros**

Comparando os componentes de cada unidade, constata-se que, na edição revista, há mais seções de gramática do que na anterior. Houve também a inclusão da seção "Pausa". Já a seção "Cotidiano Brasileiro" é apresentada antes da seção "Linguagem coloquial".

No que se refere aos prefácios (Anexos A e L), constata-se que há diversas modificações que traduzem as mudanças de abordagens das autoras no decorrer de vinte anos.

O livro deixa de ser um “curso” e passa a ser um “método” para aprender português. Entretanto, a ênfase ainda está na apresentação de textos diversos, nos registros da linguagem (coloquial e formal) e na progressão gramatical, revisando conteúdos básicos e apresentando estruturas mais complexas.

O objetivo do livro continua a ser o de levar o aluno a atingir alto nível de proficiência linguística. Na primeira edição, o livro era destinado aos alunos dos cursos intermediário e avançado: “destinada a pessoas que tenham terminado o curso básico de Português como língua estrangeira e que desejem prosseguir seus estudos em nível intermediário e avançado” (LIMA ; IUNES, 1990, p.5). Na última edição, porém, identifica-se que o livro é designado aos estudantes de nível pré-avançado, em função de que em 2010, data da atual edição, há oferta de mais livros que atendam os níveis básico e intermediário, e antes dessa data, a maioria dos livros publicados era destinado aos alunos do nível básico e pré-intermediário.

No prefácio da primeira edição, apenas o título do livro aparece em negrito, contudo, na última edição, além do título do livro, as palavras “texto”, “gramática” e “objetivo” encontram-se negritadas. A partir dessa observação, depreende-se que o objetivo do livro é apresentar a gramática e textos da língua portuguesa.

Embora nas duas edições haja a seção “Cotidiano Brasileiro”, seus objetivos foram alterados. Na primeira, objetivava-se apresentar um repertório de textos da esfera jornalística para provocar discussões sobre “assuntos polêmicos”. Na versão atual, a seção tem como objetivo expandir o conhecimento sobre a cultura brasileira por meio de textos, sendo assim, a cultura tem lugar específico para ser apresentada,

Ainda que os objetivos da seção tenham sido modificados, os textos (Anexos B à V) sofreram poucas alterações, como já se pode notar pelos títulos nos quadros 5 e 6.

Títulos dos textos da seção “Cotidiano Brasileiro” (edição de 1990)[15]	• Cena paulistana: Numa carroça, Santino vende seus sorvetes • Cena brasileira: O Negro – 13 de maio de 1888 – Abolição da Escravatura no Brasil • Cena pernambucana: Festas juninas • Cena brasiliense: Brasília No pau-de-arara • Cena do Pantanal Mato-grossense: Onça-pintada ataca cavalos no Pantanal • Cena amazonense (1): Passeando de barco pelas cercanias de Manaus • Cena amazonense (2): O outro lado da moeda • Cena baiana: Romeiros sem medo de perder a vida • Cena carioca: Ano novo: festa na praia

[15] Os títulos foram copiados conforme apresentados no livro analisado.

	• Cena de Verão: A celebração do corpo no verão das academias

Quadro 5 – Títulos dos textos da seção “Cotidiano Brasileiro” (edição de 1990)

Títulos dos textos da Seção “Cotidiano Brasileiro” (edição de 2010)[16]	• Cena Paulistana: Árvores paulistanas • Cena brasileira: O Negro – O Preconceito racial • Cena Pernambucana: Festas juninas • Cena brasiliense: Brasília e o Quadrilátero Cruls • Cena do Pantanal Mato-Grossense • Cena amazonense • Cena mineira: As riquezas do Brasil mineiro – das montanhas rumo ao mar • Cena catarinense: O Caminho dos Tropeiros • Cena carioca: Ano-novo: festa na praia • Cena de verão

Quadro 6 - Títulos dos textos da seção “Cotidiano Brasileiro” (edição de 2010)

Identificou-se que apenas quatro dos dez textos foram substituídos: “Cena paulistana: Numa carroça, Santino vende seus sorvetes”, “Cena brasiliense: Brasília No pau-de-Arara”, “Cena amazonense (2): O outro lado da moeda” e “Cena baiana: Romeiros sem medo de perder a vida”. Dentre os substituídos, dois dos títulos que se referem às regiões retratadas foram conservados: “Cena paulistana” e “Cena brasiliense”.

Dos textos que continuaram no livro, alguns deles não permanecem como na primeira edição, tendo passado por supressão, reescrita de trechos e alguma adaptação. Analisam-se a seguir as modificações feitas em cada texto.

Na unidade dois, encontra-se o texto intitulado “Cena brasileira: O Negro – O Preconceito racial”[17], constata-se que houve supressão de um trecho de uma reportagem do jornal “*Folha de São Paulo*”, na qual se descrevia como havia sido lembrado o fim da escravidão, o que dava ao texto uma marcação temporal.

O texto “Cena Pernambucana: Festas juninas” foi retirado do jornal “*Diário de Pernambuc*o”, publicado em Recife. Os dois primeiros parágrafos permanecem iguais, os outros foram editados, foram retiradas informações temporais e alguns trechos foram reescritos.

No recorte a seguir, identificam-se marcas temporais, como “pelo menos dois terços da população”, “200 ruas” e “17 arraiais” (LIMA; IUNES, 1990, p.72).

[16] Os títulos foram copiados conforme apresentados no livro analisado.

[17] Opta-se aqui por utilizar os títulos dos textos da versão de 2010, uma vez que esta será a versão analisada na pesquisa.

> A Prefeitura do Recife, por exemplo, calcula que pelo menos dois terços da população envolveram-se, direta ou indiretamente, na folia junina. São mais de 200 ruas com decorações alusivas, 17 arraiais espalhados pelos bairros mais populosos e uma grande festa a céu aberto no Sítio Trindade, em Casa Amarela.

Logo, no parágrafo reescrito, observa-se que essas informações foram trocadas por informações menos marcadas temporalmente e genéricas, porém ainda se faz alusão ao grande arraial do Sítio da Trindade: "Quase toda a população se envolve nos festejos com a formação de 'arraiais' espalhados pelos bairros mais populosos e com a organização de uma grande festa, a céu aberto, no Sítio da Trindade, em Casa Amarela." (LIMA; IUNES, 2010, p.49).

Assim como foi apresentado anteriormente, os parágrafos seguintes também sofreram alterações semelhantes. Nos dois textos, relata-se como é o trânsito e o transporte para as festas juninas de Caruaru e de Campina Grande, mas não há menção ao estado da Paraíba a que essa última cidade pertence. Esse detalhe pode levar o leitor do texto a equivocar-se, acreditando que a cidade fica em Pernambuco, uma vez que o título do texto (Cena Pernambucana) refere-se a esse estado.

A unidade cinco apresenta uma adaptação do texto de Luiz Roberto de Souza Queiroz para o jornal "*O Estado de São Paulo*", sobre o Pantanal Mato-Grossense. A onça-pintada era o tema da edição antiga do livro. Na versão atual, os dois primeiros parágrafos são reservados aos diferentes animais da região e os dois últimos à onça-pintada, numa adaptação do texto de 1990.

Algumas marcas temporais não foram retiradas, como: "15% dos cavalos do Mato Grosso do Sul são atacados por onças-pintadas" (LIMA; IUNES, 2005, p.97). Porém, a informação sobre a velocidade de deslocamento da onça-pintada é contraditória, já que na primeira edição, o animal deslocava-se a 60 quilômetros por hora e na última edição, o valor é de 150 quilômetros por hora. Também não é apresentada distinção entre os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

O texto da unidade seis retrata o estado do Amazonas e foi adaptado do texto da primeira edição do livro, sem informação sobre sua origem. Assim como nos anteriores, algumas frases foram reestruturadas. No texto original, encontra-se a frase "Manaus, entretanto, oferece outros cenários a seus visitantes contanto que estes se disponham a trocar o hotel 5 estrelas por um barco de madeira." (LIMA; IUNES, 1990, p.161). Não tão diferente disso, o texto atual tem a seguinte adaptação: "Há, no entanto, turistas mais ousados que se dispõem a trocar o hotel cinco estrelas por um barco de madeira" (LIMA; IUNES, 2010, p.119).

A maioria dos assuntos tratados no texto foi conservada, o único tópico retirado foi o que trata da compra de produtos importados e aparelhos eletrônicos em Manaus. Este tema deve ter sido cortado do texto pelo fato de que, depois da década de 1990, com a abertura da economia brasileira, a Zona Franca de Manaus passou a ter como objetivo exportar e não mais importar (SUFRAMA, 2012).

O texto "Cena carioca: Ano-novo: festa na praia", apresentado na unidade nove, foi pouco modificado. Uma das marcas temporais "46 toneladas de fogos de artifício" se transformou em "toneladas e toneladas de fogos de artifício" (LIMA; IUNES, 1990, p.239; 2010, p.188). A quantidade de barcos não foi modificada, permanecendo os duzentos da edição de 1990. Como em outros textos, não há referência à origem desse texto.

O último texto do livro, "Cena de verão", foi adaptado do "Caderno 2" do jornal "*O Estado de São Paulo".* Na última versão, retiraram-se algumas marcas temporais, como o surgimento da aeróbica e seu sucesso nas academias, pois atualmente, há diferentes exercícios e equipamentos de ginástica.

Algumas modificações foram feitas para dar ao texto um caráter atual: "Enquanto as academias investem, buscando cada vez mais a perfeição, a turma se agita, feliz, cuidando do belo corpinho bronzeado pelo verão – a estação mais narcisista do ano" (LIMA; IUNES, 1990, p.267). No texto do livro atual, encontra-se o seguinte recorte: "As academias suam a camisa para atrair o pessoal para a malhação e a turma, por sua vez, se agita, feliz, cuidando do belo corpinho, pronta para exibi-lo nas praias e pela rua da cidade. Verão a estação mais narcisista do ano." (LIMA; IUNES, 2010, p.207).

Em nenhum texto da edição de 2010 há referência à autoria, sendo que apenas por meio da análise dos textos da primeira publicação foi possível descobrir a procedência deles e identificar seus autores. Infelizmente não se tem acesso aos textos jornalísticos originais para saber se os textos também foram editados ou não, mas sabe-se que muitas vezes isso é feito, com a finalidade de apresentar determinado vocabulário ou estrutura gramatical.

Mediante a análise da primeira versão do livro, foi possível entender a presença de textos como "O Negro – O Preconceito racial" e "Cena de verão" na seção "Cotidiano brasileiro", porque, ao modificar o objetivo da seção, parece que não se verificou se os textos contribuíam ou não para o proposto. Houve uma "reciclagem" de textos, o que proporcionou contradição entre a descrição contida no prefácio e os textos em si.

Os textos que permaneceram no livro, além de se distinguirem dos demais, não atendem aos objetivos e descrição da seção, que é de apresentar a cultura brasileira. Esse

proceder pode fazer com que o aluno entenda alguns assuntos, antes considerados “polêmicos”, como parte e forma de expressão da cultura brasileira.

Acredita-se que as razões desses textos não terem sido retirados estejam relacionadas à produção e à editoração do LD, como, por exemplo, o pagamento de direitos autorais aos autores dos textos selecionados e a supressão de trechos de textos para que o livro/texto tenha um determinado tamanho.

Entende-se que o LD, além de ser um recurso pedagógico, é também um produto de consumo pertencente a um mercado editorial, sendo responsável pelo faturamento de uma editora e de todos os seus funcionários, além de também reproduzir a ideologia que a editora quer propagar.

6 COMPOSIÇÃO DO *CORPUS*

Fez-se o levantamento lexical dos dez textos da seção "Cotidiano Brasileiro" e as unidades lexicais foram organizadas em dez campos léxico-semânticos[18]. São eles: festas populares, pontos turísticos, vegetação, fauna, pessoas importantes no desenvolvimento do país, religiosidade, recursos minerais, discriminação étnica, recursos hídricos, caracterização do corpo do brasileiro.

Festas populares	• Em todo o Brasil • Junho em sua tradição • Três festas populares • Em homenagem aos santos do mês • São as chamadas festas juninas • Fogueira no quintal • Rezas • Fogos de artifício • Danças, comida e bebidas típicas • Tudo de caráter bem popular • Se prolongam por todo o mês • As festas saíram das ruas e foram para as escolas, clubes, sítios ou ambientes domésticos • Crianças, jovens e velhos vestem à moda caipira • Dançam a quadrilha • Forró • Pé-de-moleque • Paçoca • Cocada • Pipoca • São doces feitos de amendoim, milho, coco • Grande procissão • A festa mais tradicional do estado [Pernambuco] é a de São João • Vários bairros competem na disputa do primeiro lugar na animação e nos enfeites de rua • Milhares de bandeirinhas • Arcos de bambu • Muita folhagem enfeitando calçadas, bares e casas • Quase toda a população se envolve nos festejos • Formação de arraiais espalhados pelos bairros • Organização de uma grande festa a céu aberto • Som da gostosa sanfona • Do triângulo • Animando os forrozeiros até o amanhecer • Barracas populares • Vendem canjica • Pamonha • Bolo de fubá

[18] As lexias organizadas nos campos léxico-semânticos foram copiadas de acordo como foram apresentadas nos textos do livro.

	• Milho cozido e assado • Os restaurantes também preparam pratos típicos • Nem as chuvas fortes conseguem apagar o fogo do entusiasmo dos festeiros • Fluxo de veículos que tomam a direção • Caruaru é a capital do forró • Campina Grande é famosa pelos festejos • Velas • Flores • Fogos na praia • Início do Ano-Novo no Rio de Janeiro • Multidões • Homens e mulheres de todas as idades e muitas crianças • Dirigiram-se para a praia de Copacabana • Todos vestidos de branco • Levando oferendas à Iemanjá – a bela e vaidosa deusa do mar • Lançaram-se às águas enormes quantidades de flores, perfumes, espelhos e adornos • Copacabana exibiu um belo espetáculo de luzes • Cerca de 200 barcos, entre saveiros, lanchas, veleiros e iates acompanharam do mar a queima de fogos na orla da praia • Os iates navegavam pelo mar em frente de Copacabana levando a bordo orquestras, bufês e centenas de convidados • [convidados] Com champanha na mão • Saudaram a chegada do Ano-Novo • Hoje a praia e a superfície do mar estão coalhados de flores • Foi belo o espetáculo de ontem e de hoje

Quadro 7 – Festas Populares

Pontos turísticos	• Muitos vão até Manaus à procura do exótico • Pontos interessantes da cidade • Hotel cinco estrelas • Paraíso • Praias selvagens • Praia deserta • Visão surpreendente da paisagem • Unidade arquitetônica das casas e das igrejas da região que por mais tempo marcou a história do Brasil • Durante quase 200 anos, pelas cidades de Vila Rica (hoje Ouro Preto), Mariana, Congonhas do Campo, Tiradentes e São João Del Rei, passaram as principais riquezas do Brasil Colonial • Ouro Preto a cidade com ladeiras íngremes cobertas por pedras centenárias • Tombada pela Unesco como patrimônio cultural da humanidade • As igrejas • O casario • Os monumentos • Praça Tiradentes, centro da cidade • Igreja Nossa Senhora do Carmo, de 1776 • Museu do Oratório • Museu da Inconfidência Mineira • Museu da Ciência e da Tecnologia

	• Cidades históricas de Minas Gerais • 18 igrejas • Pilar é a mais rica do Brasil • Igreja, aliás, é o que não falta nas cidades históricas • Largo do Coimbra - feira permanente • Ouro Preto tornou-se também uma cidade universitária • Moderna agora, inimaginável na época colonial • Concentração de estudantes nos barzinhos e restaurantes da Rua Direita • Congestionando-a em julho • Tornando-a intransitável por causa da agitação • Mariana • Igreja da Sé • Congonhas do Campo • Adro da Basílica do Senhor Bom Jesus de Matosinhos • 12 profetas em pedra-sabão esculpidos por Aleijadinho • Região histórica • Estradas novas, asfaltadas ao lado da rota antiga • Tiradentes • São João Del Rei • Serra da Mantiqueira • Caxambu • São Lourenço • Cidades termais • Rota do ouro • Rota das águas • Topando com belezas naturais • As famosas taipas • Muros de pedra, pedra sobre pedra • Fazendas seculares transformaram-se em pousadas acolhedoras • Surpresa de canyons • Trilhas • Cachoeiras • Cascatas • Barrancos íngremes • Encanto em trilhas • Caminhos sob o gelo • Praia de Copacabana • Marina da Glória • Iate Clube

Quadro 8 – Pontos turísticos

Vegetação	• Um jardim botânico a céu aberto • Uma das cidades mais bem arborizadas do mundo • Jequitibá • Ipê • Jacarandá • Cássia • Mulungu • Cedro • Sapucaia • Outras espécies dão um ar especial • Torna-se um jardim

	• Surgem de repente • Azaleias • Buganvíleas • Ipês roxos, amarelos, rosas • Jacarandás mimosos deitando pétalas violeta pelo chão • Copas douradas de manacás • Tipuanas • Altas paineiras • Flamboyans pegando fogo • Quaresmeiras em flor até abril • Irrompem em nosso caminho • No meio de muito verde • Sem mais nem menos • Árvores floridas, lindas • Um espetáculo de cores que só nos faz bem • Bons planos de arborização para a cidade que crescia • Faina • Defendendo as árvores de seu jardim • Exótico • Tímidas excursões pela beira da floresta imensa • [Praia de seus sonhos] escondida no meio da floresta • Floresta espessa • Floresta amazônica • Vastíssima área • Preciosidades ecológicas do nosso planeta • Visão surpreendente da paisagem • Aproveitavam as pastagens • As araucárias imponentes • O contorno da serra • A praia e a superfície do mar estão coalhadas de flores • Belo espetáculo de hoje

Quadro 9 – Vegetação

Fauna	• Fauna exuberante • 32 milhões de jacarés • 35 mil cervos-do-pantanal • 2,5 milhões de capivaras • Pássaros e mais pássaros • Rios abundantes de peixes • A bicharada está por toda parte • Pássaros pousados às pencas em árvores • Capivaras muito mansas andam sempre em grupo • Jacarés são arredios e, a um movimento mais brusco, fogem e somem na água • Tuiuiús amontoam-se às margens das baías • Cobras enroscam-se em árvores de um lado e outro do caminho • Atenção para vê-las [cobras] • Estejam muito perto [cobras] • Para encontrar um macaco-preto só com muita sorte • Topar com uma onça-pintada é quase impossível • A onça está por lá • 15% dos cavalos do Mato Grosso do Sul são atacados por ela [onça] • Com 150 quilos e até 2,30 metros de comprimento [onça]

	• Costuma deslocar-se a uma velocidade de 150 quilômetros por hora [onça] • [onça] Em questão de minutos abater a presa • [presa] geralmente bem maior que ela [onça] • [onça] Ataca do solo, pulando sobre o dorso da vítima • Jaguaré-tê- aquele que mata de um pulo • Incrível força e agilidade • Manada • Burro ou jumento • Mosquito terrível • Cuja picada causa ferimento dolorido e repugnante, que leva meses a cicatrizar • Riqueza – gado de corte e de leite • Tropas de cavalos • Gado tinha que ir recuperando peso pelo caminho • 300 mil cabeças de gado • Rebanhos

Quadro 10 – Fauna

Pessoas importantes no desenvolvimento do país	• Antigos administradores dedicaram-se a traçar bons planos de arborização para a cidade que crescia • Milhares de moradores anônimos que, incansáveis, passaram a vida plantando mudas, regando, fertilizando, podando, protegendo, defendendo as árvores de seus jardins • Inconfidentes mineiros • Grupo de intelectuais de patriotas que almejavam a independência do Brasil, em 1780 já falavam do assunto • Jornalistas, no século XIX, fizeram campanha em favor do estabelecimento da capital • Juscelino Kubtischek • José Bonifácio de Andrade e Silva, paulista de muito destaque na política brasileira • Astrônomo belga Luiz Cruls • Floriano Peixoto, então presidente da República • Pesquisadores • Geógrafos • Médicos • Naturalistas botânicos • Engenheiros • Cruls descobriu o ponto e que se encontram as nascentes das três maiores bacias hidrográficas do país • O relatório Luiz Cruls é a certidão de nascimento de Brasília • Nenhum deles deixou um legado tão grande como o de Cruls • Presidente Eurico Gaspar Dutra nomeou uma nova expedição de exploração do Planalto Central • A missão Poli Coelho • Como os portugueses conseguiram atravessá-la em lombo de burros carregados de ouro • A viagem de 700 quilômetros levava de 60 a 90 dias • Contrabandistas descobriam sempre novos caminhos para o porto, mais perigosos ainda • Tropeiros

	• O tropeiro Francisco de Souza Ferreira recebeu do governo a incumbência de abrir caminhos dos campos do Viamão, no Rio Grande do Sul, até Sorocaba, estado de São Paulo • Façanha dos tropeiros gaúchos que foram abrindo caminhos • Fundando povoados e fazendas • Enfrentando o frio da invernada • Essas viagens podiam levar dez meses • Escravos ergueram as famosas taipas

Quadro 11– Pessoas importantes no desenvolvimento do país

Religiosidade	• Homenagem aos santos do mês • Santo Antonio • São João • São Pedro • Rezas • Santo Antonio é o santo casamenteiro • As moças solteiras rezam para que o santo lhes encontre um marido • Sua devoção é muito grande em todo o país • Para São João algumas cidades fazem uma grande procissão • Crianças simbolizando João menino com um carneirinho • Festa mais tradicional do estado de Pernambuco é de São João • Igrejas • Visão arquitetônica das igrejas • São João Del Rei • O ouro ajudou a construir quase todas as igrejas que se espalharam pelo litoral do país • As igrejas vêm sendo recuperadas • Igreja de Nossa Senhora do Carmo • Museu do Oratório • Igreja é o que não falta nas cidades históricas de Minas Gerais • Quase todas com obras de Aleijadinho • Em Ouro preto são 18 • Pilar é a mais rica do Brasil com 450 quilos de ouro espalhados por esculturas e altares • Mariana e sua igreja da Sé com 365 quilos de ouro no altar • Adro da Basílica do Senhor Bom Jesus de Matosinhos • 12 profetas em pedra-sabão • Levando oferendas à Iemanjá- a bela e vaidosa deusa do mar • Lançaram-se às águas enormes quantidades de flores, perfumes, espelhos e adornos

Quadro 12– Religiosidade

Recursos minerais	• Principais riquezas do Brasil Colonial - ouro, prata e pedras preciosas • Ouro das Minas Gerais • Enriqueceu o reino português • Ajudou a construir quase todas as igrejas • Rota do ouro • Pedras centenárias • Pilar é considerada a mais rica do Brasil • 450 quilos de ouro espalhados por esculturas e altares • Feira permanente

	• Venda de topázios, esmeraldas e águas-marinhas • Igreja da Sé com 365 quilos de ouro no altar • 12 profetas em pedra-sabão • Rota antiga, feita de pedra • Contrabandistas

Quadro 13 – Recursos minerais

Discriminação étnica	• Libertação dos negros é ainda uma questão mal resolvida • Dentro da totalidade da população brasileira, o negro é minoria • 44% de todos os habitantes do país • Pessoas de pele mais escura • Do negro de pele preta com reflexo azulados • Mulato claro • Na camada pobre os negros formam maioria • De cada dez brasileiros pobres, os negros são seis • Discriminação racial está integrada ao cotidiano brasileiro • O preconceito racial não assume formas agressivas • Faz parte do comportamento da população • O racismo, condenado publicamente, aflora na esfera privada e em situações concretas de trabalho • A atitude das classes média e alta o contradiz • Na classe baixa há a confraternização da pobreza • É nessa camada [classe baixa] que se verifica a miscigenação

Quadro 14 – Discriminação étnica

Recursos hídricos	• Cidades termais • Rota das águas • Próximo à nascente de grandes rios • Abundância de rios • Nascentes das três maiores bacias hidrográficas do país, a Amazônica, a Platina e a do São Francisco • Por aí se vê que as águas são abundantes, tornando-se fácil abastecer uma cidade • Reserva Biológica das águas • Navegarão horas a fio pelos rios Negro e Solimões • Margens dos rios de Manaus • À frente a um imenso rio • Rios abundantes de peixes • Cachoeiras • Cascatas

Quadro 15 – Recursos hídricos

Corpo dos brasileiros	• Templos da boa forma • Braços arremessados à frente • Bumbum arrebitado aos ares • Hora do culto ao corpo

	• Gatos e gatas dourados • Perfeição para o verão • Cuidando do belo corpinho • Pronta para exibi-lo nas praias e pelas ruas da cidade • Do prazer estético ao prazer corporal

Quadro 16 – Corpo dos brasileiros

7 ANÁLISE DOS CAMPOS LÉXICO-SEMÂNTICOS

7.1 FESTAS POPULARES

A vida das sociedades reveza-se entre rotina e eventualidade. A rotina faz parte do cotidiano das pessoas e refere-se ao esforço, ao obrigatório e ao castigo, e a eventualidade refere-se ao fora do cotidiano, ao extraordinário. Um se opõe ao outro, fazendo com que sejam complementares. É nessa alternância entre rotina e festa que a vida é definida. A rotina e a eventualidade são modos da sociedade se expressar e se representar. Nas festas não há distinção entre patrão e operário, todos comem e se divertem, esquecendo-se do cotidiano (DAMATTA, 1986, p.45).

As lexias que constituem este campo léxico-semântico foram encontradas em dois textos – "Cena Pernambucana: Festas juninas" e "Cena Carioca: Ano-novo: festa na praia" – que retratam duas celebrações comuns no país. Conforme é visto a seguir, a cultura brasileira é apresentada como festejadora e as festas servem para unir todos os brasileiros. Além disso, há distinção entre uma festa elitizada e uma popular.

Em "Cena Pernambucana: Festas juninas", o Brasil é apresentado como um país religioso e que organiza uma enorme festa em homenagem a três santos católicos em agradecimento à farta colheita. A festa e tudo a seu respeito relacionam-se ao modo caipira.

As lexias do quadro 17 apresentam as festas juninas como uma festa tipicamente brasileira, mas elas têm origem na França, com a celebração do solstício de verão e foram incorporadas à prática cristã. A comemoração foi trazida para o país pelos portugueses e foi transformada pelos hábitos brasileiros: a comida, as danças e as vestimentas.

Cena Pernambucana: Festas juninas
• Em todo o Brasil • Junho em sua tradição • Três festas populares • Em homenagem aos santos do mês • São as chamadas festas juninas • Rezas • Fogos de artifício • Se prolongam por todo o mês

Quadro 17 – Cena Pernambucana: Festas juninas

Nas festas em geral, a comida, os costumes, a música e a dança são descritos como espetáculos à parte. Nas festas juninas, eles estão relacionados ao jeito "caipira" e ao caseiro, como é possível ver nas lexias "danças, comida e bebidas típicas" e "crianças, jovens e velhos vestem à moda caipira", conforme quadro 18.

Cena Pernambucana: Festas juninas
• Danças, comida e bebidas típicas • Tudo de caráter bem popular • As festas saíram das ruas e foram para as escolas, clubes, sítios ou ambientes domésticos • Crianças, jovens e velhos vestem à moda caipira • Dançam a quadrilha • Forró • Pé-de-moleque • Paçoca • Cocada • Pipoca • São doces feitos de amendoim, milho, coco • Milhares de bandeirinhas • Arcos de bambu • Muita folhagem enfeitando calçadas, bares e casas • Formação de arraiais espalhados pelos bairros • Organização de uma grande festa a céu aberto • Som da gostosa sanfona • Do triângulo • Animando os forrozeiros até o amanhecer • Barracas populares • Vendem canjica • Pamonha • Bolo de fubá • Milho cozido e assado

Quadro 18 – Cena Pernambucana: Festas juninas

O jeito caipira apresentado nas lexias não está relacionado ao conhecido caipira estereotipado de Monteiro Lobato, o Jeca Tatu, mas à sua essência, como o modo caseiro de produzir alimentos e tecidos para o seu próprio consumo. Com o declínio da mineração no país e o surgimento de fábricas e latifúndios, a população que se ocupava com a produção artesanal de mantimentos, tecidos e animais se dispersou pelo Centro-Sul e Sudeste, levando consigo sua maneira de viver "caipira" (RIBEIRO, 1995, p.382).

As lexias "quase toda a população se envolve nos festejos", "Crianças, jovens e velhos vestem à moda caipira" e "Organização de uma grande festa a céu aberto" retratam que as festas juninas também estão relacionadas ao modo como era organizada a "sociedade caipira", uma vez que os grupos familiares viviam distantes da cidade, quase

isolados, uniam-se para fazer os trabalhos mais desgastantes, formavam assim mutirões que celebravam o final do trabalho com festas (RIBEIRO, 1995, p.383).

As lexias do quadro 19 mostram que o espírito "caipira" ainda está presente na população brasileira, principalmente na organização da festa junina, atrelado a isso, atualmente há a competição de qual é a maior festa junina do Brasil e a participação de pessoas como "convidados".

Cena Pernambucana: Festas juninas
• A festa mais tradicional do estado (Pernambuco) é a de São João • Vários bairros competem na disputa do primeiro lugar na animação e nos enfeites de rua • Milhares de bandeirinhas • Muita folhagem enfeitando calçadas, bares e casas • Quase toda a população se envolve nos festejos • Formação de arraiais espalhados pelos bairros • Organização de uma grande festa a céu aberto • Barracas populares • Os restaurantes também preparam pratos típicos • Nem as chuvas fortes conseguem apagar o fogo do entusiasmo dos festeiros • Fluxo de veículos que tomam a direção • Caruaru é a capital do forró • Campina Grande é famosa pelos festejos

Quadro 19 – Cena Pernambucana: Festas juninas

Lexias sobre outra festa popular, a celebração do Ano-Novo, foram identificadas no texto "Cena carioca: Ano-novo: festa na praia" e são apresentadas no quadro 20.

Cena carioca: Ano-novo: festa na praia
• Velas • Flores • Fogos na praia • Início do Ano-Novo no Rio de Janeiro • Multidões • Homens e mulheres de todas as idades e muitas crianças • Dirigiram-se para a praia de Copacabana • Todos vestidos de branco • Levando oferendas à Iemanjá – a bela e vaidosa deusa do mar • Lançaram-se às águas enormes quantidades de flores, perfumes, espelhos e adornos • Copacabana exibiu um belo espetáculo de luzes • Cerca de 200 barcos, entre saveiros, lanchas, veleiros e iates acompanharam do mar a queima de fogos na orla da praia • Os iates navegavam pelo mar em frente de Copacabana levando a bordo orquestras, bufês e centenas de convidados • [convidados] Com champanha na mão • Saudaram a chegada do Ano-Novo • Hoje a praia e a superfície do mar estão coalhados de flores • Foi belo o espetáculo de ontem e de hoje

Quadro 20– Cena carioca: Ano-novo: festa na praia

A festa representada pelas lexias do quadro acima é herança dos portugueses, que também trouxeram o costume de soltar fogos de artifício, mas ela tem origem em Roma com a celebração ao deus Janu. No Brasil, costumes de religiões afro-brasileiras foram incorporados ao evento, como o uso de roupas brancas no ritual de oferendas à Iemanjá do Candomblé e que se tornou um hábito para a maioria dos brasileiros na passagem do Ano-Novo.

"Velas", "Flores", "Fogos na praia", "Todos vestidos de branco", "Levando oferendas à Iemanjá", "Lançando-se às águas enormes quantidades de flores, perfumes, espelhos e adornos" são lexias que descrevem como a data é celebrada no país, em especial no Rio de Janeiro.

A figura de Iemanjá representa as religiões afro-brasileiras como o candomblé e a umbanda. Há uma relação pessoal entre a entidade e o indivíduo que se dá por meio de diversas formas de comunicação, como as oferendas (flores, perfumes espelhos e adornos). É mediante as oferendas que o brasileiro acredita se comunicar com seu deus e faz seus pedidos para o ano que está começando (DAMATTA, 1986).

Diferentemente do apresentando no texto "Cena Pernambucana: Festas juninas" com as lexias "Tudo de caráter bem popular" e "Barracas populares", no texto "Cena carioca: Ano-novo: festa na praia" o Ano-Novo brasileiro é apresentado como algo requintado e elitizado, como se pode ver no quadro 21.

Cena carioca: Ano-novo: festa na praia
• Fogos na praia • Início do Ano-Novo no Rio de Janeiro • Copacabana exibiu um belo espetáculo de luzes • Cerca de 200 barcos, entre saveiros, lanchas, veleiros e iates acompanharam do mar a queima de fogos na orla da praia • Os iates navegavam pelo mar em frente de Copacabana levando a bordo orquestras, bufês e centenas de convidados • [convidados] Com champanha na mão • Saudaram a chegada do Ano-Novo

Quadro 21- Cena carioca: Ano-novo: festa na praia

Analisando as lexias do quadro acima, foi possível identificar dois modos diferentes de celebração, o modo como a população em geral festeja e como as pessoas com maior poder aquisitivo festejam. As lexias "Multidões", "homens e mulheres de todas as idades e muitas crianças", "dirigiram-se a praia de Copacabana" e "levando oferendas à Iemanjá" aludem a uma festa popular. Diferentemente das lexias "cerca de 200 barcos, entre saveiros, lanchas, veleiros e iates acompanharam a queima de fogos na orla da praia", "Os

iates navegavam pelo mar em frente de Copacabana levando a bordo orquestras, bufês e centenas de convidados" e "Com champanha na mão" que apresentam o evento como um momento apenas para convidados.

O campo léxico-semântico "Festas populares" é apresentado como um fator que une os brasileiros ao preparar uma festa e também que os separa por critérios econômicos. É através das festas populares que os indivíduos podem se comunicar com seu deus, respeitando a diversidade de religiões no país. Elas também são meios pelos quais a sociedade pode se expressar e esquecer da dura vida cotidiana, dançando, comendo, relacionando-se com diferentes pessoas e alegrando-se.

As festas são heranças dos portugueses, mas serviram para a comunicação e o entendimento entre as diversas culturas (portuguesa, francesa, indígena e africana) presentes no Brasil, incorporando os diferentes costumes dessas culturas e transformando as festas em algo tipicamente brasileiro.

7.2 PONTOS TURÍSTICOS

As lexias encontradas nos textos "Cena amazonense", "Cena mineira: as riquezas do Brasil mineiro – das montanhas rumo ao mar", "Cena catarinense – O Caminho dos Tropeiros" e "Cena carioca: Ano-novo: festa na praia" pertencem ao campo léxico-semântico "Pontos Turísticos". Por meio delas, o Brasil aparece como um país de lugares turísticos exóticos, religiosos, praianos e com muitas belezas naturais.

No texto "Cena amazonense", as lexias do quadro 22 constroem o estereótipo da Amazônia que atrai os estrangeiros por ser exótica e inexplorada, onde há praias desertas e selvagens, paraísos. Verifica-se a oposição entre duas lexias "Praias selvagens" e "Hotel cinco estrelas", pois ao mesmo tempo em que aparece a imagem da Amazônia inexplorada, hotéis cinco estrelas são referenciados, uma contradição que expressa que, mesmo a Amazônia sendo um lugar inexplorado, o visitante terá conforto durante sua estadia.

Cena amazonense
• Muitos vão até Manaus à procura do exótico • Pontos interessantes da cidade • Hotel cinco estrelas • Paraíso • Praias selvagens

• Praia deserta

Quadro 22 – Cena amazonense

Em “Cena mineira: as riquezas do Brasil mineiro – das montanhas rumo ao mar”, a imagem construída é a de um país devoto e rico, com muitas igrejas espalhadas pela região de Minas Gerais, ornadas e estruturadas com ouro e pedras preciosas. O quadro 23 apresenta as lexias desse texto.[19]

Cena mineira: as riquezas do Brasil mineiro – das montanhas rumo ao mar
• Unidade arquitetônica das casas e das igrejas da região que por mais tempo marcou a história do Brasil • Ouro Preto • Durante quase 200 anos, pelas cidades de Vila Rica (hoje Ouro Preto), Mariana, Congonhas do Campo, Tiradentes e São João Del Rei, passaram as principais riquezas do Brasil Colonial • A cidade com ladeiras íngremes cobertas por pedras centenárias • Tombada pela Unesco como patrimônio cultural da humanidade • As igrejas • O casario • Os monumentos • Praça Tiradentes, centro da cidade • Igreja Nossa Senhora do Carmo, de 1776 • Museu do Oratório • 18 igrejas • Pilar é a (igreja) mais rica do Brasil • Largo do Coimbra - feira permanente de pedras preciosas • Mariana • Igreja da Sé • Congonhas do Campo • Adro da Basílica do Senhor Bom Jesus de Matosinhos • 12 profetas em pedra-sabão esculpidos por Aleijadinho • São João Del Rei • Rota do ouro

Quadro 23 - Cena mineira: as riquezas do Brasil mineiro – das montanhas rumo ao mar

O turismo religioso no Brasil é apresentado como em um Brasil único, pois o visitante poderá ver obras de arte sacra e ouro, como é exposto pelas lexias “Pilar é a mais rica do Brasil”, “Adro da Basílica do Senhor Bom Jesus de Matosinhos”, “12 profetas em pedra-sabão esculpidos por Aleijadinho” e “Rota do ouro”.

As cidades de Minas Gerais são representadas por dois aspectos, o histórico e o moderno, que também pode ser entendido como atual e jovial. As lexias “Unidade arquitetônica das casas e das igrejas da região que por mais tempo marcou a história do

[19] Sobre “Religiosidade” e “Recursos minerais” ver as análises desses campos léxico-semânticos – itens 7.6 e 7.7.

Brasil", "Durante quase 200 anos, pelas cidades de Vila Rica (hoje Ouro Preto), Mariana, Congonhas do Campo, Tiradentes e São João Del Rei, passaram as principais riquezas do Brasil Colonial", "A cidade com ladeiras íngremes cobertas por pedras centenárias", "Tombada pela Unesco como patrimônio cultural da humanidade" e "Igreja Nossa Senhora do Carmo, de 1776" apresentam os municípios mineiros como exemplos de cidades históricas.

A modernidade e a jovialidade são representadas pelas lexias: "Museu da Ciência e da Tecnologia", "Ouro Preto tornou-se também uma cidade universitária" "Moderna agora, inimaginável na época colonial", "Concentração de estudantes nos barzinhos e restaurantes da Rua Direita", "Estradas novas, asfaltadas ao lado da rota antiga". Com as lexias do texto "Cena catarinense: O Caminho dos Tropeiros", encontradas no quadro 24, identifica-se a ênfase nas belezas que a natureza oferece ("cachoeiras", "surpresa de canyons" e "caminhos sob o gelo"), além das belezas construídas pelo homem ("muros de pedra, pedra sobre pedra").

Cena catarinense: O Caminho dos Tropeiros
• Topando com belezas naturais • As famosas taipas • Muros de pedra, pedra sobre pedra • Surpresa de canyons • Trilhas • Cachoeiras • Cascatas • Barrancos íngremes • Encanto em trilhas • Caminhos sob o gelo

Quadro 24 - Cena catarinense: O Caminho dos Tropeiros

Assim como as lexias encontradas no texto "Cena mineira: as riquezas do Brasil mineiro – das montanhas rumo ao mar", a lexia "Fazendas seculares transformaram-se em pousadas acolhedoras" retrata que as fazendas históricas de Santa Catarina deram lugar a pousadas acolhedoras, onde o visitante pode sentir-se em casa e aproveitar as belezas naturais que a região oferece.

Diferentemente do texto anterior, no texto "Cena carioca: Ano-novo: festa na praia" há um relato de como é a festa do Ano-Novo na Praia de Copacabana. As lexias revelam a visão de que o Rio de Janeiro é uma das cidades mais conhecidas, principalmente pelas suas praias e pelas festas de final de ano. Algumas lexias remetem a locais específicos da cidade onde se realiza a virada do ano, de acordo com quadro 25.

Cena carioca: Ano-novo: festa na praia
• Praia de Copacabana • Marina da Glória • Iate Clube

Quadro 25 - Cena carioca: Ano-novo: festa na praia

As escolhas lexicais constroem um discurso do Brasil como lugar que atrai turistas, pelas regiões inexploradas, exóticas, históricas e religiosas que convivem com a modernidade, o conforto e a riqueza.

Percebe-se que a representação do Brasil é a de um éden, visão implícita nos textos e que remete a de um paraíso terreno que povoa a mentalidade dos brasileiros desde muito tempo. A "Visão do Paraíso", conforme aponta Holanda (2000), habita o imaginário de muitos indivíduos, principalmente dos europeus, que acreditavam que em algum lugar do planeta Terra existiria o paraíso terreno. Os viajantes portugueses, influenciados por religiosos da Idade Média, acreditavam que o "Jardim do Éden" seria na América, e após a descoberta do Brasil, pensou-se que seria aqui.

Essa visão é reforçada pelas primeiras cartas e relatos dos descobridores portugueses que aqui estiveram, descrevendo o Brasil como uma terra paradisíaca e tropical, cheia de riquezas naturais, como a diversidade da fauna e da flora, a grandeza territorial. É possível encontrar representações desse mito também no Hino Nacional Brasileiro e na Bandeira do Brasil que ressalta as maravilhas desse país.

Muitos portugueses, como São Tomás de Aquino, acreditavam que o paraíso se situava abaixo do equinócio, "era a parte do mundo mais temperada, mais deleitável e mais amena para a perfeita habitação dos homens. Sucede ainda que entre as regiões equatoriais, nenhuma [...] tinha em si as bondades que mostra o Brasil." (HOLANDA, 2000, p.138)

O uso frequente das lexias "ilha paradisíaca", "lugar paradisíaco" nos discursos publicitários sobre lugares do país contribui para a manutenção do mito do paraíso terreste. O estereótipo do Brasil como um país de exuberantes belezas naturais é reforçado nas escolhas lexicais do LD analisado.

Houve também a contribuição da manutenção do mito do paraíso terreno pelo próprio governo brasileiro com as campanhas publicitárias da EMBRATUR (Empresa Brasileira de Turismo). Em uma análise das campanhas feitas por esse instituto a partir de 1970 a 2002, constatou que, por décadas, a imagem do Brasil no exterior reforçava esse estereótipo (ALFONSO, 2006).

A autora ainda aponta que na campanha do ano de 1987 “a ideia era exibir um país de cores, sabores e paisagens, um país continental, tropical, exótico, hospitaleiro, unido, formado por várias raças e culturas e repleto de mulheres sensuais.” (ALFONSO, 2006, p.105). Observa-se que as lexias apresentadas no campo léxico-semântico “Pontos Turísticos” contribuem para reforçar os estereótipos já conhecidos pelos estrangeiros através das publicidades do instituto de turismo brasileiro.

7.3 VEGETAÇÃO

Este campo léxico-semântico foi constituído a partir das lexias presentes em quatro textos: “Cena Paulistana: Árvores paulistanas”, “Cena amazonense”, “Cena catarinense: O Caminho dos Tropeiros” e “Cena carioca: Ano-novo: festa na praia”.

Nesses textos, as lexias apresentam o Brasil como um país com exuberante, abundante e de diversificada vegetação. A flora está presente, não só na Amazônia, mas também em grandes centros urbanos, como São Paulo.

As lexias do quadro 26 apresentam a maior cidade da América Latina como um “jardim botânico a céu aberto”, onde há diversidade de árvores e plantas, além de ter um planejamento de arborização.

Cena Paulistana: Árvores paulistanas
• Um jardim botânico a céu aberto • Uma das cidades mais bem arborizadas do mundo • Torna-se um jardim • Surgem de repente • Irrompem em nosso caminho • No meio de muito verde • Sem mais nem menos • Árvores floridas, lindas • Um espetáculo de cores que só nos faz bem • Bons planos de arborização para a cidade que crescia • Defendendo as árvores de seu jardim

Quadro 26 - Cena Paulistana: Árvores paulistanas

Atualmente, a cidade de São Paulo não pode mais ser considerada um “jardim botânico a céu aberto”. Segundo Burgarelli e Zanchetta (2011), “a cidade é uma das

metrópoles menos arborizadas do mundo e somente nos quatro primeiros meses de 2011 foram podadas mais de doze mil árvores".

A diversidade da vegetação pode ser identificada nos textos "Cena Paulistana: Árvores paulistanas" e "Cena amazonense", pelas lexias referentes às diferentes espécies de plantas, encontradas nos quadros 27 e 28.

Cena Paulistana: Árvores paulistanas
• Um jardim botânico a céu aberto • Jequitibá • Ipê • Jacarandá • Cássia • Mulungu • Cedro • Sapucaia • Outras espécies dão um ar especial • Azaleias • Buganvíleas • Ipês roxos, amarelos, rosas • Jacarandás mimosos deitando pétalas violeta pelo chão • Copas douradas de manacás • Tipuanas • Altas paineiras • Flamboyans pegando fogo • Quaresmeiras em flor até abril • No meio de muito verde • Árvores floridas, lindas

Quadro 27 - Cena Paulistana: Árvores paulistanas

Ao apresentar a variedade da flora brasileira, sua multiplicidade de espécies de árvores, plantas e flores, remete-se à abundante e variada vegetação do Jardim do Éden, reforçando o mito da visão do Brasil como o paraíso terreno (HOLANDA, 2000).

No texto "Cena amazonense", as lexias sobre a floresta amazônica, quadro 28, exprimem caráter de grandiosidade ao ecossistema brasileiro. Lexias como: "Floresta imensa" e "Vastíssima área" apresentam a Amazônia de forma superlativa.

Cena amazonense
• Tímidas excursões pela beira da floresta imensa • Floresta espessa • Floresta amazônica • Vastíssima área • Preciosidades ecológicas do nosso planeta

Quadro 28 – Cena amazonense

Ao analisar o campo léxico-semântico "Vegetação", identificou-se que os estereótipos sobre o Brasil ainda permanecem, visto que o país é retratado como um jardim

perfeito e fértil, as plantas são encontradas em grande quantidade e diversidade, mesmo em metrópoles como São Paulo. A Amazônia é considerada uma grande área de mata intocada e inexplorada e novamente é retratado o mito da "Visão do Paraíso" de Holanda (2000).

7.4 FAUNA

Foi possível encontrar nos três textos, "Cena do Pantanal Mato-Grossense", "Cena amazonense" e "Cena catarinense – O Caminho dos Tropeiros", lexias referentes ao campo léxico-semântico "Fauna".

Assim como no campo léxico-semântico "Vegetação", as escolhas lexicais do texto "Cena do Pantanal Mato-Grossense" apontam para a diversidade de animais, apresentando várias espécies e quantificando-as de forma amplificada, como nas lexias: "32 milhões de jacarés", "35 mil cervos-do-pantanal", "2,5 milhões de capivaras", "pássaros e mais pássaros" (quadro 29).

Cena do Pantanal Mato-Grossense
• Fauna exuberante • 32 milhões de jacarés • 35 mil cervos-do-pantanal • 2,5 milhões de capivaras • Pássaros e mais pássaros • Rios abundantes de peixes • A bicharada está por toda parte • Pássaros pousados às pencas em árvores • Capivaras muito mansas andam sempre em grupo • Tuiuiús amontoam-se às margens das baías • Cobras enroscam-se em árvores de um lado e outro do caminho • 15% dos cavalos do Mato Grosso do Sul são atacados por ela (onça) • Com 150 quilos e até 2,30 metros de comprimento (onça) • Costuma deslocar-se a uma velocidade de 150 quilômetros por hora • Em questão de minutos abater a presa • Manada • Riqueza – gado de corte e de leite • Rebanho • Tropas de cavalos • 300 mil cabeças de gado

Quadro 29 - Cena do Pantanal Mato-Grossense

Conforme o quadro 30, as lexias indicam, entretanto, que existem alguns animais que devem ser evitados e outros que trazem benefícios às pessoas.

Cena do Pantanal Mato-Grossense
• Cobras enroscam-se em árvores de um lado e outro do caminho • Atenção para vê-las (cobras) • Estejam muito perto (cobras) • A onça está por lá • 15% dos cavalos do Mato Grosso do Sul são atacados por ela (onça) • Com 150 quilos e até 2,30 metros de comprimento (onça) • Costuma deslocar-se a uma velocidade de 150 quilômetros por hora • Em questão de minutos abater a presa

Quadro 30 - Cena do Pantanal Mato-Grossense

Observa-se que nem sempre os animais são dóceis, muitas vezes é perigoso chegar perto de determinado animal, ou é necessário que se tome o devido cuidado, pois alguns podem atacar uma pessoa.

No texto "Cena do Pantanal Mato-Grossense" a relação de perigo deve-se às cobras que podem ser encontradas por todo o caminho, e à onça pintada, que investe contra cavalos, corre e ataca sua presa velozmente.

No texto "Cena amazonense", o animal que oferece perigo é muito menor que uma onça, é um mosquito que possui uma picada muito difícil de ser curada - "mosquito terrível cuja picada causa ferimento dolorido e repugnante, que leva meses a cicatrizar".

De acordo com as lexias do quadro 31, por mais que existam animais que oferecem perigo ao homem, existem também, animais que o colaboram para o bem-estar, como os cavalos que transportam cargas, e o gado, que serve de alimento – "riqueza – gado de corte e de leite".

Cena catarinense – O Caminho dos Tropeiros
• Riqueza – gado de corte e de leite • Tropas de cavalos • Gado tinha que ir recuperando peso pelo caminho • 300 mil cabeças de gado • Rebanhos

Quadro 31 - Cena catarinense – O Caminho dos Tropeiros

O campo léxico-semântico, presente nos textos, apresenta a diversidade da fauna brasileira além de mencionar a produção pecuária no país, que é ainda, uma fonte de renda e exportação para os brasileiros. Mais uma vez, a visão do Brasil como o Jardim do Éden é encontrada, por meio das lexias que caracterizam a fauna como abundante e variada. Contudo, o país é apresentado também como berço de animais selvagens e perigosos.

7.5 PESSOAS IMPORTANTES NO DESENVOLVIMENTO DO PAÍS

Aos textos “Cena Paulistana: Árvores paulistanas”, “Cena brasiliense: Brasília e o Quadrilátero Cruls”, “Cena mineira: As riquezas do Brasil mineiro – das montanhas rumo ao mar” e “Cena catarinense: O Caminho dos Tropeiros” pertencem as lexias do campo léxico-semântico “Pessoas importantes no desenvolvimento do país”. As escolhas lexicais registram discursivamente as pessoas que tiveram importância para o desenvolvimento do país, como os desbravadores, os ativistas, os políticos e profissionais pioneiros.

No primeiro texto, conforme o quadro 32, no qual foi encontrado o menor número de lexias referente a esse campo léxico-semântico, as pessoas importantes no desenvolvimento do Brasil são moradores anônimos da cidade de São Paulo, que ajudam a tornar a localidade mais agradável e arborizada.

Cena Paulistana: Árvores paulistanas
• Antigos administradores dedicaram-se a traçar bons planos de arborização para a cidade que crescia • Milhares de moradores anônimos que, incansáveis, passaram a vida plantando mudas, regando, fertilizando, podando, protegendo, defendendo as árvores de seus jardins.

Quadro 32- Cena Paulistana: Árvores paulistanas

A maioria das lexias desse campo foi encontrada no texto “Cena brasiliense: Brasília e o Quadrilátero Cruls”, que descreve a fundação de Brasília e como profissionais de diversas áreas foram fundamentais para que isso ocorresse (quadro 33).

Cena brasiliense: Brasília e o Quadrilátero Cruls
• Inconfidentes mineiros • Grupo de intelectuais de patriotas que almejavam a independência do Brasil, em 1780 já falavam do assunto • Jornalistas, no século XIX, fizeram campanha em favor do estabelecimento da capital • Juscelino Kubtischek • José Bonifácio de Andrade e Silva, paulista de muito destaque na política brasileira • Astrônomo belga Luiz Cruls • Floriano Peixoto, então presidente da República • Pesquisadores • Geógrafos • Médicos • Naturalistas botânicos • Engenheiros

• Cruls descobriu o ponto e que se encontram as nascentes das três maiores bacias hidrográficas do país • O relatório Luiz Cruls é a certidão de nascimento de Brasília • Nenhum deles deixou um legado tão grande como o de Cruls • Presidente Eurico Gaspar Dutra nomeou uma nova expedição de exploração do Planalto Central • A missão Poli Coelho

Quadro 33 - Cena brasiliense: Brasília e o Quadrilátero Cruls

De acordo com as escolhas lexicais, os indivíduos essenciais para a construção de Brasília foram ativistas ("Inconfidentes mineiros", "Grupo de intelectuais de patriotas"), políticos ("Juscelino Kubtischek", "José Bonifácio de Andrade e Silva", "Floriano Peixoto"), profissionais das mais diversas áreas ("pesquisadores", "geógrafos", "médicos"), e o pai de Brasília, "Luiz Cruls".

Observa-se que não há menção aos trabalhadores braçais, oriundos de outros estados, principalmente os do Nordeste, que foram fundamentais para a construção da cidade. Esses trabalhadores ficaram conhecidos como *candangos*, termo inicialmente tido como ofensivo, referente a homem sem qualidade e cultura, mas que se tornou sinônimo de lutador e batalhador.

Nas lexias dos textos do quadro 34, "Cena mineira: As riquezas do Brasil mineiro – das montanhas rumo ao mar" e "Cena catarinense: O Caminho dos Tropeiros", os indivíduos ilustres foram os desbravadores do Brasil, que arriscavam suas vidas pelo desenvolvimento do país.

Cena mineira: As riquezas do Brasil mineiro – das montanhas rumo ao mar
• Como os portugueses conseguiram atravessá-la (estrada sinuosa, estreita) em lombo de burros carregados de ouro • A viagem de 700 quilômetros levava de 60 a 90 dias

Quadro 34 - Cena mineira: As riquezas do Brasil mineiro – das montanhas rumo ao mar

Identifica-se que as lexias do quadro acima remetem aos gananciosos desbravadores portugueses que se aventuravam em viagens longas, cansativas e perigosas para transportar ouro.

Já no segundo texto, as lexias mostram os tropeiros, em sua tarefa de levar rebanhos de um ponto a outro do país, e os locais onde fundaram cidades (quadro 35).

Cena catarinense: O Caminho dos Tropeiros
• Tropeiros • O tropeiro Francisco de Souza Ferreira recebeu do governo a incumbência de abrir caminhos

dos campos do Viamão, no Rio Grande do Sul, até Sorocaba, estado de São Paulo • Façanha dos tropeiros gaúchos que foram abrindo caminhos • Fundando povoados e fazendas • Enfrentando o frio da invernada • Essas viagens podiam levar dez meses • Escravos ergueram as famosas taipas

Quadro 35 - Cena catarinense: O Caminho dos Tropeiros

A única lexia referente à importância dos escravos no crescimento do Brasil foi encontrada nesse último texto "Escravos ergueram as famosas taipas", de modo que houve quase que um apagamento dos grandes feitos dos escravos.

Os escravos foram peça fundamental para a formação da sociedade brasileira, juntamente com os índios e os portugueses. Além de ajudarem na formação do povo brasileiro, eles produziram quase tudo o que o país necessitava. Também influenciaram a cultura brasileira em todos os aspectos (música, língua, comida, rituais).

Embora os escravos e os candangos não tenham sido representados pelas lexias, a audácia e esperteza de contrabandistas o são pela lexia "Contrabandistas descobriam sempre novos caminhos para o porto, mais perigosos ainda".

De acordo com as escolhas lexicais, as pessoas importantes para o desenvolvimento do Brasil foram os pensadores, políticos e profissionais liberais. Os índios, os escravos e os candangos não foram considerados como fundamentais para a construção do país. Além disso, as mulheres também não foram citadas em nenhum dos textos, o que leva a entender que também não contribuíram para o desenvolvimento da nação.

7.6 RELIGIOSIDADE

As lexias desse campo foram encontradas em três textos – "Cena Pernambucana: Festas juninas", "Cena Mineira: As riquezas do Brasil mineiro – das montanhas rumo ao mar" e "Cena carioca: Ano-novo: festa na praia", que refletem as diferentes religiões e seus rituais e as celebrações de fé dos brasileiros.

No primeiro texto encontram-se as lexias relacionadas às festas juninas e sua comemoração, conforme quadro 36.

Cena Pernambucana: Festas juninas
• Homenagem aos santos do mês • Santo Antônio • São João • São Pedro • Rezas • Santo Antônio é o santo casamenteiro • As moças solteiras rezam para que o santo lhes encontre um marido • Sua devoção é muito grande em todo o país • Para São João algumas cidades fazem uma grande procissão • Crianças simbolizando João menino com um carneirinho • Festa mais tradicional do estado de Pernambuco é de São João

Quadro 36 - Cena Pernambucana: Festas juninas

A devoção aos santos referenciados pelas lexias “Santo Antônio”, “São João” e “São Pedro” tem origem portuguesa. Santo Antônio é o santo mais popular no Brasil e em Portugal. Era tido como santo protetor em batalhas e guerras, mas atualmente é conhecido por ajudar as moças solteiras a encontrar noivo e por achar coisas perdidas. Seu dia é celebrado em 13 de junho (CASCUDO, 2012, p.56).

São João era pregador e primo de Jesus Cristo, é o santo mais conhecido no nordeste do país (CASCUDO, 2012, p.369). As comemorações em sua devoção acontecem durante todo o mês de junho. Caruaru (Pernambuco) e Campina Grande (Paraíba) disputam o título de “maior festa de São João do Brasil”.

O último santo cultuado nas festas juninas é São Pedro, conhecido por possuir as chaves da porta do céu. Foi discípulo de Jesus e no dia 29 de junho é celebrada uma festa em sua homenagem (CASCUDO, 2012, p.551).

As lexias “Santo Antônio é o santo casamenteiro” e “As moças solteiras rezam para que o santo lhes encontre um marido” refletem o discurso do Brasil colônia, época em que havia poucos portugueses no país e consequentemente poucos casamentos e nascimentos insuficientes para promover o crescimento da população (FREYRE, 2003, p.230).

Dentre os atos de comunicação com as divindades, temos alguns como: festas, rezas, devoção, procissão. Acredita-se que os santos atendem aos pedidos que são feitos de forma solene e formal, por isso as celebrações são modos de realizar preces respeitosas (DAMATTA, 1986, p.74).

Essas formas de interagir com o “além” são modos dos brasileiros expressarem a cultura brasileira. A devoção e a proteção por algum santo ou entidade é comum para os brasileiros. Para DaMatta (1986, p.77), “nós, brasileiros temos intimidade

com certos santos que são nossos protetores e padroeiros, nossos santos patrões; do mesmo modo que temos como guias certos orixás ou espíritos do além, que são nossos protetores.”.

As entidades religiosas estão associadas às práticas, lugares, coisas, pessoas, por exemplo, um santo para casar-se, um protetor dos animais, um protetor dos mares. Também é comum existirem rituais diferentes para cada entidade ou pedido.

Cena carioca: Ano-novo: festa na praia
• Levando oferendas à Iemanjá- a bela e vaidosa deusa do mar • Lançaram-se às águas enormes quantidades de flores, perfumes, espelhos e adornos

Quadro 37 – Cena carioca: Ano-novo: festa na praia

As lexias presentes no quadro 36 descrevem o ritual da passagem do ano feito a Iemanjá, celebração que une as diferentes crenças (“homens e mulheres de todas as idades e muitas crianças”) em apenas um ritual, algo tido como tipicamente aceito pelo brasileiro.

Por sermos um povo que acredita no “além”, tudo pode acontecer, tudo pode se juntar, como pessoas de diferentes religiões e classes sociais (DAMATTA, 1986, p.79).

A utilização de metais preciosos e ouro nas igrejas católicas também parece estar relacionada ao modo como os indivíduos representam a divindade. Na cultura católica, as igrejas são ornamentadas com ouro e objetos valiosos, já na budista, por exemplo, são oferecidos alimentos aos mortos. As igrejas são espaços demarcados para o outro mundo, por isso são lugares sagrados e respeitados.

As lexias encontradas no texto “Cena mineira: As riquezas do Brasil mineiro – das montanhas rumo ao mar”, quadro 38, refletem claramente essa prática.

Cena mineira: As riquezas do Brasil mineiro – das montanhas rumo ao mar
• Igrejas • Visão arquitetônica das igrejas • São João Del Rei • O ouro ajudou a construir quase todas as igrejas que se espalharam pelo litoral do país • As igrejas vêm sendo recuperadas • Igreja de Nossa Senhora do Carmo • Museu do Oratório • Igreja é o que não falta nas cidades históricas de Minas Gerais • Quase todas com obras de Aleijadinho • Em Ouro preto são 18 • Pilar é a mais rica do Brasil com 450 quilos de ouro espalhados por esculturas e altares • Mariana e sua igreja da Sé com 365 quilos de ouro no altar • Adro da Basílica do Senhor Bom Jesus de Matosinhos

• 12 profetas em pedra-sabão

Quadro 38 - Cena mineira: As riquezas do Brasil mineiro – das montanhas rumo ao mar

Há uma enorme preocupação com o espaço reservado ao deus nas cidades, por isso há projetos de igrejas, decoração com ouro e esculturas de artistas renomados, observa-se novamente que lexias como “Pilar é a mais rica do Brasil com 450 quilos de ouro espalhados por esculturas e altares” e “Mariana e sua igreja da Sé com 365 quilos de ouro no altar” retratam fielmente a exaltação das igrejas históricas e suas riquezas.

As escolhas lexicais observadas nesse campo representaram o país como devoto de diferentes religiões e que estas estão ligadas entre si. A ênfase na quantidade de ouro presente nas igrejas revela um exagero no discurso sobre a cultura brasileira.

7.7 RECURSOS MINERAIS

O texto “Cena Mineira: As riquezas do Brasil mineiro – das montanhas rumo ao mar” é o único dotado de lexias do campo léxico-semântico “Recursos minerais”. As escolhas lexicais reforçam o Brasil como o colonizado, e Portugal como o colonizador que extraiu todo o ouro de sua colônia. Além disso, há influência e uso dessas riquezas na construção de igrejas.

Ao chegarem ao Brasil, os portugueses tinham entre seus objetivos o de saber se havia ouro no território descoberto, o que pode ser verificado no trecho da primeira carta do escrivão Pero Vaz de Caminha, de 1500: “Não pudemos saber até agora que nela haja ouro, nem prata, nem nenhuma coisa de metal, nem de ferro, nem lho vimos.” (AMADO; FIGUEIREIDO, 2001, p.116).

Pelo fato do Brasil situar-se próximo aos trópicos, os portugueses acreditavam que deveria haver ouro nas terras, mas a mineração tem início apenas no final do século XVII em Minas Gerais. Nos textos analisados, pode-se observar o reforço da visão do Brasil como paraíso, pois, antes mesmo da chegada dos portugueses, o Brasil era visto como uma terra rica em pedras preciosas e ouro, o que é reafirmado nas escolhas lexicais do quadro 39.

Cena mineira: As riquezas do Brasil mineiro – das montanhas rumo ao mar
• Principais riquezas do Brasil Colonial - ouro, prata e pedras preciosas • Ouro das Minas Gerais • Enriqueceu o reino português • Ajudou a construir quase todas as igrejas • Rota do ouro • 450 quilos de ouro espalhados por esculturas e altares • Venda de topázios, esmeraldas e águas-marinhas • 365 quilos de ouro no altar • 12 profetas em pedra-sabão

Quadro 39 - Cena mineira: As riquezas do Brasil mineiro – das montanhas rumo ao mar

As lexias constroem um Brasil cheio de pedras preciosas e semipreciosas, como topázios, esmeraldas, pedra-sabão. O ouro está presente também em nossa bandeira, representado pelo losango amarelo ao centro, e nas igrejas, nos altares. Como visto na análise do campo léxico-semântico "Religiosidade", as igrejas são lugares para o contato com as divindades, por isso o uso de ouro é uma forma de cultuá-las. As lexias "ajudou a construir quase todas as igrejas", "Pilar é considerada a mais rica do Brasil" e "450 quilos de ouro espalhados por esculturas e altares" reproduzem esse discurso.

Apenas a lexia "contrabandistas" transmite a ideia de comércio ilegal do ouro. No campo léxico-semântico "Pessoas importantes no desenvolvimento do país", a mesma lexia revelou que o contrabando era algo bom para o país, uma vez que era por meio dele que se criaram novos caminhos para a rota do ouro. Ao analisar-se essa lexia neste campo, entretanto, verifica-se que o contrabando não foi bom para o comércio do ouro, principalmente para o colonizador português.

O comércio do ouro e de pedras preciosas também foi identificado nas lexias do quadro 40.

Cena mineira: As riquezas do Brasil mineiro – das montanhas rumo ao mar
• Feira permanente • Venda de topázios, esmeraldas e águas-marinhas • Contrabandistas

Quadro 40 - Cena mineira: As riquezas do Brasil mineiro – das montanhas rumo ao mar

Nesse caso, infere-se que o comércio de pedras preciosas e ouro é algo muito lucrativo, uma vez que há uma "feira permanente" para a venda, mas que há um meio ilegal de comercializar esses produtos, mediante o contrabando.

Com a lexia "contrabandistas" é possível perceber o discurso do "jeitinho brasileiro" de driblar a lei. Acredita-se que existam dois brasileiros em cada um, o sujeito

indivíduo, responsável perante a lei, e o sujeito social, responsável pelas suas relações. Esses dois indivíduos aparecem de acordo com a necessidade e a situação. Muitas vezes o indivíduo social busca por meio de suas relações com os demais, resolver situações que a lei deveria solucionar (DAMATTA, 1986). O contrabando é uma forma de "jeitinho", neste caso não é somente realizado pelo brasileiro, é meio ilícito de vender produtos.

7.8 DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA

As lexias deste campo léxico-semântico foram encontradas apenas no texto "Cena brasileira: O Negro – O Preconceito racial". As escolhas lexicais denotam que na cultura brasileira há preconceito e que ele é comum a todos.

Utiliza-se o termo "étnico" por ser um conceito mais amplo que, segundo Carneiro (2003, p.15), "engloba as idéias de nação, povo e raça; diz respeito a um grupo com traços físicos e culturais, cujos membros se identificam com grupo, ou seja, sentem que pertencem ao grupo". Já o termo "raça", presente no título do texto "O Negro – O Preconceito racial", está relacionado apenas ao biológico e às características físicas dos indivíduos.

Com as lexias "Pessoas de pele mais escura", "Do negro de pele preta com reflexos azulados" e "Mulato claro", o negro é "classificado" por sua cor, mais clara ou escura.

Ao referir-se ao afrodescendente com o termo "mulato", identificam-se três entendimentos: o primeiro refere-se à mistura de espécies, o segundo, derivado da palavra "mula", refere-se ao animal incapaz de se reproduzir (por ser fruto de dois animais diferentes) e destinado a trabalhos pesados, e o terceiro refere-se à falta de inteligência.

De acordo com as lexias do quadro 41, o negro é tido como "minoria", ainda que constitua 44% da população brasileira, ou seja, compõe quase metade da população do Brasil. Também não são mencionadas outras etnias que formam a sociedade, como a amarela e a parda. O negro aparece, ainda como, sinônimo de pobreza, uma vez que a "maioria [está] na classe pobre" e é responsável pela mistura das raças, já que segundo o texto, é na classe baixa que ela é verificada.

Cena brasileira: O Negro – O Preconceito racial
• Dentro da totalidade da população brasileira, o negro é minoria • 44% de todos os habitantes do país

• Na camada pobre os negros formam maioria • De cada dez brasileiros pobres, os negros são seis • Na classe baixa há a confraternização da pobreza • É nessa camada [classe baixa] que se verifica a miscigenação.

Quadro 41 - Cena brasileira: O Negro – O Preconceito racial

As escolhas do quadro 42 revelam que há preconceito em relação ao negro, principalmente nas classes mais altas da sociedade brasileira, e que isso faz parte do comportamento dos indivíduos do país, sobretudo no cotidiano do trabalho.

Cena brasileira: O Negro – O Preconceito racial
• Discriminação racial está integrada ao cotidiano brasileiro • O preconceito racial não assume formas agressivas • Faz parte do comportamento da população • O racismo, condenado publicamente, aflora na esfera privada e em situações concretas de trabalho • A atitude das classes média e alta o contradiz

Quadro 42 - Cena brasileira: O Negro – O Preconceito racial

As lexias “Discriminação racial está integrada ao cotidiano brasileiro”, “Faz parte do comportamento da população”, “O racismo, condenado publicamente, aflora na esfera privada e em situações concretas de trabalho” apresentam o racismo como algo habitual para o brasileiro.

A discriminação no Brasil não está relacionada à etnia do indivíduo, mas sim à sua cor. Diferentemente de outras culturas, a mistura de raças não é percebida preconceituosamente (DAMATTA, 1986; RIBEIRO, 1995).

Sabe-se que, no Brasil, alguns indivíduos ainda reproduzem determinados discursos preconceituosos criados na época da escravidão, como a lexia “a coisa está preta” e a própria palavra “mulato”, mas acredita-se que exista preconceito étnico aqui, assim como em qualquer outro país em que existem pessoas ou grupos discriminatórios. É incoerente apresentar esse preconceito como algo cultural do brasileiro em um LD, afinal, com as escolhas lexicais “Discriminação racial está integrada ao cotidiano brasileiro” e “Faz parte do comportamento da população”, o aluno estrangeiro pode entender que, no Brasil, é permitido discriminar pessoas por suas características físicas.

No país, desde 1989, existem leis que punem severamente os que ainda insistem em discriminar pessoas por conta de sua cor, raça, etnia, sexo, religião ou procedência nacional. Conforme o Art. 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, será

punido o indivíduo que “Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.” Portanto, quem cometer este crime estará sujeito a reclusão de um a três anos e multa.

De acordo com as lexias pertencentes ao campo “Discriminação étnica”, o negro é apresentado como minoria na classe alta e maioria na baixa. Essas escolhas mostram que ele é discriminado, pela classe média e alta, no cotidiano e, principalmente, na esfera do trabalho.

7.9 RECURSOS HÍDRICOS

As lexias que compõem este campo léxico-semântico estão em “Cena brasiliense: Brasília e o Quadrilátero Cruls”, “Cena amazonense” e “Cena catarinense: O Caminho dos Tropeiros”. As escolhas léxicas encaminham para o discurso de que o Brasil é um país abundante em recursos hídricos, tanto para o abastecimento de uma cidade, quanto para o lazer e a apreciação.

As lexias do quadro 43 identificam o Brasil como um país com grande potencial hídrico.

Cena brasiliense: Brasília e o Quadrilátero Cruls
• Próximo à nascente de grandes rios • Abundância de rios • Nascentes das três maiores bacias hidrográficas do país, a Amazônica, a Platina e a do São Francisco • Por aí se vê que as águas são abundantes, tornando-se fácil abastecer uma cidade • Reserva Biológica das águas.

Quadro 43 - Cena brasiliense: Brasília e o Quadrilátero Cruls

Brasília, capital do país, foi construída ao redor de grandes nascentes de águas, não havendo escassez de um dos principais bens necessários para a vida humana. Mais uma vez o mito do paraíso está presente neste discurso, já que seria entre várias nascentes de rios que se encontra o paraíso (HOLANDA, 2000).

Outras lexias como “Cidades termais” e “Roda das águas” mostram a utilização dos recursos hídricos para o turismo, como as cidades termais, a visitação de cachoeiras e os rios onde a pesca é o chamariz.

No texto “Cena amazonense”, as escolhas lexicais no quadro 44 registram o turismo ecológico e turismo para a pesca esportiva.

Cena amazonense
• Navegarão horas a fio pelos rios Negro e Solimões • Margens dos rios de Manaus • À frente a um imenso rio • Rios abundantes de peixes

Quadro 44- Cena amazonense

Com a lexia “Rios abundantes de peixes”, identifica-se o apelo turístico para a pesca esportiva. Já no texto “Cena catarinense: O Caminho dos Tropeiros”, as lexias “Cachoeiras” e “Cascatas” apresentam os recursos hídricos como fonte de turismo.

Sabe-se que o setor turístico brasileiro tem se aproveitado desses recursos para cativar o turista, principalmente o estrangeiro. A exploração da natureza para o turismo e o mito do Brasil como o paraíso terreno é discurso recorrente também nos campos léxico-semânticos “Pontos turísticos, “Vegetação” e “Fauna”, presentes no LD analisado.

7.10 CORPO DOS BRASILEIROS

Em “Cena de verão” estão as lexias desse campo (quadro 45) que retratam o cotidiano das academias e descreve os aspectos físicos dos brasileiros, especialmente das brasileiras.

Cena de verão
• Templos da boa forma • Braços arremessados à frente • Bumbum arrebitado aos ares • Hora do culto ao corpo • Gatos e gatas dourados • Perfeição para o verão • Cuidando do belo corpinho • Pronta para exibi-lo nas praias e pelas ruas da cidade • Do prazer estético ao prazer corporal

Quadro 45 – Cena de verão

As escolhas léxicas constroem um discurso de culto ao corpo e exibicionismo, em que as brasileiras praticam exercícios físicos para ficarem mais belas e poderem desfrutar da estação mais quente do ano com roupas que deixam o corpo à mostra. O estereótipo de beleza das mulheres brasileiras é encontrado nas lexias “gatos e gatas dourados”, “cuidando do belo corpinho”. Além disso, a parte do corpo reconhecida por ser bela nas brasileiras também aparece na lexia “bumbum arrebitado aos ares”.

Nota-se que, durante muito tempo, o turismo sexual foi uma das principais atrações para os turistas estrangeiros virem ao país. A beleza das mulheres foi apresentada como atrativo turístico em propagandas da EMBRATUR. A figura feminina sempre foi associada à praias, ao carnaval e à natureza (ALFONSO, 2006, p.121). Observa-se, também que, no final da década de 1990 e começo dos anos 2000, houve uma mudança na publicidade do setor, retirando-se a mulher sensual como apelo ao turista e transpondo esse apelo a outros atrativos, como os pontos turísticos e as belezas naturais do país.

Parece ter havido uma conscientização por parte de alguns segmentos da sociedade brasileira a respeito do turismo sexual e do fato de a mulher ser representada apenas como um objeto sexual. Entretanto isso ainda é apresentado nos LDs de PFOL, não refletindo a cultura brasileira, já que as mulheres desse país não são como as estereotipadas nas propagandas ou nos cartões postais e não devem ser percebidas como objeto sexual.

A ênfase na beleza dos corpos das brasileiras pode ser encontrada nas lexias “Templos da boa forma” e “Perfeição para o verão”, repetindo o discurso hiperbólico já analisado em outros campos léxico-semânticos.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por décadas, a imagem do Brasil no exterior foi a de um país paradisíaco, festeiro, com belas mulheres e praias e, ao analisar as lexias dos textos referentes à cultura, identificou-se que são poucas as mudanças dessa visão apresentadas no LD estudado. O país ainda é apresentado de forma estereotipada aos estrangeiros, inclusive nos livros para o ensino do português para falantes de outras línguas.

De acordo com Lima e Iunes (2010, p.1), a seção "Cotidiano Brasileiro" tinha como objetivo dar ao aluno estrangeiro uma "visão ampla da cultura brasileira", mas acredita-se que o objetivo pretendido não foi alcançado, pois, apesar de não apresentar a cultura brasileira como "futebol e carnaval", os textos apenas reforçaram outros estereótipos já conhecidos, como o país de belezas naturais.

As principais representações da cultura brasileira encontradas no LD em questão são as de um país que é o paraíso na terra, lugar onde não haverá de faltar nada, já que possui variedade e quantidade suficiente de plantas, animais, paisagens, recursos minerais e hídricos, além de ser um país de população bela e festeira, no qual os negros podem ser discriminados.

Observou-se que o LD apresenta a cultura brasileira com recortes informativos sobre regiões e festas, exaltando as belezas naturais do país, sem apresentar a relação entre diversas línguas e culturas, nem ao menos entre a portuguesa, a africana ou a indígena, como nota-se na culinária, na religião, nas festividades.

A cultura brasileira é apresentada de forma tradicional e é desvinculada da língua portuguesa, veículo e parte integrante dessa cultura. A aprendizagem de fatos e costumes brasileiros é vista como o ensino de cultura, sem que a interculturalidade seja abordada no livro, e sem ao menos apresentar uma tentativa de fazer uma ponte com a realidade cultural do aluno e seu conhecimento de mundo. Não há ligação entre as festas juninas brasileiras e as festas europeias ou as divindades africanas e as brasileiras.

Não se pode deixar de mencionar que, por mais que tenha sido utilizado a edição de 2010, como visto na análise, a maioria dos textos pertence à edição de 1990, época em que o ensino da cultura de forma tradicional ainda era o mais comum.

Quanto à reutilização de textos do livro anterior, mas com propósitos diferentes, identificou-se que houve uma mistura de dados culturais que não se integraram.

Foram aproveitados temas da primeira edição do livro que não condiziam com os objetivos da última edição, com informações e textos descontextualizados. Acredita-se que isto se deva aos fatores financeiros do mercado editorial, como o pagamento de direitos autorais, a determinação de tamanho e quantidade de laudas e, também, a ideologia a ser reproduzida.

Buscou-se analisar de forma igualitária todos os campos léxico-semânticos, mas essa pretensão não foi alcançada em decorrência da quantidade diferente de lexias encontrada em cada campo, da repetição do discurso superlativo e do mito "Visão do Paraíso" em cerca da metade das análises dos campos.

A impressão geral é de que o conceito de cultura seguido pelo livro é o conceito de "patrimônio cultural", proposto pelo Art. 216 da Constituição de 1988:

> Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: as formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver, as criações científicas, artísticas e tecnológicas, as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais, os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (grifo nosso)

Acredita-se que esse conceito é valido, mas identificou-se que as escolhas lexicais feitas pelas autoras para apresentar o "patrimônio cultural" brasileiro não favoreceram a apresentação e desenvolvimento da interculturalidade entre os aprendizes.

Nos textos estudados, não se busca desenvolver no aluno estrangeiro um sentimento reflexivo sobre culturas (tanto a brasileira quanto a sua própria), apenas apresenta-se a cultura enciclopédica, sem ressignificação, de forma tradicional, retratando fatos, festas, lugares e não proporcionando ao estrangeiro atividades que promovam um re-pensar sobre sua visão de mundo.

Nessa perspectiva, o professor desempenha papel importante na mediação entre o livro e a realidade brasileira, além de ser necessária a construção de sentidos e significados sobre a cultura do outro. Também é necessário que o professor desconstrua mitos, cristalizações e estereótipos abordados no livro, colaborando para que o aluno estrangeiro desenvolva a interculturalidade em si próprio.

Ressalta-se ainda que, o objetivo desta pesquisa não é desmerecer o trabalho das autoras do LD, pois o LD analisado é considerado o primeiro e um dos únicos LDs de

PFOL para o nível avançado até esta data. A obra tem grande valor, uma vez que foi escrita em uma época em que ainda não havia curso de formação de professores e não havia muitas pesquisas na área. Esse esforço tem resultados até hoje, uma vez que a publicação é a mais utilizada pelas escolas de PFOL de São Paulo.

Por fim, esta pesquisa não tem o objetivo de esgotar o assunto sobre a cultura brasileira nos LDs de PFOL. A partir desse estudo que apresenta apenas um recorte sobre o assunto, verifica-se a necessidade de que haja mais investigações e estudos a serem feitos sobre o tema, contribuindo ainda mais para o desenvolvimento dos estudos de ensino/aprendizagem de PFOL.

REFERÊNCIAS

ALFONSO, L. P. **EMBRATUR**: Formadora de imagens da nação brasileira. 2006. 139f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, SP. 2006.

ALMEIDA, P. M. C. Um imigrante alemão como autor de material didático de PBE. In: ENCONTRO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA DO RIO DE JANEIRO, 8. 2012. Rio de Janeiro, **Anais Eletrônicos...** Rio de Janeiro: UFF, 2012. Disponível em: <http://www.plerj.uff.br/images/stories/Documentos_pdf/CADERNO_DE_RESUMOS__-_VIII_PLERJ.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2012.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. O professor de língua estrangeira sabe a língua que ensina? A questão da instrumentalização linguística. **Revista Contexturas**, v.1, n.1, p.77-85. São Paulo: Apliesp, 1992.

_____. **Lingüística Aplicada, Ensino de línguas e Comunicação**. Campinas: Pontes, 2005. 112p.

ALMEIDA FILHO, J.C.P.; LOMBELLO, L.C. (Orgs.). **O ensino de português para estrangeiros** – pressupostos para o planejamento de cursos e elaboração de materiais. Campinas: Pontes, 1989. 139p.

AMADO, J.; FIGUEIREDO, L. C. **Brasil 1500**: quarenta documentos. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001. 550p.

ARAI, N. **Fluência na aquisição do português como língua estrangeira**. 1985, 124f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1985.

ARAÚJO, G. A. A língua portuguesa no Japão. In: I SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2008, São Paulo, **Anais Eletrônicos...** São Paulo: FFLCH/USP, 2008. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/eventos/simelp/new/slps/slp39.html>. Acesso em: 10 de fev. 2012.

BAKHTIN, M.. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981. 170p.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 512p.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 3ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. 275p.

BALDINGER, K. **Semasiologia e onomasiologia**. Tradução de Ataliba T. de Castilho. São Paulo: Alfa, 1966. V. 9, p.7-36.

BARBIER, F. **A história do livro**. Traduzido por Valdir Heitor Barzotto, Ercilene Maria de Souza Vita, Andreza Roberta Rocha, Fábio Lucas Pierini, Luzmara Curcinho Ferreira, Sidney Barbosa. São Paulo: Paulistana, 2008. 479p.

BIDERMAN, M. T. C.. **Teoria Lingüística:** teoria lexical e lingüística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 261p.

BRASIL. **Constituição Federal (1988).** Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

_____. Lei 7.716/89, alterada pela Lei Federal 9.459/97. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7716.htm>. Acesso em: 15 de nov. 2012.

BURGARELLI, R.; ZANCHETTA, D. SP perde 12.187 árvores em 4 meses. **Jornal da Tarde**. 28 mai. 2011. Disponível em <http://blogs.estadao.com.br/jt-cidades/sp-perde-12-187-arvores-em-4-meses/>. Acesso em: 10 out. 2012.

CARNEIRO, M. L. T. **O racismo na História do Brasil**. São Paulo: Ática, 2003. 64p.

CASCUDO, L. C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12ed. São Paulo: Global, 2012. 756p.

CAVALCANTI, M. C. **A propósito da lingüística aplicada**. Trabalhos em Lingüística Aplicada. Campinas: Unicamp/IEL, 1986. N.7, p.5-12.

CAVALINI, M. **Autorização para trabalhador estrangeiro sobre 143,7% em 5 anos**. G1. 09 jul. 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/concursos-e-emprego/noticia/2011/07/autorizacao-para-trabalhador-estrangeiro-sobe-1437-em-5-anos.html>. Acesso em: 01 out. 2012.

CELANI, M. A. A Relevância da Lingüística Aplicada na Formação de uma Política Educacional Brasileira. In: FORTKAMP, M.; TOMITCH, L. M. (orgs.) **Aspectos da**

Lingüística Aplicada: Estudos em Homenagem ao Professor Hilário Inácio Bohn. Florianópolis: Insular, p.17-32, 2000.

CHOMSKY, N. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Coimbra: Armênio Amado, 1975. 372p.

CORACINI, M. J. R. F. **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático:** língua materna e língua estrangeira. Campinas: Pontes, 1999. 175p.

COSERIU, E. **Principios de Semántica Estructural**. Madrid: Editorial Gredos, 1977. 246p.

DAMATTA, R. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986. 86p.

FREITAS, N. K.; RODRIGUES, M. H. O livro didático ao longo do tempo: a forma do conteúdo. **DAPesquisa Revista de investigação em artes**. Florianópolis, v. 1, n. 3, Disponível em: <http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume3/numero1/plasticas/melissa-neli.pdf>. Acesso em: 12 Jan. 2012.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48ed. São Paulo: Global, 2003. 481p.

FURTOSO, V. A. B. **Português para Falantes de Outras Línguas:** aspectos da formação do professor**.** 2001, 174f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2001.

GIL, B. D. Estudo léxico-semântico do amor-paixão em letras de música: a predestinação. **Estudos Lingüísticos XXXIII**, v. 33, p.727-732, 2004. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2004/4publica-estudos2004-pdfs-comunics/estudo_lexico_semantico.pdf>. Acesso em: 21 out. 2011.

_____. O amor no léxico de canções populares. In: **Estudos Lingüísticos XXXV**, São Paulo, 2006, v. 35, p.402-411. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/bia_amor_lexico.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2011.

_____. A canção de consumo: léxico e ideologia. In: GIL, Beatriz Daruj; CARDOSO, E. A.; CONDÉ, V. G.. (Org.). **Modelos de Análise Linguística**. São Paulo: Contexto, v. 1, p.79-95, 2009.

GIMENEZ, T. Eles comem Cornflakes, nós comemos pão com manteiga. In: Encontro de Professores de Línguas Estrangeiras. 9., 2002, Londrina. **Anais....** Londrina: Betel, 2002. Disponível em: <http://www.utp.br/nepri/halu/tesig/cornflakes_com_manteiga.htm>. Acesso em: 20 nov. 2011.

GONÇALVES, A. J. **Lexicologia e ensino do léxico**. Brasília: Thesaurus, 1977. 135p.

HADLEY, A. **Teaching language in context**. Boston: Heinle, 1993. 531p.

HOLANDA, S. B. **Visão do Paraíso:** os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 2000. 452p.

HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KRAMSCH, C. **Language and Culture**. Oxford: Oxford University Press, 1998. 144p.

KRASHEN, S. D. **Principles and Practice in Second Language Acquisition**. Prentice-Hall International, 1987. 202p.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. 17 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 120p.

LEFFA, V. J. Metodologia do ensino de línguas. In: BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. **Tópicos em lingüística aplicada**: O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: UFSC, 1988. P.211-236.

_____. O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional**. Revista Contexturas**. n.4, p. 13-24. São Paulo: APLIESP, 1999.

LIMA, D. C. Culture Shock and Language Learning. **Trabalhos em Lingüística Aplicada.** Campinas: Unicamp/IEL, n. 35, p.21-33, 2000.

LIMA, E. E. O. F.; IUNES, S. **Português via Brasil:** um curso avançado para estrangeiros. São Paulo: EPU, 1990. 271p.

_____. **Português via Brasil:** um curso avançado para estrangeiros. São Paulo: EPU, 2005. 219p.

_____. **Português via Brasil:** um curso avançado para estrangeiros. Nova ortografia São Paulo: EPU, 2010. 219p.

LUNA, J. M. F. A política governamental para o ensino de Português a imigrantes alemães no Brasil: Geradora e destruidora da experiência da escola teutobrasileira. In: **Revista da ANPOLL**, n.8, p.61-70, 2000.

MACKEY, W. F. Applied Linguistics. In: **The Edinburgh Course in Applied Linguistics**. London: OUP, 1973. p.247-255

MATOS, F. Quando a prática precede a teoria: a criação do PBE. In: ALMEIDA FILHO, J. C. P. & LOMBELLO, L. C. (Orgs.) **O ensino de português para estrangeiros**: pressupostos para o planejamento de cursos e elaboração de materiais. 2ed. Campinas: Pontes, 1997. p.11-17.

MENEZES, V.; SILVA, M. M.; GOMES, I. F. Sessenta anos de Lingüística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. **Linguistica aplicada**: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2009. Disponível em: < http://www.veramenezes.com/linaplic.pdf >. Acesso em: 21 nov. 2011.

MISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Relação das autorizações de trabalho concedidas até 2012.** 2012. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C816A39E4F614013A757296903FD7/1%20-%20Resumos%20Gerais%20%E2%80%93%20Rela%C3%A7%C3%A3o%20das%20autoriza%C3%A7%C3%B5es%20de%20trabalhos%20concedidas%20at%C3%A9%202012.pdf> . Acesso em: 15 out. 2012.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma lingüística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. 280p.

MORITA, M. (Re)pensando sobre o material didático de PLE. In: SILVEIRA, R. C. P. da (Org.). **Português/língua estrangeira**: perspectivas. São Paulo: Cortez, 1998. p.59-71.

MOURA, V. L. L. **O uso de conceitos psico-sócio-lingüísticos para Avaliação de conteúdos em livros didáticos de Português para Estrangeiros**. 1986, 115f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1986.

PACHECO, D. G. L. C. **Português para estrangeiros e os materiais didáticos**: um olhar discursivo. 2006. 335f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

POTTIER, B. **Estruturas linguísticas do português**. São Paulo: Disfel, 1975. 138p.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: A formação e o sentido do Brasil . 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 477p.

SOARES, D. A. Introdução à Linguística Aplicada e sua utilidade para as pessoas em sala de aula de língua estrangeira1. In: I SIMPÓSIO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS E LINGÜÍSTICOS, 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** .Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/40suple/introdao_a_linguistica%20.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2011.

SUPERINTENDÊNCIA DA ZONA FRANCA DE MANAUS (Brasil). **Modelo Zona Franca – História**. Manaus. Disponível em: <http://www.suframa.gov.br/zfm_historia.cfm>. Acesso em: 10 set. 2012.

TAKAHASHI, N. T. **Textos literários no ensino de português-língua estrangeira (PLE) no Brasil**. 2008, 155f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

TESSER, C. Brazilian Portuguese for Spanish speakers: back to the future. In: SIMÔES, A. R. M.; CARVALHO, A. M. & WIEDEMANN, L. (orgs.) **Português para falantes de espanhol/Portuguese for Spanish Speakers**. Campinas: Pontes, 2004. P.37-47.

TYLOR, E. ***Primitive Culture***. Londres: John Mursay, 1871.

VAN DIJK, T. A. Discurso, Cognición y Sociedad. In: **Signos: teoria y práctica de lo educación.** V. 22. dez. 1997. p.66-74. Disponível em: <http://www.discursos.org/oldarticles/Discurso%20cognicion%20y%20sociedad.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2011.

VIEIRA, M. E. **Ensino e aprendizagem de português língua estrangeira:** os imigrantes bolivianos em São Paulo. Uma aproximação sociocultural. 2010. 179f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

VILELA, M. **Estruturas léxicas do português**. Coimbra: Almeidina, 1979. 164p.

ULLMANN, S. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. Tradução de J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964. 578p.

ZANATTA, R. Abordagens de ensino de cultura na aula de Português (brasileiro) para Falantes de Outras Línguas. In: FURTOSO, V. B. (org.). **Formação de professores de Português para Falantes de Outras Línguas**. Londrina: Eduel, 2009. P.159-181.

ZOPPI FONTANA, M. G. O português do Brasil como língua transnacional. In: _____. (org.). **O português do Brasil como língua transnacional.** Campinas: RG, 2009. P.13-41.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Resposta 1 da Ficha de pesquisa sobre livros didáticos de PFOL.

Ficha de Pesquisa Sobre Livros Didáticos de PFOL

Profissão: Empresária
Formação profissional: Letras
Tempo de atuação como professor de PFOL: 15 anos
Nome da escola ou empresa em que trabalha: SBB Languages

Quais materiais didáticos você utiliza nas aulas de PFOL?

(x) Livros didáticos
( ) Flashcards
( ) Filmes
( ) Outros: _____

Se você utiliza livros didáticos de PFOL, assinale qual ou quais utiliza:

( ) *Português para Estrangeiros* - Mercedes Marchant.
( ) *Português do Brasil para estrangeiros* - S. BIAZOLI & Francisco G. MATOS.
( ) *Português para estrangeiros I e II: conversação cultura e criatividade.*- S BIAZOLI & Francisco G. MATOS
( ) *Português para falantes de espanhol* - Leonor Cantareiro Lombello e Marisa de Andrade Baleeiro.
( ) *Tudo Bem : Português do Brasil* - Raquel Ramalhete.
( ) *Fala Brasil, Português para Estrangeiros* - Elizabeth Fontão do Patrocínio e Pierre Coudry.
( ) *Muito Prazer! Curso de Português do Brasil para Estrangeiros* - Ana Maria Flores.
(x) *Português Via Brasil: Um Curso Avançado para Estrangeiros* - Emma Eberlein O. F. Lima, Lutz Rohrman, Tokiko Ishihara, Cristián Gonzalez Bergweiler & Samira A. Iunes.
( ) *Avenida Brasil: Curso Básico de Português para Estrangeiros* – Emma Eberlein O.F. Lima, Lutz Rohrmann,Tokiko Ishihara, Cristián González Bergweiler & Samira Abirad Iunes.
( ) *Aprendendo Português do Brasil* - Maria Nazaré de Carvalho Laroca, Nadine Bara & Sonia Maria da Cunha.
( ) *Português para estrangeiros: nível avançado* - Mercedes Marchand.
( ) *Português para estrangeiros I e II* - MEYER
( ) *Falar, Ler e Escrever Português: Um Curso para Estrangeiros* - Emma E. O.F. Lima e Samira A I
(x) *Bem-vindo!* - Maria Harumi Otuki de Ponce; Silvia R.B. Andrade Burin & Susanna Florissi.
( ) *Sempre Amigos: Fala Brasil para Jovens* - Elizabeth Fontão do Patrocínio & Pierre Coudry.
( ) *Interagindo em Português* - Eunice Ribeiro Henriques & Danielle Marcelle Granier.
( ) *Passagens: Português do Brasil para Estrangeiros* - Rosine Celli.
( ) *Diálogo Brasil*- Emma Eberlein O. F. Lima, Samira Abirad Iunes & Marina Ribeiro Leite.
( ) *Aquarela do Brasil: Curso de Português para falantes de espanhol* - Edileise Mendes Oliveira Santos
( ) *Estação Brasil: Português para estrangeiro* -. BIZON.

( ) Panorama Brasil: Ensino do Português do Mundo dos Negócios - Harumi de Ponce, Silvia Burim, Susanna Florissi.
( ) Muito Prazer: Fale o português do Brasil - Gláucia Roberta R. Fernandes, Telma de Lurdes S. B. Ferreira, Vera Lúcia Ramos.
( ) Outros: _____

_____

Quais os critérios foram utilizados para a escolha dos livros didáticos:

(x) Idade do aluno;
( ) Sexo do aluno;
(x) Nível do aluno em relação a língua portuguesa;
(x) Objetivo do aluno;
( ) Regra da escola/ empresa;
( ) Profissão do aluno;
( ) Língua materna do aluno;
( ) Preço do livro;
( ) Editora ou autor do livro;
( ) Data de publicação do livro;
( ) Outros: _____

Agradeço a colaboração
Luhema Ueti

APÊNDICE B – Resposta 2 da Ficha de pesquisa sobre livros didáticos de PFOL

Ficha de Pesquisa Sobre Livros Didáticos de PFOL

Profissão: *professor*
Formação profissional: *mestrado em Filologia e Língua Portuguesa*
Tempo de atuação como professor de PFOL: *10 anos*
Nome da escola ou empresa em que trabalha: *ELFE idiomas*

Quais materiais didáticos você utiliza nas aulas de PFOL?

(X) Livros didáticos
( ) Flashcards
( ) Filmes
(X) Outros: *textos complementares e músicas.*

Se você utiliza livros didáticos de PFOL, assinale qual ou quais utiliza:

( ) *Português para Estrangeiros* - Mercedes Marchant.
( ) *Português do Brasil para estrangeiros* - S. BIAZOLI & Francisco G. MATOS.
( ) *Português para estrangeiros I e II: conversação cultura e criatividade.*- S BIAZOLI & Francisco G. MATOS
( ) *Português para falantes de espanhol* - Leonor Cantareiro Lombello e Marisa de Andrade Baleeiro.
( ) *Tudo Bem : Português do Brasil* - Raquel Ramalhete.
( ) *Fala Brasil, Português para Estrangeiros* - Elizabeth Fontão do Patrocínio e Pierre Coudry.
( ) *Muito Prazer! Curso de Português do Brasil para Estrangeiros* - Ana Maria Flores.
(X) *Português Via Brasil: Um Curso Avançado para Estrangeiros* - Emma Eberlein O. F. Lima, Lutz Rohrman, Tokiko Ishihara, Cristián Gonzalez Bergweiler & Samira A. Iunes.
( ) *Avenida Brasil: Curso Básico de Português para Estrangeiros* – Emma Eberlein O.F. Lima, Lutz Rohrmann,Tokiko Ishihara, Cristián González Bergweiler & Samira Abirad Iunes.
( ) *Aprendendo Português do Brasil* - Maria Nazaré de Carvalho Laroca, Nadine Bara & Sonia Maria da Cunha.
( ) *Português para estrangeiros: nível avançado* - Mercedes Marchand.
( ) *Português para estrangeiros I e II* - MEYER
(X) *Falar, Ler e Escrever Português: Um Curso para Estrangeiros* - Emma E. O.F. Lima e Samira A I
( ) *Bem-vindo!* - Maria Harumi Otuki de Ponce; Silvia R.B. Andrade Burin & Susanna Florissi.
( ) *Sempre Amigos: Fala Brasil para Jovens* - Elizabeth Fontão do Patrocínio & Pierre Coudry.
( ) *Interagindo em Português* - Eunice Ribeiro Henriques & Danielle Marcelle Granier.
( ) *Passagens: Português do Brasil para Estrangeiros* - Rosine Celli.
(X) *Diálogo Brasil*- Emma Eberlein O. F. Lima, Samira Abirad Iunes & Marina Ribeiro Leite.
( ) *Aquarela do Brasil: Curso de Português para falantes de espanhol* - Edileise Mendes Oliveira Santos
( ) *Estação Brasil: Português para estrangeiro* -. BIZON.

( ) Panorama Brasil: Ensino do Português do Mundo dos Negócios - Harumi de Ponce, Silvia Burim, Susanna Florissi.
( ) Muito Prazer: Fale o português do Brasil - Gláucia Roberta R. Fernandes, Telma de Lurdes S. B. Ferreira, Vera Lúcia Ramos.
( ) Outros: _____

_____

Quais os critérios foram utilizados para a escolha dos livros didáticos:

(X) Idade do aluno;
( ) Sexo do aluno;
(X) Nível do aluno em relação a língua portuguesa;
( ) Objetivo do aluno;
(X) Regra da escola/ empresa;
( ) Profissão do aluno;
(X) Língua materna do aluno;
( ) Preço do livro;
( ) Editora ou autor do livro;
( ) Data de publicação do livro;
( ) Outros: _____

Agradeço a colaboração,
Luhema Ueti

APÊNDICE C – Resposta 3 da Ficha de pesquisa sobre livros didáticos de PFOL.

Ficha de Pesquisa Sobre Livros Didáticos de PFOL

Profissão: Professor de Português para Estrangeiros e Espanhol

Formação acadêmica: Superior Incompleto

Tempo de atuação como professor de PFOL: 1 ano e meio

Nome da escola ou empresa em que trabalha: Great Idiomas

Quais materiais didáticos você utiliza nas aulas de PFOL?

(X) Livros didáticos

(X) Flashcards

( ) Filmes

( ) Outros: _____

Se você utiliza livros didáticos de PFOL, assinale qual ou quais utiliza:

( ) *Português para Estrangeiros* - Mercedes Marchant.
( ) *Português do Brasil para estrangeiros* - S. BIAZOLI & Francisco G. MATOS.
( ) *Português para estrangeiros I e II: conversação cultura e criatividade*.- S BIAZOLI & Francisco G. MATOS
( ) *Português para falantes de espanhol* - Leonor Cantareiro Lombello e Marisa de Andrade Baleeiro.
( ) *Tudo Bem : Português do Brasil* - Raquel Ramalhete.
( ) *Fala Brasil, Português para Estrangeiros* - Elizabeth Fontão do Patrocínio e Pierre Coudry.
( ) *Muito Prazer! Curso de Português do Brasil para Estrangeiros* - Ana Maria Flores.
( ) *Português Via Brasil: Um Curso Avançado para Estrangeiros* - Emma Eberlein O. F. Lima, Lutz Rohrman, Tokiko Ishihara, Cristián Gonzalez Bergweiler & Samira A. Iunes.
( ) *Avenida Brasil: Curso Básico de Português para Estrangeiros* – Emma Eberlein O.F. Lima, Lutz Rohrmann,Tokiko Ishihara, Cristián González Bergweiler & Samira Abirad Iunes.
( ) *Aprendendo Português do Brasil* - Maria Nazaré de Carvalho Laroca, Nadine Bara & Sonia Maria da Cunha.
( ) *Português para estrangeiros: nível avançado* - Mercedes Marchand.
( ) *Português para estrangeiros I e II* - MEYER
( ) *Falar, Ler e Escrever Português: Um Curso para Estrangeiros* - Emma E. O.F. Lima e Samira A I
(X) *Bem-vindo!* - Maria Harumi Otuki de Ponce; Silvia R.B. Andrade Burin &

Susanna Florissi.
( ) *Sempre Amigos: Fala Brasil para Jovens* - Elizabeth Fontão do Patrocínio & Pierre Coudry.
( ) *Interagindo em Português* - Eunice Ribeiro Henriques & Danielle Marcelle Granier.
( ) *Passagens: Português do Brasil para Estrangeiros* -
Rosine Celli.
( ) *Diálogo Brasil*- Emma Eberlein O. F. Lima, Samira Abirad Iunes & Marina Ribeiro Leite.
( ) *Aquarela do Brasil: Curso de Português para falantes de espanhol* - Edileise Mendes Oliveira Santos
( ) *Estação Brasil: Português para estrangeiro* -. BIZON.
( ) Panorama Brasil: Ensino do Português do Mundo dos Negócios - Harumi de Ponce, Silvia Burim, Susanna Florissi.
( ) Muito Prazer: Fale o português do Brasil - Gláucia Roberta R. Fernandes, Telma de Lurdes S. B. Ferreira, Vera Lúcia Ramos.
( ) Outros: _____

_____

Quais os critérios foram utilizados para a escolha dos livros didáticos:

( ) Idade do aluno;
( ) Sexo do aluno;
( ) Nível do aluno em relação a língua portuguesa;
( ) Objetivo do aluno;
( ) Regra da escola/ empresa;
( ) Profissão do aluno;
( ) Língua materna do aluno;
(X) Preço do livro;
( ) Editora ou autor do livro;
( ) Data de publicação do livro;
( ) Outros: _____

Agradeço a colaboração
Luhema Ueti

APÊNDICE D – Resposta 4 da Ficha de pesquisa sobre livros didáticos de PFOL.

Ficha de Pesquisa Sobre Livros Didáticos de PFOL

Profissão: Professor de Português para Estrangeiros e Espanhol

Formação acadêmica: Superior Incompleto

Tempo de atuação como professor de PFOL: 1 ano e meio

Nome da escola ou empresa em que trabalha: Companhia de Idiomas

Quais materiais didáticos você utiliza nas aulas de PFOL?

(X) Livros didáticos

(X) Flashcards

(X) Filmes

( ) Outros: _____

Se você utiliza livros didáticos de PFOL, assinale qual ou quais utiliza:

( ) *Português para Estrangeiros* - Mercedes Marchant.
( ) *Português do Brasil para estrangeiros* - S. BIAZOLI & Francisco G. MATOS.
( ) *Português para estrangeiros I e II: conversação cultura e criatividade.*- S BIAZOLI & Francisco G. MATOS
( ) *Português para falantes de espanhol* - Leonor Cantareiro Lombello e Marisa de Andrade Baleeiro.
( ) *Tudo Bem : Português do Brasil* - Raquel Ramalhete.
( ) *Fala Brasil, Português para Estrangeiros* - Elizabeth Fontão do Patrocínio e Pierre Coudry.
( ) *Muito Prazer! Curso de Português do Brasil para Estrangeiros* - Ana Maria Flores.
( ) *Português Via Brasil: Um Curso Avançado para Estrangeiros* - Emma Eberlein O. F. Lima, Lutz Rohrman, Tokiko Ishihara, Cristián Gonzalez Bergweiler & Samira A. Iunes.
( ) *Avenida Brasil: Curso Básico de Português para Estrangeiros* – Emma Eberlein O.F. Lima, Lutz Rohrmann,Tokiko Ishihara, Cristián González Bergweiler & Samira Abirad Iunes.
( ) *Aprendendo Português do Brasil* - Maria Nazaré de Carvalho Laroca, Nadine Bara & Sonia Maria da Cunha.
( ) *Português para estrangeiros: nível avançado* - Mercedes Marchand.
( ) *Português para estrangeiros I e II* - MEYER
( ) *Falar, Ler e Escrever Português: Um Curso para Estrangeiros* - Emma E. O.F. Lima e Samira A I

(X) *Bem-vindo!* - Maria Harumi Otuki de Ponce; Silvia R.B. Andrade Burin & Susanna Florissi.
( ) *Sempre Amigos: Fala Brasil para Jovens* - Elizabeth Fontão do Patrocínio & Pierre Coudry.
( ) *Interagindo em Português* - Eunice Ribeiro Henriques & Danielle Marcelle Granier.
( ) *Passagens: Português do Brasil para Estrangeiros* - Rosine Celli.
( ) *Diálogo Brasil*- Emma Eberlein O. F. Lima, Samira Abirad Iunes & Marina Ribeiro Leite.
( ) *Aquarela do Brasil: Curso de Português para falantes de espanhol* - Edileise Mendes Oliveira Santos
( ) *Estação Brasil: Português para estrangeiro* -. BIZON.
( ) Panorama Brasil: Ensino do Português do Mundo dos Negócios - Harumi de Ponce, Silvia Burim, Susanna Florissi.
( ) Muito Prazer: Fale o português do Brasil - Gláucia Roberta R. Fernandes, Telma de Lurdes S. B. Ferreira, Vera Lúcia Ramos.
( ) Outros: _____

_____

Quais os critérios foram utilizados para a escolha dos livros didáticos:

( ) Idade do aluno;
( ) Sexo do aluno;
( ) Nível do aluno em relação a língua portuguesa;
( ) Objetivo do aluno;
( ) Regra da escola/ empresa;
( ) Profissão do aluno;
(X) Língua materna do aluno;
(X) Preço do livro;
( ) Editora ou autor do livro;
( ) Data de publicação do livro;
( ) Outros: _____

Agradeço a colaboração
Luhema Ueti

APÊNDICE E – Resposta 5 da Ficha de pesquisa sobre livros didáticos de PFOL.

Ficha de Pesquisa Sobre Livros Didáticos de PFOL

Profissão: Professora de Português para estrangeiros

Formação acadêmica: Jornalista

Tempo de atuação como professor de PFOL: 14 anos

Nome da escola ou empresa em que trabalha: Challenges Idiomas

Quais materiais didáticos você utiliza nas aulas de PFOL?

(X) Livros didáticos

( ) Flashcards

( ) Filmes

(X) Outros: Vídeos, jornais, revistas, livros de contos, crônicas, audição de rádios, internet.

Se você utiliza livros didáticos de PFOL, assinale qual ou quais utiliza:

( ) *Português para Estrangeiros* - Mercedes Marchant.
( ) *Português do Brasil para estrangeiros* - S. BIAZOLI & Francisco G. MATOS.
( ) *Português para estrangeiros I e II: conversação cultura e criatividade*.- S BIAZOLI & Francisco G. MATOS
( ) *Português para falantes de espanhol* - Leonor Cantareiro Lombello e Marisa de Andrade Baleeiro.
( ) *Tudo Bem : Português do Brasil* - Raquel Ramalhete.
( ) *Fala Brasil, Português para Estrangeiros* - Elizabeth Fontão do Patrocínio e Pierre Coudry.
(x) *Muito Prazer! Curso de Português do Brasil para Estrangeiros* - Ana Maria Flores.
(x) *Português Via Brasil: Um Curso Avançado para Estrangeiros* - Emma Eberlein O. F. Lima, Lutz Rohrman, Tokiko Ishihara, Cristián Gonzalez Bergweiler & Samira A. Iunes.
( ) *Avenida Brasil: Curso Básico de Português para Estrangeiros* – Emma Eberlein O.F. Lima, Lutz Rohrmann,Tokiko Ishihara, Cristián González Bergweiler & Samira Abirad Iunes.
( ) *Aprendendo Português do Brasil* - Maria Nazaré de Carvalho Laroca, Nadine Bara & Sonia Maria da Cunha.
( ) *Português para estrangeiros: nível avançado* - Mercedes Marchand.
( ) *Português para estrangeiros I e II* - MEYER
(X) *Falar, Ler e Escrever Português: Um Curso para Estrangeiros* - Emma E. O.F. Lima e Samira A I
(X) *Bem-vindo!* - Maria Harumi Otuki de Ponce; Silvia R.B. Andrade Burin &

Susanna Florissi.
( ) *Sempre Amigos: Fala Brasil para Jovens* - Elizabeth Fontão do Patrocínio & Pierre Coudry.
( ) *Interagindo em Português* - Eunice Ribeiro Henriques & Danielle Marcelle Granier.
( ) *Passagens: Português do Brasil para Estrangeiros* -
Rosine Celli.
( ) *Diálogo Brasil*- Emma Eberlein O. F. Lima, Samira Abirad Iunes & Marina Ribeiro Leite.
( ) *Aquarela do Brasil: Curso de Português para falantes de espanhol* - Edileise Mendes Oliveira Santos
( ) *Estação Brasil: Português para estrangeiro* -. BIZON.
(x) Panorama Brasil: Ensino do Português do Mundo dos Negócios - Harumi de Ponce, Silvia Burim, Susanna Florissi.
( ) Muito Prazer: Fale o português do Brasil - Gláucia Roberta R. Fernandes, Telma de Lurdes S. B. Ferreira, Vera Lúcia Ramos.
( ) Outros: _____

_____

Quais os critérios foram utilizados para a escolha dos livros didáticos:

( ) Idade do aluno;
( ) Sexo do aluno;
(x) Nível do aluno em relação a língua portuguesa;
( ) Objetivo do aluno;
(x) Regra da escola/ empresa;
( ) Profissão do aluno;
( ) Língua materna do aluno;
( ) Preço do livro;
( ) Editora ou autor do livro;
( ) Data de publicação do livro;
( ) Outros: _____

Agradeço a colaboração
Luhema Ueti

APÊNDICE F – Resposta 6 da Ficha de pesquisa sobre livros didáticos de PFOL.

Ficha de Pesquisa Sobre Livros Didáticos de PFOL

Profissão: Professora de Português para estrangeiros

Formação acadêmica: Jornalista

Tempo de atuação como professor de PFOL: 14 anos

Nome da escola ou empresa em que trabalha: Essential Idiomas

Quais materiais didáticos você utiliza nas aulas de PFOL?

(X) Livros didáticos

( ) Flashcards

( ) Filmes

(X) Outros: Vídeos, jornais, revistas, livros de contos, crônicas, audição de rádios, internet.

Se você utiliza livros didáticos de PFOL, assinale qual ou quais utiliza:

( ) *Português para Estrangeiros* - Mercedes Marchant.
( ) *Português do Brasil para estrangeiros* - S. BIAZOLI & Francisco G. MATOS.
( ) *Português para estrangeiros I e II: conversação cultura e criatividade.*- S BIAZOLI & Francisco G. MATOS
( ) *Português para falantes de espanhol* - Leonor Cantareiro Lombello e Marisa de Andrade Baleeiro.
( ) *Tudo Bem : Português do Brasil* - Raquel Ramalhete.
( ) *Fala Brasil, Português para Estrangeiros* - Elizabeth Fontão do Patrocínio e Pierre Coudry.
( ) *Muito Prazer! Curso de Português do Brasil para Estrangeiros* - Ana Maria Flores.
( ) *Português Via Brasil: Um Curso Avançado para Estrangeiros* - Emma Eberlein O. F. Lima, Lutz Rohrman, Tokiko Ishihara, Cristián Gonzalez Bergweiler & Samira A. Iunes.
( ) *Avenida Brasil: Curso Básico de Português para Estrangeiros* – Emma Eberlein O.F. Lima, Lutz Rohrmann,Tokiko Ishihara, Cristián González Bergweiler & Samira Abirad Iunes.
( ) *Aprendendo Português do Brasil* - Maria Nazaré de Carvalho Laroca, Nadine Bara & Sonia Maria da Cunha.
( ) *Português para estrangeiros: nível avançado* - Mercedes Marchand.
( ) *Português para estrangeiros I e II* - MEYER
(X) *Falar, Ler e Escrever Português: Um Curso para Estrangeiros* -

Emma E. O.F. Lima e Samira A I
(X) *Bem-vindo!* - Maria Harumi Otuki de Ponce; Silvia R.B. Andrade Burin & Susanna Florissi.
( ) *Sempre Amigos: Fala Brasil para Jovens* - Elizabeth Fontão do Patrocínio & Pierre Coudry.
( ) *Interagindo em Português* - Eunice Ribeiro Henriques & Danielle Marcelle Granier.
( ) *Passagens: Português do Brasil para Estrangeiros* - Rosine Celli.
( ) *Diálogo Brasil*- Emma Eberlein O. F. Lima, Samira Abirad Iunes & Marina Ribeiro Leite.
( ) *Aquarela do Brasil: Curso de Português para falantes de espanhol* - Edileise Mendes Oliveira Santos
( ) *Estação Brasil: Português para estrangeiro* -. BIZON.
( ) Panorama Brasil: Ensino do Português do Mundo dos Negócios - Harumi de Ponce, Silvia Burim, Susanna Florissi.
( ) Muito Prazer: Fale o português do Brasil - Gláucia Roberta R. Fernandes, Telma de Lurdes S. B. Ferreira, Vera Lúcia Ramos.
( ) Outros: _____

_____

Quais os critérios foram utilizados para a escolha dos livros didáticos:

( ) Idade do aluno;
( ) Sexo do aluno;
(x) Nível do aluno em relação a língua portuguesa;
( ) Objetivo do aluno;
(x) Regra da escola/ empresa;
( ) Profissão do aluno;
( ) Língua materna do aluno;
( ) Preço do livro;
( ) Editora ou autor do livro;
( ) Data de publicação do livro;
( ) Outros: _____

Agradeço a colaboração
Luhema Ueti

APÊNDICE G – Resposta 7 da Ficha de pesquisa sobre de livros didáticos PFOL.

Ficha de Pesquisa Sobre Livros Didáticos de PFOL

Profissão: professor de português para estrangeiros

Formação profissional: Letras

Tempo de atuação como professor de PFOL: 2,5 anos

Nome da escola ou empresa em que trabalha: CALJ Treinamento e Ensino de Idiomas

Quais materiais didáticos você utiliza nas aulas de PFOL?

(x) Livros didáticos

( ) Flashcards

( ) Filmes

(x) Outros: Músicas, textos de jornais, revistas, entrevistas em vídeo ou áudio

Se você utiliza livros didáticos de PFOL, assinale qual ou quais utiliza:

( ) *Português para Estrangeiros* - Mercedes Marchant.
( ) *Português do Brasil para estrangeiros* - S. BIAZOLI & Francisco G. MATOS.
( ) *Português para estrangeiros I e II: conversação cultura e criatividade*.- S BIAZOLI & Francisco G. MATOS
( ) *Português para falantes de espanhol* - Leonor Cantareiro Lombello e Marisa de Andrade Baleeiro.
( ) *Tudo Bem : Português do Brasil* - Raquel Ramalhete.
(x) *Fala Brasil, Português para Estrangeiros* - Elizabeth Fontão do Patrocínio e Pierre Coudry.
( ) *Muito Prazer! Curso de Português do Brasil para Estrangeiros* - Ana Maria Flores.
(x) *Português Via Brasil: Um Curso Avançado para Estrangeiros* - Emma Eberlein O. F. Lima, Lutz Rohrman, Tokiko Ishihara, Cristián Gonzalez Bergweiler & Samira A. Iunes.
( ) *Avenida Brasil: Curso Básico de Português para Estrangeiros* – Emma Eberlein O.F. Lima, Lutz Rohrmann,Tokiko Ishihara, Cristián González Bergweiler & Samira Abirad Iunes.
( ) *Aprendendo Português do Brasil* - Maria Nazaré de Carvalho Laroca, Nadine Bara & Sonia Maria da Cunha.
( ) *Português para estrangeiros: nível avançado* - Mercedes Marchand.
( ) *Português para estrangeiros I e II* - MEYER
( ) *Falar, Ler e Escrever Português: Um Curso para Estrangeiros* - Emma E. O.F. Lima e Samira A I

( ) *Bem-vindo!* - Maria Harumi Otuki de Ponce; Silvia R.B. Andrade Burin & Susanna Florissi.
( ) *Sempre Amigos: Fala Brasil para Jovens* - Elizabeth Fontão do Patrocínio & Pierre Coudry.
( ) *Interagindo em Português* - Eunice Ribeiro Henriques & Danielle Marcelle Granier.
( ) *Passagens: Português do Brasil para Estrangeiros* - Rosine Celli.
(x) *Diálogo Brasil*- Emma Eberlein O. F. Lima, Samira Abirad Iunes & Marina Ribeiro Leite.
( ) *Aquarela do Brasil: Curso de Português para falantes de espanhol* - Edileise Mendes Oliveira Santos
( ) *Estação Brasil: Português para estrangeiro* -. BIZON.
(x) Panorama Brasil: Ensino do Português do Mundo dos Negócios - Harumi de Ponce, Silvia Burim, Susanna Florissi.
( ) Muito Prazer: Fale o português do Brasil - Gláucia Roberta R. Fernandes, Telma de Lurdes S. B. Ferreira, Vera Lúcia Ramos.
( ) Outros: _____

_____

Quais os critérios foram utilizados para a escolha dos livros didáticos:

( ) Idade do aluno;
( ) Sexo do aluno;
(x) Nível do aluno em relação a língua portuguesa;
(x) Objetivo do aluno;
(x) Regra da escola/ empresa;
(x) Profissão do aluno;
(x) Língua materna do aluno;
( ) Preço do livro;
( ) Editora ou autor do livro;
( ) Data de publicação do livro;
( ) Outros: _____

Agradeço a colaboração
Luhema Ueti

APÊNDICE H – Resposta 8 da Ficha de pesquisa sobre de livros didáticos PFOL.

Ficha de Pesquisa Sobre Livros Didáticos de PFOL

Profissão: Professora de PFOL e de Francês

Formação acadêmica: Letras

Tempo de atuação como professor de PFOL: 6 anos

Nome da escola ou empresa em que trabalha: Schola

Quais materiais didáticos você utiliza nas aulas de PFOL?

(X) Livros didáticos

(X) Flashcards

( ) Filmes

(X) Outros: música, artigo de jornal

Se você utiliza livros didáticos de PFOL, assinale qual ou quais utiliza:

( ) *Português para Estrangeiros* - Mercedes Marchant.
( ) *Português do Brasil para estrangeiros* - S. BIAZOLI & Francisco G. MATOS.
( ) *Português para estrangeiros I e II: conversação cultura e criatividade.*- S BIAZOLI & Francisco G. MATOS
( ) *Português para falantes de espanhol* - Leonor Cantareiro Lombello e Marisa de Andrade Baleeiro.
( ) *Tudo Bem : Português do Brasil* - Raquel Ramalhete.
( ) *Fala Brasil, Português para Estrangeiros* - Elizabeth Fontão do Patrocínio e Pierre Coudry.
( ) *Muito Prazer! Curso de Português do Brasil para Estrangeiros* - Ana Maria Flores.
( ) *Português Via Brasil: Um Curso Avançado para Estrangeiros* - Emma Eberlein O. F. Lima, Lutz Rohrman, Tokiko Ishihara, Cristián Gonzalez Bergweiler & Samira A. Iunes.
( ) *Avenida Brasil: Curso Básico de Português para Estrangeiros* – Emma Eberlein O.F. Lima, Lutz Rohrmann,Tokiko Ishihara, Cristián González Bergweiler & Samira Abirad Iunes.
( ) *Aprendendo Português do Brasil* - Maria Nazaré de Carvalho Laroca, Nadine Bara & Sonia Maria da Cunha.
( ) *Português para estrangeiros: nível avançado* - Mercedes Marchand.
( ) *Português para estrangeiros I e II* - MEYER
(X) *Falar, Ler e Escrever Português: Um Curso para Estrangeiros* - Emma E. O.F. Lima e Samira A I

( ) *Bem-vindo!* - Maria Harumi Otuki de Ponce; Silvia R.B. Andrade Burin & Susanna Florissi.
( ) *Sempre Amigos: Fala Brasil para Jovens* - Elizabeth Fontão do Patrocínio & Pierre Coudry.
( ) *Interagindo em Português* - Eunice Ribeiro Henriques & Danielle Marcelle Granier.
( ) *Passagens: Português do Brasil para Estrangeiros* - Rosine Celli.
( ) *Diálogo Brasil*- Emma Eberlein O. F. Lima, Samira Abirad Iunes & Marina Ribeiro Leite.
( ) *Aquarela do Brasil: Curso de Português para falantes de espanhol* - Edileise Mendes Oliveira Santos
( ) *Estação Brasil: Português para estrangeiro* -. BIZON.
( ) Panorama Brasil: Ensino do Português do Mundo dos Negócios - Harumi de Ponce, Silvia Burim, Susanna Florissi.
( ) Muito Prazer: Fale o português do Brasil - Gláucia Roberta R. Fernandes, Telma de Lurdes S. B. Ferreira, Vera Lúcia Ramos.
( ) Outros:

Quais os critérios foram utilizados para a escolha dos livros didáticos:

( ) Idade do aluno;
( ) Sexo do aluno;
(X) Nível do aluno em relação à língua portuguesa;
( ) Objetivo do aluno;
(X) Regra da escola/ empresa;
( ) Profissão do aluno;
( ) Língua materna do aluno;
( ) Preço do livro;
( ) Editora ou autor do livro;
( ) Data de publicação do livro;
( ) Outros: _____

Agradeço a colaboração
Luhema Ueti

APÊNDICE I – Resposta 9 da Ficha de pesquisa sobre de livros didáticos PFOL.

Ficha de Pesquisa Sobre Livros Didáticos de PFOL

Profissão: professor de português para estrangeiros

Formação acadêmica: Letras

Tempo de atuação como professor de PFOL: 3 anos

Nome da escola ou empresa em que trabalha: Allegra Idiomas

Quais materiais didáticos você utiliza nas aulas de PFOL?

(x) Livros didáticos

( ) Flashcards

( ) Filmes

(X) Outros: Músicas, textos de jornais, revistas, entrevistas em vídeo ou áudio

Se você utiliza livros didáticos de PFOL, assinale qual ou quais utiliza:

( ) *Português para Estrangeiros* - Mercedes Marchant.
( ) *Português do Brasil para estrangeiros* - S. BIAZOLI & Francisco G. MATOS.
( ) *Português para estrangeiros I e II: conversação cultura e criatividade.*- S BIAZOLI & Francisco G. MATOS
( ) *Português para falantes de espanhol* - Leonor Cantareiro Lombello e Marisa de Andrade Baleeiro.
( ) *Tudo Bem : Português do Brasil* - Raquel Ramalhete.
(x) *Fala Brasil, Português para Estrangeiros* - Elizabeth Fontão do Patrocínio e Pierre Coudry.
( ) *Muito Prazer! Curso de Português do Brasil para Estrangeiros* - Ana Maria Flores.
(x) *Português Via Brasil: Um Curso Avançado para Estrangeiros* - Emma Eberlein O. F. Lima, Lutz Rohrman, Tokiko Ishihara, Cristián Gonzalez Bergweiler & Samira A. Iunes.
( ) *Avenida Brasil: Curso Básico de Português para Estrangeiros* – Emma Eberlein O.F. Lima, Lutz Rohrmann,Tokiko Ishihara, Cristián González Bergweiler & Samira Abirad Iunes.
( ) *Aprendendo Português do Brasil* - Maria Nazaré de Carvalho Laroca, Nadine Bara & Sonia Maria da Cunha.
( ) *Português para estrangeiros: nível avançado* - Mercedes Marchand.

( ) *Português para estrangeiros I e II* - MEYER
( ) *Falar, Ler e Escrever Português: Um Curso para Estrangeiros* - Emma E. O.F. Lima e Samira A I
( ) *Bem-vindo!* - Maria Harumi Otuki de Ponce; Silvia R.B. Andrade Burin & Susanna Florissi.
( ) *Sempre Amigos: Fala Brasil para Jovens* - Elizabeth Fontão do Patrocínio & Pierre Coudry.
( ) *Interagindo em Português* - Eunice Ribeiro Henriques & Danielle Marcelle Granier.
( ) *Passagens: Português do Brasil para Estrangeiros* - Rosine Celli.
(x) *Diálogo Brasil*- Emma Eberlein O. F. Lima, Samira Abirad Iunes & Marina Ribeiro Leite.
( ) *Aquarela do Brasil: Curso de Português para falantes de espanhol* - Edileise Mendes Oliveira Santos
( ) *Estação Brasil: Português para estrangeiro* -. BIZON.
(x) Panorama Brasil: Ensino do Português do Mundo dos Negócios - Harumi de Ponce, Silvia Burim, Susanna Florissi.
(x) Muito Prazer: Fale o português do Brasil - Gláucia Roberta R. Fernandes, Telma de Lurdes S. B. Ferreira, Vera Lúcia Ramos.
( ) Outros: _____

_____

Quais os critérios foram utilizados para a escolha dos livros didáticos:

( ) Idade do aluno;
( ) Sexo do aluno;
(x) Nível do aluno em relação a língua portuguesa;
(x) Objetivo do aluno;
(x) Regra da escola/ empresa;
(x) Profissão do aluno;
(x) Língua materna do aluno;
( ) Preço do livro;
( ) Editora ou autor do livro;
( ) Data de publicação do livro;
( ) Outros: _____

Agradeço a colaboração
Luhema Ueti

APÊNDICE J – Resposta 10 da Ficha de pesquisa sobre de livros didáticos PFOL.

Ficha de Pesquisa Sobre Livros Didáticos de PFOL

Profissão: Professora de Português para estrangeiros

Formação profissional: Bacharel em Letras pela Universidade de São Paulo

Tempo de atuação como professor de PFOL: 6 anos

Nome da escola ou empresa em que trabalha: Master Languages

Quais materiais didáticos você utiliza nas aulas de PFOL?

(X) Livros didáticos

(X) Flashcards

( ) Filmes

(X) Outros: Jornais, revistas e músicas.

Se você utiliza livros didáticos de PFOL, assinale qual ou quais utiliza:

( ) *Português para Estrangeiros* - Mercedes Marchant.
( ) *Português do Brasil para estrangeiros* - S. BIAZOLI & Francisco G. MATOS.
( ) *Português para estrangeiros I e II: conversação cultura e criatividade.*- S BIAZOLI & Francisco G. MATOS
( ) *Português para falantes de espanhol* - Leonor Cantareiro Lombello e Marisa de Andrade Baleeiro.
( ) *Tudo Bem : Português do Brasil* - Raquel Ramalhete.
( ) *Fala Brasil, Português para Estrangeiros* - Elizabeth Fontão do Patrocínio e Pierre Coudry.
( ) *Muito Prazer! Curso de Português do Brasil para Estrangeiros* - Ana Maria Flores.
(X) *Português Via Brasil: Um Curso Avançado para Estrangeiros* - Emma Eberlein O. F. Lima, Lutz Rohrman, Tokiko Ishihara, Cristián Gonzalez Bergweiler & Samira A. Iunes.
( ) *Avenida Brasil: Curso Básico de Português para Estrangeiros* – Emma Eberlein O.F. Lima, Lutz Rohrmann,Tokiko Ishihara, Cristián González Bergweiler & Samira Abirad Iunes.
( ) *Aprendendo Português do Brasil* - Maria Nazaré de Carvalho Laroca, Nadine Bara & Sonia Maria da Cunha.
( ) *Português para estrangeiros: nível avançado* - Mercedes Marchand.
( ) *Português para estrangeiros I e II* - MEYER
(X **)** *Falar, Ler e Escrever Português: Um Curso para Estrangeiros* -

Emma E. O.F. Lima e Samira A I
( ) *Bem-vindo!* - Maria Harumi Otuki de Ponce; Silvia R.B. Andrade Burin & Susanna Florissi.
( ) *Sempre Amigos: Fala Brasil para Jovens* - Elizabeth Fontão do Patrocínio & Pierre Coudry.
( ) *Interagindo em Português* - Eunice Ribeiro Henriques & Danielle Marcelle Granier.
( ) *Passagens: Português do Brasil para Estrangeiros* - Rosine Celli.
(X) *Diálogo Brasil*- Emma Eberlein O. F. Lima, Samira Abirad Iunes & Marina Ribeiro Leite.
( ) *Aquarela do Brasil: Curso de Português para falantes de espanhol* - Edileise Mendes Oliveira Santos
( ) *Estação Brasil: Português para estrangeiro* -. BIZON.
( ) Panorama Brasil: Ensino do Português do Mundo dos Negócios - Harumi de Ponce, Silvia Burim, Susanna Florissi.
( ) Muito Prazer: Fale o português do Brasil - Gláucia Roberta R. Fernandes, Telma de Lurdes S. B. Ferreira, Vera Lúcia Ramos.
( ) Outros: _____

_____

Quais os critérios foram utilizados para a escolha dos livros didáticos:

( ) Idade do aluno;
( ) Sexo do aluno;
(X) Nível do aluno em relação a língua portuguesa;
(X) Objetivo do aluno;
(X) Regra da escola/ empresa;
(X) Profissão do aluno;
( ) Língua materna do aluno;
( ) Preço do livro;
( ) Editora ou autor do livro;
( ) Data de publicação do livro;
( ) Outros: _____

Agradeço a colaboração
Luhema Ueti

ANEXOS

ANEXO A – Prefácio da edição de 2010.

Prefácio

O método **Português Via Brasil – Um Curso avançado para Estrangeiros**, nesta sua nova versão totalmente revista e ampliada, destina-se a estudantes de Português de nível pré-avançado.

Em cada uma de suas dez unidades, trabalham-se os vários níveis de linguagem, desde o bem coloquial até o formal, com **textos** das mais diversas fontes e formas de redação, inclusive textos literários de autores consagrados. A **gramática**, inteiramente revista e reorganizada, retoma, em cada unidade, primeiramente estruturas já estudadas, ampliando-as e consolidando-as através de exercícios os mais variados. Em seguida, introduz estruturas novas, apoiadas em um conjunto de atividades diversas, quer orientadas, quer criativas, cobrindo um leque de vocabulário dos mais abrangentes.

O livro Português Via Brasil tem como **objetivo** levar o aluno pré-avançado a um alto nível de proficiência linguística, dando-lhe, ao mesmo tempo, visão ampla da cultura brasileira, através de textos que enfocam paisagens e usos e costumes regionais.

As autoras

ANEXO B - Texto: Cena Paulistana: Árvores Paulistanas

Cotidiano Brasileiro

Cena Paulistana

Árvores Paulistanas

Incrível! São Paulo – um jardim botânico a céu aberto, é uma das cidades mais bem arborizadas do mundo! Árvores como jequitibá, ipê, jacarandá, cássia, mulungu, cedro, sapucaia e tantas outras espécies dão a São Paulo um ar especial.

Nos meses de primavera e verão, a cidade torna-se um jardim. Nas esquinas, nas alamedas, nas praças, surgem, de repente, azaleias, buganvíleas, ipês roxos, amarelos e rosa, jacarandás mimosos deitando pétalas violeta pelo chão, copas douradas de manacás, tipuanas, altas paineiras, flamboyants pegando fogo, quaresmeiras em flor até abril ...

Contra toda a lógica, apesar da poluição, do barulho, do asfalto quente, da tensão, da correria, da gritaria, dos problemas todos de uma cidade imensa e indomável, de chofre, irrompem em nosso caminho, assim no meio de muito verde, sem mais nem menos, árvores floridas, lindas – um espetáculo de cores que só nos faz bem.

Durante décadas e décadas, como autênticos jardineiros, antigos administradores dedicaram-se a traçar bons planos de arborização para a cidade que crescia. E nessa faina contavam com aliados – os milhares de anônimos moradores, que, incansáveis, passaram a vida plantando mudas, regando, fertilizando, podando, protegendo, defendendo as árvores de seu jardim.

ANEXO C – Texto: Cena brasileira: O Negro – O Preconceito racial

Cotidiano Brasileiro

Cena brasileira: O Negro

O Preconceito racial

Cento e tantos anos depois da Abolição da Escravatura, a libertação dos negros é ainda uma questão mal resolvida.

Dentro da totalidade da população brasileira, o negro é minoria – 44% de todos os habitantes do país, considerando-se nesse grupo todas as pessoas de pele mais escura – do negro de pele preta com reflexos azulados ao mulato claro. Na camada pobre, no entanto, os negros formam a maioria. Se, de cada dez brasileiros, quatro são negros, de cada dez brasileiros pobres, os negros são seis.

Embora ilegal desde 1951, a discriminação racial está integrada ao cotidiano brasileiro. O preconceito racial não assume formas agressivas, mas faz, indiscutivelmente, parte do comportamento da população. O racismo, condenado publicamente, de forma vigorosa, frequentemente aflora na esfera privada e em situações concretas de trabalho.

O brasileiro reage de forma emocional, indignada mesmo, se acusado de possuir preconceito racial. A atitude das classes média e alta, porém, o contradiz. Na classe baixa, no entanto, há confraternização – a confraternização na pobreza.

É nessa camada que se verifica a miscigenação.

ANEXO D – Texto: Cena Pernambucana: Festas juninas

Cotidiano Brasileiro

Cena Pernambucana

Festas juninas

Em todo o Brasil, junho, em sua tradição, conta com três festas populares, em homenagem aos santos do mês: Santo Antônio (dia 13), São João (dia 24) e São Pedro (dia 29). São as chamadas festas juninas.

Fogueira no quintal, rezas, fogos de artifício, danças, comida e bebida típicas, tudo de caráter bem popular, dominam as festas, que se prolongam por todo o mês.

Nas grandes cidades, as festas saíram das ruas e foram para as escolas, os clubes, os sítios, ou então para os ambientes domésticos. Crianças, jovens e velhos vestem-se à moda caipira, dançam a quadrilha, o forró, comem pé-de-moleque, passoca, cocada, pipoca. São doces feitos de amendoim, milho, coco.

Santo Antônio é o santo 'casamenteiro', quer dizer, as moças solteiras rezam para que o santo lhes encontre um marido. Em todo o país, sua devoção é muito grande.

Para São João, algumas cidades fazem uma grande procissão, com as crianças simbolizando João menino com um carneirinho.

Em Pernambuco, a festa mais tradicional do Estado é a de São João. Embora inúmeros locais festejem esse dia, duas cidades se caracterizam pela tradição de São João: Recife e Caruaru.

Recife

Na capital, Recife, vários bairros competem na disputa do primeiro lugar na animação e nos enfeites de rua. São milhares de bandeirinhas, arcos de bambu e muita folhagem enfeitando calçadas, bares e casas.

Quase toda a população se envolve nos festejos com a formação de 'arraiais' espalhados pelos bairros mais populosos e com a organização de uma grande festa, a céu aberto, no Sítio da Trindade, em Casa Amarela. Em toda a orla marítima pode-se ouvir o som da gostosa sanfona, do triângulo, animando os forrozeiros até o amanhecer. Não faltam a tradicional fogueira e os fogos de artifício.

As barracas populares vendem canjica, pamonhas, bolo de fubá, milho cozido e assado.

Os restaurantes, mesmo os mais sofisticados, também preparam pratos típicos.

Nem mesmo as fortes chuvas, que podem cair nesta estação, conseguem apagar 'o fogo' do entusiasmo dos festeiros.

Caruaru

Na época da festa de São João, a Polícia Federal tem grande trabalho na supervisão das estradas que dão acesso a Caruaru, tal o fluxo de veículos que tomam aquela direção.

Caruaru, no interior de Pernambuco, é a capital do forró. Ela e Campina Grande, também famosa pelos festejos de São João, batem recorde de movimento na estação rodoviária. Não é raro passageiros dormirem na estação, fazendo plantão, esperando pelos ônibus que vão a uma ou outra cidade.

Vocabulário

Arraial - pequena povoação, lugar de povoação temporária. No texto: lugar onde há festas e aglomerações populares.

Forró - ritmo de dança bem animado, popular. Atualmente, pode também significar o lugar da dança.

ANEXO E – Texto: Cena brasiliense: Brasília e o Quadrilátero Cruls

Cena brasiliense

Brasília e o Quadrilátero Cruls

O sonho de transferência da Capital Federal do litoral – Rio de Janeiro – para o interior do país vem de longa data. Ela sempre foi um sonho antigo dos brasileiros. Os Inconfidentes Mineiros, grupo de intelectuais e patriotas que almejavam a independência do Brasil, em 1780, já falavam no assunto. Jornalistas, no século XIX, fizeram campanha em favor do estabelecimento da capital em um ponto no interior do Planalto Central, no centro do país, próximo à nascente de grandes rios. O nome Brasília foi sugerido, já em 1823, por José Bonifácio de Andrade e Silva, paulista de muito destaque na política brasileira.

Com a proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, o projeto ganhou força e passou a ser previsto pela Constituição.

No entanto, o primeiro passo concreto para que a cidade deixasse de ser um simples plano, foi dado pelo geógrafo e astrônomo belga Luiz Cruls, em 1892, a pedido do então presidente da República, Floriano Peixoto. O cientista, na época diretor do Observatório Astronômico do Rio de Janeiro, partiu da capital com uma equipe de 21 pesquisadores entre geógrafos, médicos, naturalistas botânicos e engenheiros, seguindo de trem até Uberaba, em Minas Gerais. De lá, em lombo de burro, alcançou o cerrado brasileiro, até então completamente desconhecido. Sem pontos referenciais e diante da imensidão da região, a expedição valeu-se da técnica dos marinheiros, guiando-se pelas estrelas.

Recolhendo dados sobre a geografia, a fauna e a flora da região, Cruls demarcou a

área onde, 70 anos depois, Juscelino Kubitschek ergueria a nova capital, isto é, uma área de 14.400 km^2, que ficaria conhecida como o Quadrilátero Cruls.

A expedição circulou entre maio e novembro de 1892, percorrendo mais de 4.000 quilômetros na região. Um dos aspectos que mais chamou a atenção de Cruls foi a abundância de rios: "Por aí se vê que as águas são abundantes, tornando-se fácil abastecer uma cidade", escreveu o cientista em seu relatório de mais de 300 páginas, entregue ao governo. O relatório contém, igualmente, dados sobre o modo de vida dos habitantes do lugar, sobre as doenças mais comuns e características do vilarejo que encontraram pelo caminho.

Cruls descobriu o ponto em que se encontram as nascentes das três maiores bacias hidrográficas do país, a Amazônica, a Platina e a do São Francisco, que formam a Reserva Biológica das Águas.

"O relatório Luiz Cruls é a certidão de nascimento de Brasília."

Muitos anos se passaram até que o Governo Federal fizesse outros estudos para determinar a localização de Brasília, mas nenhum deles deixou um legado tão grande como o de Cruls.

Em 1948, o então presidente Eurico Gaspar Dutra nomeou uma nova expedição de exploração do Planalto Central, a missão Poli Coelho. No entanto, depois de dois anos de trabalho, ficou claro que a melhor localização para a nova capital era mesmo aquela que já se conhecia, o **Quadrilátero Cruls.**

ANEXO F – Texto: Cena do Pantanal Mato-Grossense

Cotidiano Brasileiro

Cena do Pantanal Mato-Grossense

A região do Pantanal Mato-Grossense é uma das preciosidades ecológicas de nosso planeta. Espalhada por uma vastíssima área, sua fauna é exuberante: 32 milhões de jacarés, 35 mil cervos-do-pantanal, 2,5 milhões de capivaras, pássaros e mais pássaros e rios abundantes de peixes.

A bicharada está por toda parte. Na paisagem erma, há pássaros pousados às pencas em árvores. Capivaras, muito mansas, andam sempre em grupos. Jacarés são arredios e, a um movimento mais brusco, fogem e somem na água. Tuiuiús amontoam-se às margens das baías e cobras enroscam-se em árvores de um lado e outro do caminho. É preciso prestar muita atenção para vê-las, embora estejam muito perto. Já para encontrar um macaco-prego, só com muita sorte. Topar com uma onça-pintada, então, é quase impossível.

A onça, no entanto, está por lá. Todos os anos, 15% dos cavalos do Mato Grosso do Sul são atacados por ela. Com 150 quilos e até 2,30 metros de comprimento, ela costuma deslocar-se a uma velocidade de 150 quilômetros por hora e, em questão de minutos, abater a presa, geralmente bem maior do que ela. Sempre ataca do solo, pulando sobre o dorso da vítima. É por isso que os índios lhe deram o nome de jaguaretê, "aquele que mata de um pulo".

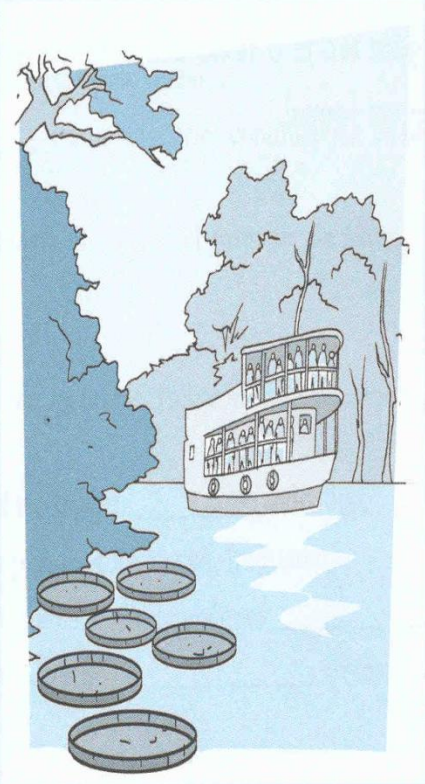
Apesar de sua incrível força e agilidade, a onça, segundo um fazendeiro do Pantanal, "tem ares de aristocrata e, como todo fidalgo, é indolente e tranquila. Se alguém a incomoda ou persegue, afasta-se apenas o suficiente para não ter aborrecimentos". Seu comportamento guarda mistérios. Ela, por exemplo, hesita em investir contra uma manada se nela houver um burro ou um jumento. Ninguém sabe por quê.

ANEXO G – Texto: Cena amazonense

Cena amazonense

Muitos vão até Manaus à procura do exótico, mas apenas visitam os pontos interessantes da cidade e fazem tímidas excursões pela beira da floresta imensa. Esses são os turistas tradicionais.

Há, no entanto, turistas mais ousados que se dispõem a trocar o hotel cinco estrelas por um barco de madeira. Com ele, navegarão horas a fio pelos rios Negro e Solimões, em busca da praia de seus sonhos, desconhecida, escondida no meio da floresta. O perigo é encontrá-la ... Descoberto o paraíso, o sonhador corre o risco de apaixonar-se por ela e de não resistir à tentação de descer do barco e nela instalar-se, formando um pequeno sítio para seus fins de semana. Viver no paraíso e deixar o mundo rodar... Isso sempre acontece com os recém-chegados que não conhecem as peculiaridades da região. O



problema é que, para formar um sítio nas vizinhanças de Manaus, é necessário derrubar um pedaço da floresta. Com a derrubada das árvores, surge, inevitavelmente, um mosquito terrível, cuja picada causa ferimento dolorido e repugnante, que leva meses a cicatrizar. E o sonho inicial, o do paraíso, acaba por virar pesadelo. Paraíso perdido ...

Mas há uma forma diferente de passar os fins de semana às margens dos rios de Manaus. Ei-lo! Prepare seu próprio barco! Compre o casco de algum pequeno construtor de barcos (e os há às pencas na região) e um marceneiro lhe fará a parte superior: sala, quartos, cozinha e banheiro. Equipe seu barco com holofotes. À noite, eles lhe desvendarão a floresta espessa e iluminarão praias selvagens. Escolha uma delas e não derrube árvore alguma. Apenas desembarque e explore-a. Mas não se esqueça da churrasqueira. Haverá algo melhor do que saborear um churrasco caprichado numa praia deserta, tendo à frente um imenso rio e, às costas, a floresta amazônica?

ANEXO H – Texto: Cena Mineira: As riquezas do Brasil mineiro – das montanhas rumo ao mar

Cotidiano Brasileiro

Cena Mineira: As riquezas do Brasil mineiro – das montanhas rumo ao mar

Fazendo-se o trajeto entre Ouro Preto, em Minas Gerais e Parati, no litoral fluminense, tem-se uma visão surpreendente da paisagem e da unidade arquitetônica das casas e das igrejas da região que por mais tempo marcou a história do Brasil.

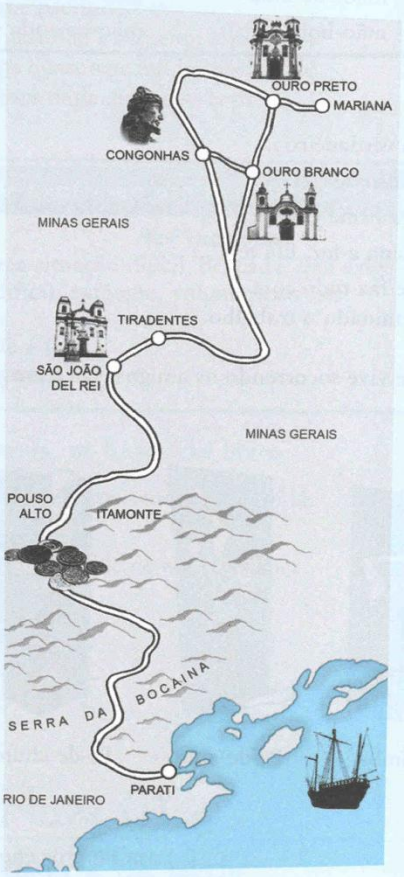
Durante quase 200 anos, pelas cidades de Vila Rica (hoje Ouro Preto), Mariana, Congonhas do Campo, Tiradentes e São João del Rei, passaram as principais riquezas do Brasil Colonial – ouro, prata e pedras preciosas – a caminho de Portugal, através do porto de Parati.

O ouro das Minas Gerais não só enriqueceu o reino português como também ajudou a construir quase todas as igrejas que se espalharam pelo litoral do país, do Rio de Janeiro até o Rio Grande do Norte.

A rota do ouro começa justamente em Ouro Preto. A cidade, com suas ladeiras íngremes cobertas por pedras centenárias, foi tombada pela Unesco como patrimônio cultural da humanidade. Com o tombamento, as igrejas, o casario e os monumentos vêm sendo recuperados.

Na praça Tiradentes, centro da cidade, ficam a igreja Nossa Senhora do Carmo, de 1776, os museus do Oratório, da Inconfidência e de Ciência e Tecnologia.

Igreja, aliás, é o que não falta nas cidades históricas de Minas Gerais, quase todas com obras do Aleijadinho. Só em Ouro Preto são 18, das quais a do Pilar é considerada a mais rica do Brasil, com 450 quilos de ouro espalhados por esculturas e altares. Quanto às pedras preciosas, uma cena continua comum nos dias de hoje, no Largo de Coimbra: uma feira permanente para a venda de topázios, esmeraldas e águas-marinha.



Mas como Ouro Preto tornou-se também uma cidade universitária, podemos presenciar outra cena, moderna agora, inimaginável na época colonial: a concentração de estudantes nos barzinhos e restaurantes da Rua Direita, congestionando-a em julho, nas férias de inverno, tornando-a intransitável por causa da agitação.

Depois de Ouro Preto, descendo a serra, há mais cidades históricas: Mariana e sua igreja da Sé com 365 quilos de ouro no altar; Congonhas no Campo com o adro da Basílica do Senhor Bom Jesus de Matosinhos e seus 12 profetas em pedra-sabão, esculpidos pelo Aleijadinho.

Nesta região histórica, o passado convive com o presente. Existem estradas novas, asfaltadas ao lado da rota antiga, esta sinuosa, estreita, perigosa, feita de pedra. Ao segui-la, não se pode deixar de indagar como conseguiram os portugueses atravessá-la em lombo de burros carregados de ouro. A viagem de 700 quilômetros levava, na época, de 60 a 90 dias. Os contrabandistas, fugindo da fiscalização da Coroa, descobriam sempre novos caminhos para o porto, mais perigosos ainda.

As cenas mineiras continuam a nos surpreender depois de Tiradentes e São João del Rei.

O cenário muda quando, descendo mais a serra da Mantiqueira, vai-se em direção a Caxambu e São Lourenço, cidades termais. Do prazer estético ao prazer corporal.

Rota do ouro e rota das águas. Minas se encontra no centro das duas.

ANEXO I – Texto: Cena catarinense: O Caminho dos Tropeiros

Cotidiano Brasileiro

Cena catarinense – O Caminho dos Tropeiros

No começo do século 18, o tropeiro Francisco de Souza Ferreira recebeu do governo a incumbência de abrir caminhos dos campos do Viamão, no Rio Grande do Sul, até Sorocaba, no Estado de São Paulo. A ideia era viabilizar não só o escoamento da riqueza representada pelo gado de corte e de leite, mas também a movimentação das tropas de cavalos. Começava assim a façanha dos tropeiros gaúchos, que foram abrindo caminhos e topando com belezas naturais, fundando povoados e fazendas, especialmente na Serra Catarinense.

Nesses locais, pernoitavam e, em outros, aproveitavam as pastagens, muitas vezes enfrentando o frio da invernada, que, naquela época, essas viagens podiam levar dez meses e o gado tinha de ir recuperando peso pelo caminho.

Escravos ergueram, ao longo do histórico Caminho dos Tropeiros, as famosas taipas – muros de pedra, pedra sobre pedra, formando corredores, que impediam o gado de perder-se ou de fugir. Calcula-se que, naqueles tempos, seguiam por esses caminhos, anualmente, 300 mil cabeças de gado.

Hoje já não circulam mais rebanhos pelos caminhos das taipas, a não ser em alguns trechos, mas os povoados viraram cidades e as fazendas seculares, resistindo ao tempo, transformaram-se em pousadas acolhedoras. Nessas bandas, já não há mais tropeiros, no sentido antigo da palavra. Há hoje turistas, que veem preservadas, em Santa Catarina, as tradições gaúchas dos tropeiros: o fogo-de-chão, para o aconchego e bate-papo sem hora para terminar,

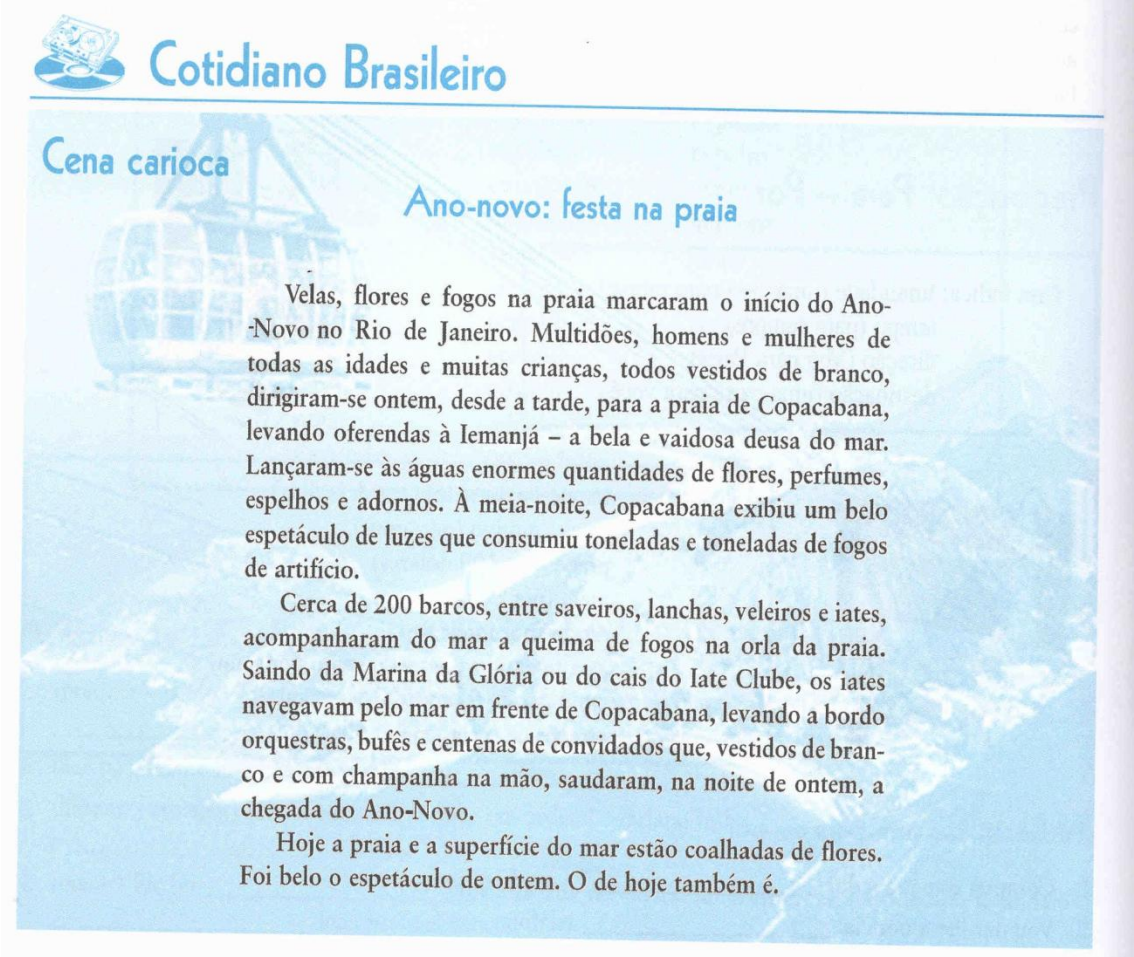
para o cigarro de palha, para o chimarrão, o churrasco e o arroz tropeiro. Por todo o lado, a natureza selvagem, com a surpresa dos canyons, as trilhas, as cachoeiras e as cascatas, os rios e barrancos íngremes, as araucárias imponentes, o contorno da serra.

Há, sem dúvida, muito encanto em passar horas perdidas ao pé do fogo, ouvindo histórias sobre as estâncias de criadores de gado, sobre os curtidos tropeiros, suas prendas, seus cuscos e os piás. E, no inverno rigoroso, há igualmente encanto em trilhas, caminhos sob o gelo, enquanto se contempla a serra, agora diferente, coberta de geada e, em alguns dias, de neve também. Mas também é bom desafiar a natureza, praticando esportes radicais. Você se sentirá um guri, chê, fazendo trekking, rappel e canoagem!

Vocabulário gaúcho

prenda – moça
cusco – cachorro
piá – moleque de fazenda
guri – menino

ANEXO J – Texto: Cena carioca: Ano-novo: festa na praia



Cotidiano Brasileiro

Cena carioca

Ano-novo: festa na praia

Velas, flores e fogos na praia marcaram o início do Ano-Novo no Rio de Janeiro. Multidões, homens e mulheres de todas as idades e muitas crianças, todos vestidos de branco, dirigiram-se ontem, desde a tarde, para a praia de Copacabana, levando oferendas à Iemanjá – a bela e vaidosa deusa do mar. Lançaram-se às águas enormes quantidades de flores, perfumes, espelhos e adornos. À meia-noite, Copacabana exibiu um belo espetáculo de luzes que consumiu toneladas e toneladas de fogos de artifício.

Cerca de 200 barcos, entre saveiros, lanchas, veleiros e iates, acompanharam do mar a queima de fogos na orla da praia. Saindo da Marina da Glória ou do cais do Iate Clube, os iates navegavam pelo mar em frente de Copacabana, levando a bordo orquestras, bufês e centenas de convidados que, vestidos de branco e com champanha na mão, saudaram, na noite de ontem, a chegada do Ano-Novo.

Hoje a praia e a superfície do mar estão coalhadas de flores. Foi belo o espetáculo de ontem. O de hoje também é.

ANEXO K – Texto: Cena de verão

Cena de verão

Templos da boa forma. Vamos lá, braços arremessados à frente, bumbum arrebitado aos ares, que é hora do culto ao corpo. Suor e magia ao som de mil mega-hertz para exorcizar gordurinhas indesejáveis, ossos salientes, barriguinhas e culotes arqui-inimigos da beleza. Gatos e gatas dourados, de olhar fixo no espelho, embevecidos na própria imagem do corpo único e absoluto, harmônico nos passos e saltos, na busca da perfeição para o verão, ávidos por queimar os malfadados quilinhos a mais adquiridos durante as festas de fim de ano.

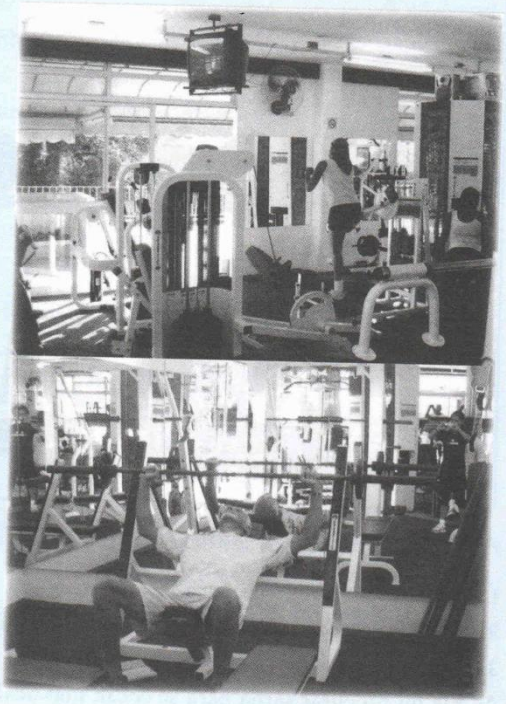
Há academias para todos os gostos e estilos. Muitas têm aparelhos computadorizados que indicam para cada aluno a carga e a sequência de exercícios a serem feitos. Há aulas de ginástica diferentes, que combinam box tailandês e treinamento militar, há piscinas semiolímpicas em espaços com paredes de vidro e teto retrátil. Há salas de musculação com equipamentos de última geração, com monitores de TV dando, o tempo todo, dicas de saúde e nutrição. E para descansar de tanta malhação, há jacuzzis instalados em salas com cascata, iluminação tranquila e aromas relaxantes.

O ambiente é alegre e gostoso e os próprios alunos, supercoloridos em suas malhas de malhar, se encarregam de enfeitar os locais. Em matéria de malha, vale tudo: malha curta ou comprida, inteira ou duas peças, cavada ou fechada, mas sempre ricas em detalhes.

Há de tudo nas academias: cabeleireiros de grife, empório chique de alimentos naturais, restaurantes com cibercafé e cardápios cheios de pratinhos leves e saborosos. Butiques são infalíveis e lá se pode comprar toda a parafernália alegre para complementar o visual dos dispostos praticantes. Academias: uma indústria que cresceu como um bolo de fermento feito em casa.

As academias suam a camisa para atrair o pessoal para a malhação e a turma, por sua vez, se agita, feliz, cuidando do belo corpinho, pronta para exibi-lo nas praias e pela rua da cidade.

Verão – a estação mais narcisista do ano.



ANEXO L – Prefácio da edição de 1990

Prefácio

Português — Via Brasil é obra destinada a pessoas que tenham terminado o curso básico de Português como língua estrangeira e que desejem prosseguir seus estudos em nível intermediário e avançado.

A obra compõe-se de 10 unidades, cada qual contendo textos de autores brasileiros consagrados, com muitas atividades de compreensão e de exploração e ampliação de vocabulário, lado a lado com textos de imprensa retratando cenas do cotidiano brasileiro, textos em linguagem coloquial e material cuidadosamente organizado para desenvolvimento, em aula, de debates de assuntos polêmicos. Na área da gramática, os itens mais complexos do curso básico, qualquer que tenha sido o método de aprendizagem anterior, são retomados, consolidados e aprofundados. Paralelamente, outros itens gramaticais são introduzidos. Todos os passos do programa apresentam exercícios em grande número e variedade.

O curso desenvolve equilibradamente todas as habilidades de linguagem. Seu conteúdo é original e extremamente variado, levando o aluno, através de material sempre interessante, a atingir altos níveis de proficiência lingüística.

As autoras

ANEXO M – Texto: Cena paulistana: Numa carroça, Santino vende seus sorvetes

IV. Cotidiano Brasileiro

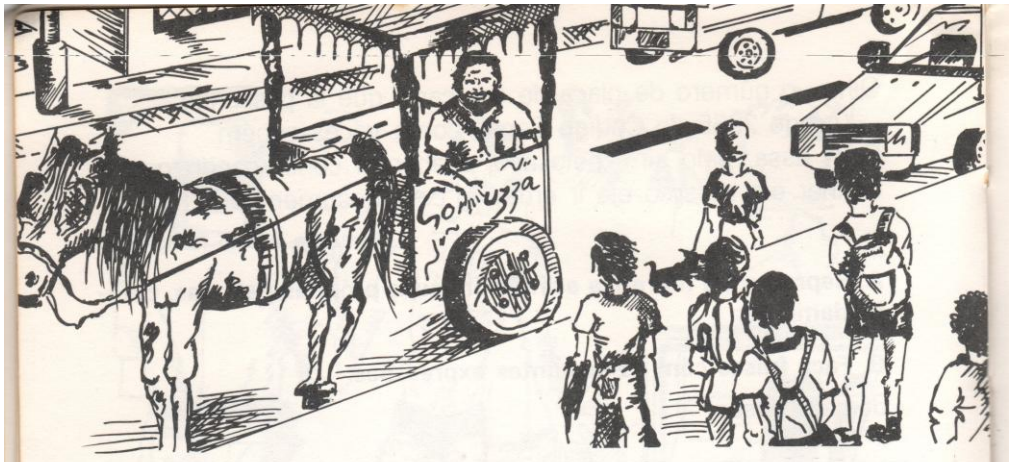
Cena paulistana

Numa carroça, Santino vende seus sorvetes

Alheio à agitação da cidade, há oito anos o sorveteiro Santino Concuzza atravessa todas as manhãs os bairros de Pinheiros e Jardim Paulistano em direção ao Itaim, montado numa carroça branca e vermelha puxada por um cavalo "pampa" malhado. Filho de imigrantes italianos, 64 anos, há 33 ele trocou a metalurgia pela doce profissão de fabricar e vender sorvetes.

Ignorando a pressa dos motoristas, que trocam de pistas e aceleram nos cruzamentos para aproveitar os últimos instantes de um farol aberto, ele segue calmamente, acenando para os amigos conquistados no caminho.

Tentando arranjar um cantinho para "estacionar" e servir o freguês em plena avenida, sua direção são as escolas e feiras do bairro. Só volta para casa no fim da tarde, com o tambor



frigorífico vazio. O almoço faz na própria carroça, "em alguns minutos de sossego".

Lembrando que sua história confunde-se com a do próprio pai, o siciliano José Concuzza, que em 1917 já fabricava e vendia sorvetes pelas ruas de Higienópolis, Cerqueira César, Santa Cecília e Barra Funda, levando às costas um barril de madeira forrado com latão, Santino diz que a carroça foi introduzida em 22, com o crescimento da freguesia.

Mas foi em 51, após passar um ano na Europa, que o velho José passou a "herança e os segredos do sorvete caseiro" ao filho. A partir daí, a rotina na casa de Santino começa sempre às 6 horas. A primeira tarefa do dia é o trato do animal — trocado a cada 6 anos por outro mais jovem: ração, capim, água. Depois, a inspeção nos latões que são colocados na carroça; por fim o café. Em torno das 8h30 Santino sai do Alto de Pinheiros.

Em novembro ele se aposenta, mas não vai parar. "Essa vida é meu amor", diz enquanto ressalta ter feito freguesia e amigos nas proximidades de escolas famosas como Rio Branco, Oswaldo Cruz, Santa Casa e Mackenzie. Disposto a trabalhar enquanto tiver saúde, convive com uma única conseqüência desagradável dessa ocupação: a dor nas costas.

Mas logo emenda satisfeito: "Criei três filhas, tenho uma belíssima casa e amigos por todo canto. Normalmente sou reconhecido por médicos, engenheiros, advogados, esta semana encontrei um juiz de Direito. Todos meus fregueses, quando crianças. Em casa coleciono dezenas de cartões que me oferecem, todos se colocando à disposição. Isso me alegra."

Rosa Eleutério — *Folha de São Paulo*

ANEXO N – Texto: Cena brasileira: O Negro – 13 de maio de 1888 – Abolição da Escravatura no Brasil

IV. Cotidiano Brasileiro

Cena brasileira: O Negro — 13 de maio de 1888

Abolição da Escravatura no Brasil

Dropes

São Paulo — Um grupo de maçons foi ontem de manhã ao Cemitério da Consolação depositar flores nos jazigos de personagens da maçonaria que participaram do processo da Abolição, como Luís Gama, Ruy Barbosa e Líbero Badaró.

Paraná — Cerca de 150 negros participaram, quinta-feira à noite, em Curitiba, de uma passeata silenciosa de protesto, marcada apenas pelo som de atabaques, com o lema "Cem anos de Abolição, cem anos de mentira".

Recife — Membros do Movimento Negro Unificado, dos grupos Raça Negra e Afoxé Alafimoyo e do Comitê Negro da Câmara Municipal fizeram o enterro simbólico do parque 13 de Maio, mudando seu nome para "20 de Novembro", data da morte de Zumbi.

Nova York — Para comemorar o centenário da Abolição haverá, neste fim-de-semana, em Nova York, uma apresentação de capoeira e o batismo de 25 praticantes da arte, realizado por dois mestres brasileiros.

Folha de São Paulo

O Preconceito racial

Cem anos depois da Abolição da Escravatura, a libertação dos negros é ainda uma questão mal resolvida.

Dentro da totalidade da população brasileira, o negro é minoria — 44% de todos os habitantes do país, considerando-se nesse grupo todas as pessoas de pele mais escura — do negro de pele preta com reflexos azulados ao mulato claro. Na camada pobre, no entanto, os negros formam a maioria. Se, de cada dez brasileiros, quatro são negros, de cada dez brasileiros pobres, os negros são seis.

Embora ilegal desde 1951, a discriminação racial está integrada ao cotidiano brasileiro. O preconceito racial não assume formas agressivas, mas faz, indiscutivelmente, parte do comportamento da população. O racismo, condenado publicamente, de forma vigorosa, freqüentemente aflora na esfera privada e em situações concretas de trabalho.

O brasileiro reage de forma emocional, indignada mesmo, se acusado de possuir preconceito racial. A atitude das classes média e alta, porém, o contradiz. Na classe baixa, no entanto, há confraternização — a confraternização na pobreza.

É nessa camada que se verifica a miscigenação.

Fotografia e copyright © Barnabas Bosshart

ANEXO O – Texto: Cena pernambucana: Festas juninas

IV. Cotidiano Brasileiro

Cena pernambucana
Festas juninas

Em todo o Brasil, junho, em sua tradição, conta com três festas populares, em homenagem aos santos do mês: Santo Antônio (dia 13), São João (dia 24) e São Pedro (dia 29). São as chamadas festas juninas.

Fogueira no quintal, rezas, fogos de artifício, danças, comida e bebida, tudo de caráter bem popular, dominam as festas, que se prolongam por todo o mês.

Nas escolas, nos clubes, no sítios, nas fazendas e até nas ruas, dança-se a quadrilha ou o forró, comem-se doces feitos de amendoim, milho, coco e veste-se à moda caipira.

Em Pernambuco, a festa de São João é a mais tradicional do estado.

Recife resgata tradição junina

Os festejos juninos recifenses estão se caracterizando pela disputa, entre ruas de diversos bairros, do primeiro lugar na promoção da Empetur.
A Prefeitura do Recife, por exemplo, calcula que pelo menos dois terços da população envolveram-se, direta ou indiretamente, na folia junina. São mais de 200 ruas com decorações alusivas, 17 arraiais espalhados pelos bairros mais populosos e uma grande festa a céu aberto no Sítio da Trindade, em Casa Amarela.

O forró dominou o São João de ponta a ponta da cidade

Para quem pensava que o São João "bom danado" só iria acontecer mesmo em Caruaru, ou em outras cidades do Interior, este ano se enganou. No Recife a festa junina correu solta até mesmo na Zona Sul, onde estão situados os bairros mais elitizados e distanciados das origens juninas. O som da zabumba, do triângulo e da gostosa sanfona, animou os forrozeiros até o amanhecer. E foi no Restaurante Candelária, em Candeias, onde se registrou a maior animação de toda a orla marítima: do Pina à Barra de Jangada.
Com sua tradicional fogueira de 13 metros de altura, e um lindo show de fogos de artifícios, que durou cerca de 1 hora, o Candelária acabou abrindo suas portas para uma noitada, que foi a mais animada dos últimos cinco anos, em se tratando de festa junina, com os salões enfeitados com bandeirinhas e galhos de bambu. Na parte musical, o conjunto tocou antigos sucessos

juninos. Não faltaram nem as barracas típicas vendendo canjica, pamonhas, bolo de fubá, milho cozido e assado.
Nem mesmo as fortes chuvas que caíram durante a madrugada conseguiram apagar o fogo da fogueira e o calor dos forrozeiros que foram até o Candelária comemorar o São João.

Caruaru

A Polícia Rodoviária Federal teve grande trabalho nas estradas que dão acesso a Caruaru, tal o fluxo de veículos em direção à Capital do forró. No Terminal Integrado o movimento foi recorde. Sem dúvida Caruaru e Campina Grande foram as principais responsáveis pelo grande número de pessoas que circularam pelo TIP nestes dois últimos dias. De acordo com estimativas do Deterpe, mais de 50 mil pessoas passaram pela rodoviária neste período.
O aumento do fluxo de passageiros no Terminal Integrado, no Curado, devido ao feriado dos festejos juninos, fez com que muita gente pernoitasse na rodoviária, ou mesmo fizesse plantão de mais de cinco horas esperando pelos ônibus, com a passagem na mão. A longa espera, segundo os passageiros, devia-se ao fato de o TIP ficar muito afastado, daí, então,"não compensa ir para casa e voltar na hora do embarque", pois estariam arriscados a perder a viagem.

Diário de Pernambuco
Recife

ANEXO P – Texto: Cena brasiliense: Brasília no pau-de-arara

IV. Cotidiano Brasileiro

Cena brasiliense
Brasília

No pau-de-arara

Governador planeja devolver nordestinos ao sertão

O governador do Distrito Federal anunciou na semana passada uma solução drástica para livrar-se de uma população de 100.000 pessoas, em sua maioria migrantes nordestinos, que encarnam os números mais negros do perfil social da capital: enviá-los de

"Não volto para a roça. Lá não há esperança

volta para seus Estados de origem. "Brasília tem que cumprir sua missão institucional de abrigar os poderes constituídos e as delegações estrangeiras, " explica o secretário de Serviços Sociais, autor do projeto, que batizou com o nome de Retorno com Dignidade.

O plano do secretário é promover, em etapas, a retirada dos nordestinos das favelas onde se encontram. "Já estamos fazendo contatos com várias prefeituras dos Estados do Nordeste" anuncia o secretário.

Divulgado, o projeto Retorno com Dignidade provocou reações contrárias entre as partes diretamente interessadas. Os prefeitos, ameaçados de receber de volta uma inesperada carga dos chamados paus-de-arara, estão horrorizados. "Eles não se conformarão em retornar. As condições de vida em Brasília são bem melhores do que aqui. O que haverá aqui é um grande aumento de tensão social", diz a prefeita de São Luís do Maranhão.

Na última quinta-feira, repetindo uma trajetória que seus conterrâneos realizaram há mais de 30 anos, um pernambucano de 23 anos chegou a Brasília com a mulher e cinco filhos e com planos de morar na capital. "Eu não vou voltar para a roça", afirma ele, que, no primeiro dia em Brasília, deu um passeio para conhecer os principais edifícios da cidade e ficou deslumbrado. "Na minha terra, a vida está sem esperança".

Bem-vindos até o final dos anos 60, quando as autoridades necessitavam de seus braços para colocar de pé conjuntos de vidro fumê e ar refrigerado, os migrantes agora enfrentam um quadro oposto, numa cidade prevista para abrigar meio milhão de pessoas no ano 2.000 — mas que, anos antes, já conta com 2 milhões de habitantes.

Veja, (adaptação)

ANEXO Q – Texto: Cena do Pantanal Mato-grossense: Onça-pintada ataca cavalos no Pantanal

IV. Cotidiano brasileiro

Cena do Pantanal Mato-grossense

Onça-pintada ataca cavalos no Pantanal

Todos os anos, 15% dos cavalos do Mato Grosso do Sul são atacados por onças-pintadas. Com 150 quilos e até 2,30 metros de comprimento, a Panthera Uncia costuma deslocar-se a uma velocidade de 60 quilômetros por hora e, em questão de minutos, abater a presa, geralmente bem maior que ela. Embora protegida por lei, por ser uma espécie ameaçada de extinção, a onça-pintada começa a ser perseguida por fazendeiros. Alguns, no entanto, não

o fazem, apesar dos prejuízos que vêm sofrendo. Entre esses, um, que, além de fazendeiro é também ecologista, não permite que onças sejam mortas em suas terras, "por respeito a um bicho nobre, com ares de aristocrata". Ele explica que, como todo fidalgo, a onça é indolente: "Ela é tranqüila e, se alguém a incomoda ou persegue, afasta-se apenas o suficiente para não ter aborrecimento".

Por trás dessa tranqüilidade e da vontade de não ter trabalho, que a leva a comer, durante três dias, a caça abatida, a onça esconde incrível força e agilidade. Ela sempre ataca do solo. Saltar sobre o dorso de um boi ou cavalo não é tarefa difícil para o jaguaretê, denominação dada pelos índios à onça-pintada, que significa "aquela que mata de um salto".

Alguns veterinários acreditam que os cavalos do Pantanal estão sendo atacados por onças velhas. De acordo com eles, quando uma onça mais forte expulsa a mais velha do território que até então dominava, esta não tem mais acesso às capivaras, veados e caititus. Torna-se então nômade e passa a atacar uma caça mais fácil — bezerros e potros — numa reação semelhante à dos tigres velhos da Índia, que se tornam comedores de carne humana.

A onça-pintada, hoje restrita ao Brasil Central, Amazônia e Paraguai era encontrada do Sul dos Estados Unidos até a Argentina. O comportamento desse animal ainda guarda mistérios. Ninguém sabe, por exemplo, por que a onça hesita em investir contra uma manada se fizer parte dela um burro ou um jumento.

Luiz Roberto de Souza Queiroz
O Estado de São Paulo (adaptação)

ANEXO R – Texto: Cena amazonense (1) Passeando de barco pelas cercanias de Manaus

IV. Cotidiano Brasileiro

Cena amazonense (1)
Passeando de barco pelas cercanias de Manaus

Muitos vão a Manaus para fazer compras em lojas de produtos importados. Esses são os turistas tradicionais, os que voltam para casa carregados de aparelhos eletrônicos e de mil e uma quinquilharias. Manaus, entretanto, oferece outros cenários a seus visitantes contanto que estes se disponham a trocar o hotel 5 estrelas por um barco de madeira. Com ele navegarão algumas horas pelos rios Negro e Solimões à procura de uma praia desconhecida, escondida no meio da floresta. Encontrado o paraíso, o turista não resistirá à tentação de instalar-se nele, formar um pequeno sítio para seus fins-de-semana e deixar o mundo rodar. É sempre assim. Isso sempre acontece com os recém-chegados que não conhecem as características da região. Para formar-se um sítio nas vizinhanças de Manaus, é necessário derrubar um pedaço da floresta. Com a derrubada das árvores, surge sempre um mosquito terrível, cuja picada causa um ferimento dolorido e repugnante, que leva meses a cicatrizar. E o sonho inicial acaba por virar pesadelo.

Mas há uma forma diferente de passar os fins de semana às margens dos rios de Manaus. Prepare seu próprio barco! Compre o casco de algum pequeno construtor de barcos (e os há às pencas na região) e um marceneiro lhe fará a parte superior: sala, quartos, cozinha e banheiro. Equipe seu barco com holofotes. À noite, eles lhe desvendarão a floresta espessa e iluminarão praias selvagens.

E não se esqueça da churrasqueira. Haverá algo melhor do que saborear um bom churrasco numa praia deserta, tendo à frente um imenso rio e, às costas, a floresta amazônica?

ANEXO S – Texto: Cena amazonense (2) O outro lado da moeda

IV. Cotidiano Brasileiro

Cena amazonense (2)

O outro lado da moeda

Transporte na Amazônia

A Amazônia é uma grande área geográfica da América do Sul, definida por fatores tais como o clima equatorial, a floresta, a bacia hidrográfica e a planície amazônica.

Essa área abrange o Peru, a Bolívia e a Colômbia. No Brasil, estende-se pelos estados do Amazonas, Pará ,Acre, além do norte do Mato Grosso, oeste do Maranhão, Roraima e Amapá.

Aí, a enorme quantidade de rios e riachos (ou ribeiros) faz dos barcos, particulares ou públicos, o meio de transporte mais importante. A população ribeirinha, por exemplo, depende geralmente dos barcos públicos para se locomover de uma cidade para outra.

Capitania vai autuar barcos superlotados

A Capitania dos Portos do Pará intensificará a permanente campanha que objetiva alertar os ribeirinhos e a população em geral dos riscos de se viajar em embarcações superlotadas. Além disso, a Capitania realizará uma fiscalização rigorosa nos principais portos de embarque de Belém e do interior, intensificando o patrulhamento.

As embarcações que não cumprirem com o Regulamento de Tráfego Marítimo quanto ao limite de passageiros e à exigência de equipamentos de segurança, serão autuadas.

Capitania tenta alertar ribeirinhos sobre superlotação

Pense antes de embarcar! Esse é o alerta da campanha que a Capitania dos Portos do Pará promove, a partir de julho, no sentido de prevenir e evitar mortes por naufrágio, provocadas pelo excesso de passageiros nas embarcações que navegam pela região. A campanha enfatiza a necessidade de alertar-se a população (principalmente a ribeirinha), de uma vez por todas, para o perigo que

representa viajar em uma embarcação com excesso de lotação, e relembra casos como o do barco "Milagre de Deus", que naufragou quando retornava da festa de S. Pedro, em Salvaterra. O barco, que tinha capacidade para quinze pessoas, transportava duzentas. A Capitania pretende realizar um trabalho de fiscalização nos principais portos de embarque, em Belém e no interior, além de intensificar o patrulhamento naval, efetuando, inclusive, a contagem de passageiros para evitar que, nos pontos intermediários entre um porto e outro, haja o embarque de novos passageiros, provocando a superlotação. A campanha faz grave advertência: segundo o artigo 243 do RTM (Regulamento do Tráfego Marítimo), toda embarcação tem um limite de passageiros, determinado pela Capitania, além de todo o equipamento de segurança necessário (coletes salva-vidas e balsas). Os infratores serão autuados e, de acordo com a gravidade da infração, terão suas embarcações multadas, suspensas ou interditadas.

Durante todo esse mês, a Capitania deverá centrar esforços nos portos do interior do estado, em virtude dessa época ser caracterizada por inúmeras manifestações populares festivas em vários portos como os de Mosqueiro, os da região do Marajó, de Óbidos e de Barbacena. A campanha será veiculada através de cartazes que serão afixados nos portos e embarcações, alertando sobre os perigos da superlotação. A Capitania dos Portos faz, ainda, um apelo para que os veículos de comunicação divulguem junto à população essa campanha para que, "juntos possamos evitar as tragédias de tantas mortes causadas por naufrágios".

ANEXO T – Texto: Cena baiana: Romeiros sem medo de perder a vida

IV. Cotidiano Brasileiro

Cena baiana

Os romeiros do interior viajam longas distâncias nos paus-de-arara arriscando a vida

Romeiros sem medo de perder a vida

Os paus-de-arara continuam transitando, normalmente, pelas rodovias baianas, lotados de fiéis em romaria, já esquecidos da tragédia ocorrida com o caminhão que despencou de uma ponte perto de Cachoeira, há poucos dias. Apesar da proibição do Contran, os caminhões — verdadeiras arapucas — circulam livremente sob o olhar complacente da Polícia Rodoviária Federal. Constatou-se que o motorista do caminhão acidentado em Cachoeira conseguiu burlar a Polícia Rodoviária Federal, tomando atalhos e que o veículo estava com defeitos mecânicos, sendo atribuídas a estes dois fatores as principais causas da tragédia. Comprovou-se, entretanto, que o "ardil" dos motoristas para fugir à fiscalização não pode ser apontado como motivo para a continuidade da infração. Muitos paus-de-arara passam pelos postos móveis da Polícia Rodoviária Federal e, depois de rápida conversa, prosseguem seu caminho.

Diz um romeiro procedente do arraial de Sete Portas, município de Feira de Santana:

— A gente procura evitar a estrada de rodagem. Vem por dentro, mas, a certa altura, tem que pegar a BR. Aí, quando aparece o posto, a gente reza. Nossa Senhora das Candeias sempre ajuda. A gente sabe do perigo, mas não tem outro jeito. Moramos no mato. Não passa ônibus lá. A gente não pode deixar de receber a bênção de Nossa Senhora das Candeias. É ela que dá força para a gente continuar vivendo.

Diz um guarda rodoviário:

— Eles vêm de longe, rezando, a gente fica com pena e acaba deixando passar. Às vezes, já fizeram 90% do trajeto. Como fazê-los retornar?

No fundo do despenhadeiro, onde foi parar o caminhão que levava os 81 romeiros, no último domingo, as marcas da tragédia permanecem como uma espécie de alerta: sapatos, chupetas, roupas de adultos e de bebês, pentes e até uma dentadura formam um melancólico rastro do acidente que matou 68 pessoas e feriu gravemente outras 13.

Jornal da Bahia

ANEXO U – Texto: Cena carioca: Ano novo: festa na praia

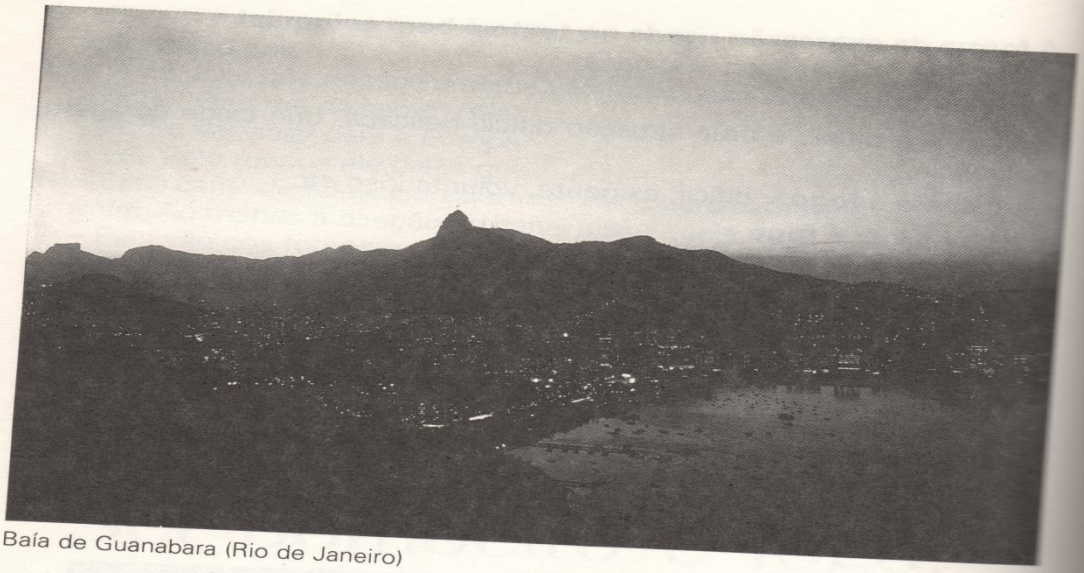
IV. Cotidiano Brasileiro

Cena carioca

Ano novo: festa na praia

Velas, flores e fogos na praia marcaram o início do Ano Novo no Rio de Janeiro. Multidões, homens e mulheres de todas as idades e muitas crianças, todos vestidos de branco, dirigiram-se ontem, desde a tarde, para a praia de Copacabana, levando oferendas à Iemanjá — a bela e vaidosa deusa do mar. Lançaram-se às águas enormes quantidades de flores, perfumes, espelhos e adornos. À meia-noite, Copacabana exibiu um belo espetáculo de luzes que consumiu 46 toneladas de fogos de artifício.

Cerca de 200 barcos, entre saveiros, lanchas, veleiros e iates, acompanharam do mar a queima de fogos na orla da praia. Saindo da Marina da Glória ou do cais do Iate Clube, os iates navegavam pelo mar em frente de Copacabana, levando a bordo orquestras, bufês e centenas de convidados que, vestidos de branco e com champagne na mão, saudaram, na noite de ontem, a chegada do Ano Novo.



Baía de Guanabara (Rio de Janeiro)

Hoje a praia e a superfície do mar estão coalhadas de flores. Foi belo o espetáculo de ontem. O de hoje também é.

ANEXO V – Texto: Cena de Verão: A celebração do corpo no verão das academias

IV. Cotidiano Brasileiro

Cena de Verão

A celebração do corpo no verão das academias

Templos da boa forma. Vamos lá, braços arremessados à frente, bumbum arrebitado aos ares, que é hora do culto ao corpo. Suor e magia ao som de mil megahertz para exorcisar gordurinhas indesejáveis, ossos salientes, barriguinhas e culotes arquiinimigos da beleza. Gatos e gatas dourados, de olhar fixo no espelho, embevecidos na própria imagem do corpo único e absoluto, harmônico nos passos e saltos, na busca da perfeição para o verão. É a geração aeróbica destilando veneno e prazer nas academias de ginástica. Quando estourou no Brasil, a aeróbica de alto impacto parecia querer igualar humanos e cangurus. Apenas se pulava, pulava, pulava. Mas os joelhos não são de ferro e os "homens-canguru" resolveram baixar a bola, chegando, então, ao velho e conciliador meio-termo. Embora a coqueluche de agora seja a prática de várias atividades diferenciadas para atingir o condicionamento físico total, a moçada, por enquanto, para espantar os malfadados quilinhos a mais adquiridos nas festas de fim de ano, continua dando seus saltos comportados nos grandes salões espelhados das academias. Incansável batalha.

O ambiente é alegre e gostoso e os próprios alunos, supercoloridos nas suas malhas de malhar, se encarregam de enfeitar os locais. Em matéria de malha, vale tudo: malha curta ou comprida, inteira ou duas peças, cavada ou fechada, mas sempre em cores quentes e ricas em detalhes.

Há de tudo nas academias: lanchonetes, saunas, tratamento de pele, piscinas, bicicletas, salas de estar, cabeleireiros, locadora de vídeo... As butiques são infalíveis e lá se pode comprar toda a parafernália alegre para complementar o visual dos dispostos praticantes. Uma indústria que cresceu como um bolo de fermento feito em casa.

Enquanto as academias investem, buscando cada vez mais a perfeição, a turma se agita, feliz, cuidando do belo corpinho bronzeado pelo verão — a estação mais narcisista do ano.

O Estado de São Paulo — Caderno 2 (adaptação)